

FOLCLORE

DO NORDESTE

EDUARDO CAMPOS

FOLCLORE
DO NORDESTE

Fortaleza
1960

SUMÁRIO

LITERATURA POPULAR E OBSCENIDADE	7
ROMANCEIRO DO PADRE CÍCERO	21
A MULHER E A GALINHA	37
VARIAÇÕES SOBRE A CACHAÇA	49
PROTETORES DO AMOR	63
O SERTANEJO E AS SUAS SUPERSTIÇÕES	73
NOTICIA DE UM ROMANCE RÚSTICO	85
NÓS E OS ANIMAIS	101
COMPORTAMENTO MORAI DO SERTANEJO	111
ETIQUETA DA VIDA RURAL	121
UMA CERTA MATRONA DE ÉFESO	137
MULHER – ARCA DO BEM	145
OS PODERES DA SALIVA	155
TERAPÊUTICA POPULAR	163
DESAFIOS E CANTADORES	175
O LIVRO DE CHERNOVIZ	191
MALES DOS OLHOS E PEDIATRIA SERTANEJA	201
A DANÇA DA “TRANÇA”	213
FOLCLORE E AÇÃO DAS ELITES	221

LITERATURA POPULAR E
OBSCENIDADE

LOCAIS DE CONCENTRAÇÃO PÚBLICA, PRINCIPALMENTE OS QUE oferecem a sua intimidade a atos normais de ordem fisiológica; presídios ou albergues, que reúnem pessoas de classe inferior, apresentam em suas paredes, quase sempre, frases ou símbolos que evidenciam a existência de homens sem dignidade, pobres criaturas frustradas que desejam marcar, com o toque da obscenidade, o local onde estiveram por alguns instantes sem a competição do caráter e da moral de quantos, felizmente, formam a maioria da humanidade.

A psicanálise, aprofundando-se ao subconsciente para explorar o homem em seus impulsos iniciais; a psiquiatria servindo os elementos necessários ao combate e ao estudo das alterações mentais, em estreita colaboração com outras ciências, têm revelado de maneira inequívoca o motivo que estimula homens e mulheres à prática da linguagem licenciosa e à grafia de seus símbolos.

Dr. Alfredo M. Saavedra (in *Anuario de la Sociedad Folklórica de México*, II, México, 1942) ao ocupar-se do “El “Caló” de la Delincuencia y la Expresión Sexual”, após declarar que “la expresión folklórica que se refiere a cuestiones sexuales está íntimamente ligada al concepto de obscenidad”, oferece-nos preciosa relação, para estudiosos, de vocábulos por ele anotados no decorrer de suas pesquisas, não esque-

cendo de acentuar que “la coprolalia es ei lenguaje de la obscenidad, la expresión de un estado de conciencia deshonesto, de una malicia satírica”.

O historiador popular (o homem que conta em versos impressos pequenas histórias de sua autoria, ou de outros, e faz comentários de episódios que o impressionam) reflete o espírito da época em que vive. Há anos vimos fazendo um levantamento do romanceiro popular, principalmente o que trata de aventuras amorosas, procurando julgar até que ponto tornou-se positiva a perniciosa influência da obscenidade intencional. Talvez não seja ainda chegado o momento oportuno para uma tomada de posição com referência ao assunto – que, diga-se de passagem, é simplesmente apaixonante – mas, tal o interesse que encontramos nele, tal a soma de valores informativos, que acreditamos já ter colhido, que até poderia parecer, vamos admitir, retendo-os, uma atitude egolsta de manter o estudo em situação de propriedade privada, sem oferecer a outros estudiosos interessantes resultados até aqui porventura obtidos.

Infelizmente, trabalhos dessa natureza, com as características de pioneirismo, envolvem condições especiais de pesquisa, problemas pela falta de estudos para comparações de texto e uma troca permanente de idéias até ser possível aceitar um julzo melhor sobre o comportamento do artista popular, o profissional do verso, diante de sua evidente deformação moral, abandonando os temas sentimentais, de exaltação ao belo, para dedicar sua inteligência a assuntos repugnantes.

Saavedra lembra-nos, judiciosamente, que usam a linguagem obscena os que têm complexo de inferioridade, reforçados por um estado de incapacidade física ou sexual. Porém, ao mesmo tempo, adverte-nos de que as questões sexuais são tratadas pelo povo, quando bem intencionado –

e e o que acontece com a maioria – com pureza sem igual. Convenhamos ser dispensável essa observação, porquanto sabemos todos nós que o povo, principalmente o que se integra nesta massa anônima da qual surgem os repentistas, cantadores ou historiadores de folhetos, comenta tais assuntos com impressionante gravidade, respeitando-se neles as crianças e as moças “donzelas”.

Somente um estado estranho (comportamento particular ou expressão de determinado ambiente) poderá estimular o poeta do povo a ocupar-se de assuntos escabrosos, prejudicando a beleza de seus versos pela malícia desenfreada ou a torrente de grosseira pornografia que tem a coragem de executar. Saavedra é altamente feliz quando conclui seu trabalho com esta afirmativa: “La expresión popular sexual está revestida de las formas de pudor elementar, medidas, por la censura social que se equilibra con la autocrítica; cuando se rompe esta aparece la obscenidad intencionada”.

Ninguém ignora que o cinema, as revistas licenciosas, os exemplos degradantes que a sociedade não pode esconder, a rápida evolução de costumes que se verifica ao estímulo de centros mais adiantados, infelizmente atuam nas províncias, nos círculos sociais rurais mais modestos, com o perigo da novidade que quase sempre é adotada. Os rapazes criam vícios os mais ostensivos e as moças seguem as exigências da moda, sem relutância. E ao sopro dessa transformação ambiente desenvolvem-se os pequenos escândalos, deturpam-se os fatos e o próprio amor, até então concebido dentro de princípios da mais elevada moral, transforma-se, de repente, em aventura. Os números musicais que formam os programas normais das estações de radiodifusão, expressam, via de regra, amor pecaminoso, história de mulheres infelizes que não encontraram no casamento a almejada felicidade, cenas de adultério nas quais é ressaltada a resignação dos que so-

frem por terem sido enganados, e tantos outros temas que corrompem. A revista que penetra o sertão, a seu turno, é geradora de novas influências: dita a adoção de enfeites, de utilidades e necessidades de um modo geral. O cinema completa o quadro: transporta para as telas da comunidade rural todos os dramas domésticos que a sociedade moderna, nos grandes centros, resignou-se aceitá-los sem protesto.

O nosso folclore está rico de situações em que se poderá observar o castigo infligido às criaturas em função de certas amizades ou ligações proibidas. Não será, por exemplo, a “Mula-sem-cabeça”, um duende que cumpre a necessária pena por ter conquistado para o amor impuro um ministro de Deus? Ruth Guimarães, (in *Os Filhas do Medo*) conta-nos a versão de uma “mula-sem-cabeça” que, em lugar da cabeça, tem uma labareda. E explica-nos que “de qualquer maneira, é o fogo como castigo da profanação de um sacramento e continuando o seu milenário papel de purificador”. E se isso não bastasse para comprovar a série de castigos que sofrem os impuros, os que transgridem as leis morais, existe o mito do “boi tatá”, da cobra de fogo, que corre pelos campos amedrontando os incautos.

Baseado em Juan B. Ambrosetti, autor de *Superticiones y Leyendas*, é ainda a escritora paulista que nos auxilia a reforçar o nosso ponto de vista: “Compadre e comadre que mantiveram relações sexuais olvidando o sacramento que os une, transformam-se em “boi tatá”, ou seja, em serpentes ou pássaros, que têm, em vez de cabeça, uma chama. Passam toda a noite queimando-se mutuamente até a madrugada, e assim todas as noites, “per secula seculorum”, mesmo depois de mortos”.

As histórias de amor mais populares que fazem a delícia dos frequentadores das feiras sertanejas e dos mercados dos centros urbanos, certamente são ainda aquelas que apresen-

tam a vida e as aventuras de *Branca de Neve e o Soldado Guerreiro* ou as *Histórias de João de Calais*, *História da Escrava Guiomar*, *História de Rosa de Milão*, *Prisão de Oliveiras*, e tantas outras impregnadas de romantismo. A não ser esta literatura, bastante generalizada, outra de mais atualidade ocupa-se dos desafios de célebres cantadores em que se destacam os encontros não menos famosos de Bernardo Nogueira e o Preto Limão, Cego Aderaldo e Francalino, Odilon de Brito e a paulista Maria Bela, Moisés Matias de Moura e Antônio Cosmo da Silva; verdadeiras porfias de inteligência.

Mas, em meio a esses livros que se publicam, criando uma literatura popular à parte, aparecem e continuam surgindo, com certa persistência, as histórias licenciosas, a narração de fatos escabrosos onde o que poderia ser uma espirituosa maneira de dizer as coisas não passa de mera frustração do talento, da imaginação, no exercício do metro e disciplina da rima.

O mesmo que disse o pesquisador Dr. Alfredo M. Saavedra sobre o vocabulário sexual que recolheu, podemos repetir aqui com referência a certos versos que circulam nas feiras, nos mercados, com mais frequência: “Cuánto, y cuánto se puede leer en esa grafología morbosa, que está impulsada por ei complejo; ignorancia, ineducación, superación, por compensación, perpetuación, desquite social, burla y procacidad final”.

Sem uma fiscalização social, sem a constituição de uma autocrítica suficiente, estes novos elementos de reflexo da conduta humana, é que vão formar a corrente caudatária de mais um setor do nosso folclore. O material até agora recolhido por nós comporta um estudo de seu desenvolvimento, primeira tentativa, julgamos nós, de uma interpretação do assunto e da sua apresentação como motivo a debates ou à simples apreciação de julgamentos críticos mais percucientes.

Verdade é que deliciosos versas, como os do folheto *ABC dos Namorados*, do pôeta Zé Bernardo da Silva, por nós adquirido em Juazeiro do Norte (Ce.), comparáveis somente aos de Joaquim Batista de Sena (*Os Amores de Chiquinha e as Bravuras de Apolinário*), dia a dia, estão se tornando mais raros. Existe, agora, para tristeza daqueles que estudam o nosso folclore no que há de mais vivo e mais interessante na põesia popular, uma tendência condenável para o aproveitamento de temas que se desenvolvem sem grande interesse, destituídos de qualquer valor e sufocados por uma vulgaridade que revolta ao floclorista mais condescendente.

O *ABC dos Namorados* possui sextilhas maravilhosas e em algumas situações deixa perceber o pôeta popular com toda a sua mensagem sentimental de amor e exaltação à mulher. Há versos de grande simplicidade; outros em que o artifício da rima, na ortografia incerta e vacilante, cria situações de uma gostosura sem igual, valendo a pena o início da sextilha na letra X, como um exemplo:

X – *Xorarei se por ventura
Não lograr o que desejo
Eu um dia ter o gosto
De dar em tuas faces 1 beijo
De tua boca delicada
Aproveitar o ensejo*

Se nada houvesse neste *ABC* que identificar a sensibilidade do pôeta, afora as sextilhas iniciais, Zé Bernardo da Silva jamais poderia ser considerado um homem sem sentimento ou um trovador sem habilidade. Vejamos, para confirmar o elogio, a qualidade de seu versas que, abordando as relações de amizade entre duas criaturas, consegue manter-se distante das palavras e conceitos desprimorosos:

- A – *Abi vai este papel tirado do A B C
repare que toda letra
Só é falando em você
Quanto mais tempo se passa
Mais aumenta o bem querer*
- B – *Bemsinho, desde o dia
que eu contigo falei
que todos os meus sentidos
Só em você empreguei
Se for por ti desprezado
Não sei como viverei*
- C – *Coitado! triste de mim
se for por ti desprezado
sei que perco meu julzo
irei viver isolado
do amor faço esquecido
e do mundo abandonado*
- D – *Desde a hora que te vi
que retratei no meu peito
vou comer não sinto fome
tudo só por teu respeito
Vivo quase pra morrer
só tu me pode dar jeito*

Exceção feita a esses versos e aos que integram os folhetos *Os Amores de Chiquinha e as Bravuras de Apolinario*, dentre quantos foram recolhidos por nós no afã de fazer um levantamento judicioso de elementos para o presente estudo, o restante pode ser classificado em duas categorias distintas:

- a) Versos que condenam a licenciosidade dos dias atuais, sem contudo ficarem isentos de culpa pelas situações descritas.
- b) Versos totalmente obscenos em que se sente bem pronunciado vil sentido mercantilista e desejo de atrair leitores pelo deboche, pela má-fé e pelas situações anormais.

As Donzelas de Hoje, versos de Davi Silva (folheto de oito páginas, capa ilustrada com regular xilogravura em que se vê uma mulher sendo apunhalada por um homem) possui uma poesia que, com outras palavras, apenas corresponde àquela realidade ambiente que descrevemos anteriormente:

*Mundo velho desgraçado
O teu povo precisa um jeito
a corrupção é tremenda
não existe mais respeito
pois a moda é mostrar
calça, sovaco e peito*

.....

*É preciso que eu esclareça
a moda que está em gosto
É raspar as sobrancelhas
Meias caiu do posto
No vestido ligadinho
Nem casa e paga imposto*

.....

*Nos outros tempos passados
Uma moça quando sabia*

*Avisava a seus pais
Quando vinha para onde ia
Hoje é tudo ao contrário
Elas voltam no outro dia*

Podem ser incluídos, facilmente, na primeira classificação, das duas que aqui resultarão de nossas impressões, os versos de *O Chafurdo dos Namorados nas Fuzarcas de Hoje em Dia*, do poeta João Quintino Sobrinho:

*O mundo está transformado
em verdadeira anarquia
só se quer viver de farra
jogo, taverna e fulia
eu não tendo o que fazer
vou ao menos descrever
e namoro de hoje em dia
Moça do tempo passado
quando um rapaz namorava
era com tanta cautela
que o pai não suspeitava
Se alguém visse o seu segredo
ela cismada, com medo,
diariamente chorava*

E continua o poeta contando o namoro das moças de sua época, dos dias que já se foram, em que lembra os deveres das donzelas que tinham “sujeição”, isto é, viviam orientadas, sob a fiscalização de seus familiares, trabalhando em casa em prendas domésticas, bordando, ou ajudando os mais velhos a semear a terra. E, hoje, como são estas donzelas? Que fazem elas?

*Porém as moças de hoje
namoram por brincadeira
é em casa é na igreja
é no cinema, é na feira
é no solto é no ligado
é um namoro arrojado
que só mecha de ronqueira*

Daí por diante o poeta se perde em versos sem categoria; há um declínio de sua verve e de repente desaparece aquela maneira delicada e engenhosa de dizer as coisas, nada mais existindo comparável ao precioso “namoro arrojado que só mecha de ronqueira”. Sirvam como elementos probatórios, do que dizemos, os versos que se seguem:

*Em outro samba de festa
na fazenda do Rosado
uma mãe deu numa filha
porque beijou um casado
chorando ela disse assim
a senhora acha ruim
porque não tem namorado*

Os demais folhetos que se ocupam do amor ou das relações sociais ou mais precisamente humanas, ora narrando festas de casamentos, ora depondo sobre as vantagens e desvantagens de ser solteiro ou casado, enveredam-se por aquelas condições (letra B de nossa classificação) que nos lembram, uma vez mais, as palavras de Saavedra: “La expresión popular sexual está revestida de las formas de pudor elemental, medidas por la censura social que se equilibra con la autocrítica; cuando se rompe esta aparece la obscenidad intencionada”.

Uma Festa no Sertão, (anônimo), *O Casamento de Zé Miolo com Chica Pelada*, de José Bernardo da Silva, *Porque Faz Medo Casar*, (anônimo), para citar apenas três, são obras concebidas em linguagem obscena cujos versos, quase sempre, envolvem indefectíveis quiproquós ou escabrosas situações em que se sente, evidenciado, odioso objetivo pornográfico.

Do folheto de Olegário Pereira Neto: *Nova História da Cachorra que Botou no Velho Chico Tingole na Ladeira do Quiabo*, cujo título já encerra um sentido dúbio, extralamos algumas sextilhas que exemplificam as manifestações do gênero:

*O negro contou esta história
Ao velho Chico Tingole
Disse o velho: você só correu
Porque você é um mole
Se eu encontrar com esta malvada
Dou-lhe uma surra tão danada
Deixo ela como um fole*

.....
*Este velho foi a feira
Chegou lá comprou uns covas
De volta para casa
Descansou em Currais Novos
Em casa de um seu parente
Uma prima deu-lhe um presente
De uma pomba e 12 ovos*

*O velho ai demorou-se
Só saiu quase à noitinha
Levando os cavos de um lado
E os ovos numa caixinha
Com toda esta arrumação
Na cintura o seu facão
E na mão a sua pombinha*

*Estava se formando chuva
E escureceu de repente
Com pouco viu a cachorra
Que pulou em sua frente
O velho enganchou-se nos covas
Caiu e quebrou os ovos
E a pomba ficou doente*

*Quando este velho caiu
Pulou, pegou no facão
E gritou: cachorra danada
Tu sois aramada do Cão
Estou com os ovos quebrados
Mas ainda estou animado
Que estou com a pomba na mão*

Nestes versos do poeta Olegário Pereira Neto há a preocupação de levar ao leitor a idéia dos órgãos sexuais do homem, apresentados sob um disfarce que não resiste ao menor exame crítico. Pelo menos na poesia popular sertaneja obscena, são as partes sexuais masculinas que servem de inspiração a esses temas que traduzem um desajustamento de ordem social. De permeio a isso desenvolvem suas apreciações com o aproveitamento de episódios anedóticos e da terminologia chá, rasteira, da linguagem de “estrada”. E em assim fazendo, sem se perceberem, estão empobrecendo o nosso folclore com uma literatura obscena que, embora nos ofereça motivos para estudos das condições sociais e de desequilíbrio do povo, nada mais representam do que uma triste prova de falta de caráter e involução artística.

ROMANCEIRO DO
PADRE CÍCERO

DENTRO DE MAIS ALGUNS ANOS, INEVITAVELMENTE, O ROMANCEIRO do Padre Clcero Romão Batista, “postmortem”, estará formando uma bibliografia sobremodo alentada. Não é exagero fazer-se um vaticnio dessa ordem quando é do conhecimento de todos a maneira sincera, profundamente humana, com que o rurlcola liga-se afetivamente às pessoas que mais admira, sendo que no caso em espécie, mais do que uma criatura humana morta representa o Padre Clcero Romão Batista uma grande soma de poderes divinos que o coloca submisso e atento ao seu nome.

O patriarca dos sertões cearenses foi uma das grandes figuras do seu tempo. Dividindo sua habilidade entre o poltico e enérgico e o padre caridoso que era, a pouco e pouco foi assegurando a Juazeiro do Norte sua independência municipal. E, durante o longo tempo que viveu, praticando boas obras, protegendo os pobres, que os amparava com freqüência, ofereceu àquela cidade um desenvolvimento e um progresso fora do comum, conquistando, assim, de maneira decisiva, o amor e a amizade de seus paroquianos.

Morto, seu nome ficou mais vivo na voz dos cantadores, nos versos humildes dos que recolhem a história do *hinterland*, nas conversas de seus coevos, nas lembranças que hoje acodem a qualquer filho daquela terra

ao ser interpelado por estranhos a respeito do progresso do município.

Seu passamento assinalou o início de um dos romances mais significativos de que se tem notícia, e, embora se diga que Juazeiro do Norte dos dias hodiernos pouco tem do abnegado padre, não é sem razão que se sente para ali convergirem, todos os anos, os chamados “romeiros” que levam àquela região, sem se aperceberem disso, novos resquícios para o seu já rico folclore.

Padre Clcero Romão Batista, cresce, agora, na admiração desse povo. Agiganta-se. Os seus historiadores populares contam passagens de sua vida, enaltecem-lhe pelos méritos que possuía, narram episódios em que se pronuncia uma existência vivida de boas obras em favor do próximo. Nos folhetos da literatura de cordel, que trazem as assinaturas de João Ferreira Lima, José Bernardo da Silva, João de Cristo-Rei, está bem modelado o espírito com que a grande coletividade sertaneja daquela privilegiada zona recebe e procura explicar a vida e a obra do padre.

José Bernardo da Silva escreveu as seguintes obras: *A prantiada morte do Padre Clcero R. Batista*, *O Cruzeiro do Horto e Aviso do Padre Clcero*, com subtítulos: *Para Despertare Converter Pecadores*. Essas edições, com as capas em papel de cor e títulos em negrito, foram impressas na própria cidade de Juazeiro do Norte. O “historiador”, que é um dos nomes mais conhecidos nos sertões nordestinos através de outros folhetos que imprime e vende, com sua maneira simples de interpretar e narrar a “prantiada morte do Padre Clcero”, logo no início de seu interessante opúsculo, afirma que o patriarca cegou para não ver os usos do “hoje presente”. E conta aquela história já sabida do tratamento de uma enfermidade do globo ocular, a que se submeteu o padre, mas com particularidades tão bem urdidas que surpreendem o leitor e nas quais sobrepõem al-

guns verdadeiros achados da poesia cabocla. Vejamos, como exemplo, a sextilha que se segue:

*Corria o vocal na rua
Um dizia: vai; outro: não vai
Diz um: é bom ir, outro diz: não
Até que ele não foi mais
Mas a surpresa anda alerta
De vez em quanto penetra
Com seus gestos acidentados*

A seguir detalha a recomendação que o padre fizera aos romeiros, ordenando-lhes pedirem à Virgem das Dores que os defendessem da peste e “quando o homem chegasse” (o médico), não esperassem ordens suas, pois nada mais tinha a dizer. Versos adiante, o “historiador” retoma o seu ponto de vista, aproveitando-se das próprias palavras do patriarca, que teria dito:

*Porque minha doença
Médico algum dará jeito
Nem os santos milagrosos
Não tiraram proveito
Tiravam os pais de família
se obrigassem as filhas
terem vergonha e respeito*

O leitor menos avisado diante dessa sextilha poderá correr o risco de conceber Juazeiro do Norte, àquela época, uma cidade em que dominassem os devassos, onde houvesse uma grande crise de moralidade pública. Mas, nada disso. Juazeiro sempre foi uma “urbs” de respeito, e o que escreveu o poeta “historiador” revela apenas uma das características do povo

humilde dos sertões, que julga as infelicidades que abatem sobre seus familiares, sobre seus entes queridos, provenientes dos atos de afronta a Deus e dos pecados que praticam.

Dal porque médico nenhum poderia dar jeito na enfermidade que acometera ao padre. Se até os “santos milagrosos não tiraram proveito”, não seria um homem igual a outro, até mesmo marcado pelo pecado, capaz de oferecer ao padre o caminho da saúde. Quando o homem que integra a coletividade rural se sente diante de um problema maior, para o qual padece de recursos, de instrução, para compreendê-los ou aceitá-los em sua realidade, passa a atribuir os desequilíbrios que o torturam à ação dos maus espíritos, principalmente do pecado que irrita os poderes de Deus.

Corroborando como ponto de vista que aqui se externa, podemos arrolar as sextilhas deste famoso folheto de José Bernardo da Silva: *Aviso do Pe. Clcero, Para Despeitar os Descuidados e Converter os Pecadores*:

*A viso a todos Cristãos
Em nome do Padre Eterno
Para não vê-los ardendo
No abismo do inferno
Quem tiver temor de Deus
Tome os conselhos meus
Escrito neste caderno*

*O Divino Pe. Clcero
Apareceu-me em visão
Trazendo escrita em quadro
A triste situação
Indicando seca e fome
Para ver se assim consome
A maldita corrupção*

*Alguma coisa eu aviso
Do que me foi ordenado
Nem que o diabo não queira
Meu sermão será pregado
No mar, na terra e no céu
Debaixo de um fino véu
Eu hei de ser respeitado*

*Se este aviso não der
para resolver o mundo
Eu assevero ele ser
Resolvido em um segundo
Que Deus não suporta mais
A desgraceira que faz
Este povo vagabundo*

.....
*Assassino carniceiro
Deixa de ser tão ruim
Quando me matas um filho
Não é a ele é a mim
Se ainda fizeres desgraça
O diabo te espedaça
Lá no inferno sem fim*

*Ladrão proficionista
Corrutor da santa paz
És um loba do inferno
Pelas teus crimes audazes
Abandona o triste fado
Para não seres lançado
No fogo da satanás*

*Jogador obstinada
O tempo está se passando
O satanás já te busca
Teu Deus está te avisando
Despreza o maldito jogo
Se não vais gritar no fogo
Rangindo os dentes e chorando*

.....
*Amancebado cascudo
Carranca de boi de era
Tira a laço do pescoço
Que o satanás já te espera
Para te passar a navalha
Trancado numa muralha
Junta com a besta fera
Casado luxurioso
Conserva o teu juramento
Olha que és obrigado
Respeitar a sacramento
Se não cumprires teu dever
Condenado hás de morrer
No maior constrangimento*

.....
*Quem revelou este aviso
Foi a Pe. Clcero Romão
Que apareceu a mim
Sexta-feira da Paixão
Depois de ter-me avisada
Pelos anjos foi levado
Para a celeste mansão*

Os folhetos que integram o romanceiro do Padre Clcero, de uma maneira geral, encerram conceitos e informações, em uma linguagem quase saborosa, que servem de contri-

buição para um estudo mais detido sobre a vida do sacerdote. Todos os pormenores vão contados da maneira viva e ágil nesses opúsculos com engenho e graça. Bernardo da Silva, por exemplo, não esquece nem mesmo a

dieta a que esteve submetido seu padrinho, a cólica que o atormentou, deixando-o irascível. Não deixou também de se ocupar do episódio do purgante que foi dado de beber ao padre. É a esse respeito que o “historiador” diz:

*Deram-lhe logo um purgante
Porém de nada serviu
antes, tornou piar
pois até lhe impediu
E nisto houve desfalque
e logo lhe deu um ataque
por grande dor que sentiu*

*Os assistentes presentes
ficaram muita veixadas
esgotaram todas os meios
que tem um homem estudado
vendo de balde recursos
romperam ali em soluções
bastante contrariados*

*lhe deram três engeções
mas ele não melhorou
depois um capo de leite
que ele a metade tomou
com a fraqueza também
o leite não lhe fez bem
que ele até vomitou*

Nos versos que se seguem o poeta escreve com desespero assistindo o padre em seus últimos momentos de vida. Salta-lhe a terrível dúvida: então, não seria também ele um pecador? Não teria, através do pecado ou do embuste, contribuído para fazer morrer o seu grande amigo, aquele santo padre?

*Foi aquela tirania
que os romeiros obrei
foi santos que vendi caro
E muitas vezes forcei
foi dedos machucados
dos teus romeiros estimados
que muitas vezes machuquei*

*Foi defumar vossa face
foi eu não lhe respeitar
foi aboiar corretor
para os romeiros enganar
não respeitar às donzelas
que me deste e eu a elas
não lhe fiz por respeitar*

Mas nesta auto-acusação há um certo exagero, já se vê. O que se fazia em Juazeiro do Norte era do conhecimento do próprio padre. Ele próprio lançava sua bênção sobre os postais de santos que, impressos em tricomias, eram vendidos aos romeiros. E tudo que acontecia era natural a um meio onde a coletividade, sem o querer, propiciava amplo terreno para o desenvolvimento de pronunciado fanatismo. Homens bem intencionados, pessoas crédulas iam ter ali, ao lado de trapaceiros, de grupos de desonestos que se queriam aproveitar da boa-fé dos outros.

O opúsculo de Bernardo da Silva, é a idéia que temos, parece ser um dos primeiros escritos logo após o desaparecimento do padre. Por isso mesmo o autor, nos versas que encerram a última sextilha do folheto, não esconde o seu estado de espírito bastante conturbado:

*Não findei o trabalho
porque estou perturbada
Mas ainda vou terminar
onde ele está sepultado
onde a terra não consome
quem imortalizou seu nome
eterno condecorado*

O nome do Padre Clcero Romão Batista continua bem vivo em todo o Cariri, onde sua influência se fez sentir mais diretamente. Lá, repositório do mais rico folclore da terra cearense, é que se gera esse ciclo “postmortem” do seu romanceiro. A qualquer movimento político que se processa em Juazeiro do Norte, principalmente em fase eleitoral, não faltarão os versas populares, os boletins insultuosos em que os bandos em porfia procuram indispor os candidatos contrários ao rancor de quantos admiram e veneram o Padre Clcero. Sirvam, como exemplo, as sextilhas que se lerão a seguir, escritas por ocasião da disputa dos partidos pela Prefeitura Municipal de Juazeiro do Norte:

*Campanha como essa nossa
Que vencemos em Juazeiro
Com o poder Sacrossanto
Da Mãe de Deus verdadeiro
Jamais será esquecida
No globo, no mundo inteira*

*Um homem lutar com quatro
E sair vitoriosa
É oração dos fiéis
Prece de religioso
Milagre da Providência
Poder de pai virtuoso*

*Porém isto é um exemplo
Para humilhar quem se exalta
Quando Deus permite as coisas
O satanás não empata
Nó que o Padre Clcero deu
Na terra ninguém desata*

*Ele era quem tinha em poder
A chave da Prefeitura
Para dar a um bom homem
Servo de Deus na natura
Quem recebeu foi Feitosa
Com sua candidatura*

E não somente as pequenas querelas políticas, que atingem no período eleitoral as cidades do interior, inspiram versos dessa natureza nos quais é invocada a presença ou os poderes do Padre. Se alguém está enfermo, se periga a conquista de um lugar público, se aconteceu a uma criatura ou a um seu familiar um acidente desagradável, em momento nenhum será esquecida a invocação do Padre Clcero Romão Batista. Fazendo parte integrante de seu romanceiro “post-mortem” está a *História Da Grande Milagre Que Operou o Pe. Clcero Romão Batista*, no dia 27 de setembro de 1947, narração em folheto pelo “historiador” José Bernardo da Silva. Deste interessante opúsculo são as

sextilhas que transcrevemos a seguir, como as demais, sem alterar-lhes a grafia original:

*Padrinho Clcero Romão
Sempre com seu braço farte
Livra as seus fiéis romeiros
Da desventura da sorte
Como agora em Juazeiro
Defendeu um cacimbeiro
Das garras frias da morte*

*Alguma pessoa incrédula
Que a doutrina persegue
Talvez que esta verdade
Inda com cinismo negue
Mas pra quem tem Deus em si
Descrevo a verdade aqui
Como neste livra segue*

E segue esta história: numa quarta-feira, a uma hora da tarde, ocorreu o desastre. João Pereira, cacimbeiro afamado, encontrava-se no interior de um poço, trabalhando na alvenaria. De repente, as barreiras da cacimba desabaram, soterrando-o. Dado o alarma, houve o corre-corre natural desses momentos, e não faltou quem invocasse o nome do Padre Clcero:

*Então dona Josefina
Chegou nesta ocasião
Ao ver aquele quadro
Disse em triste exclamação:
– Santa Virgem nas acuda
Nos dai Vossa santa ajuda
Padrinho Clcero Romão!*

O milagre se opera. João Pereira é salvo. Retirado do fundo do poço, momentos depois, ainda trôpego, acompanhado pela multidão, encaminha-se para a praça de Juazeiro onde existe uma estátua do criador da cidade. Continua o “historiador”:

*Levaram ele nos braços
Ninguém deixava ele andar
Da multidão em delírio
Se ouvia o vivo bradar
Quando na estátua chegaram
Junto com ele oraram
Numa alegria sem par*

*Depois conduziram ele
para sua residência
Aonde rogou a Deus
Por dar-lhe nova existência
Sem coisa alguma sofrer
Da divina providência*

*Leitores agora aqui
Eu laço pontuação
Feliz daquele que tem
Jesus em seu coração
E também todo momento
Guarda na seu pensamento
Padrinho Clcero Romão*

Tudo indica que, dia a dia, mais volumes irão crescer esse ciclo do romancista popular nordestino, porque, conforme frisou o saudoso sociólogo cearense, Professor Joa-

quim Alves, em seu *Juazeiro, Cidade Mística*, “o folclore de todos os Estados converge para Juazeiro, onde sofre a influência do meio, passando por variantes, que os cantadores espalham nas cantigas”. E esse folclore quase sempre dedica sua maior atenção ao culto e à lembrança do Padre Clcero Romão Batista.

A MULHER E A
GALINHA

SERÁ MOTIVO PARA ESTUDO O SE SABER POR QUE RAZÃO OS nordestinos, de uma maneira geral, mostram-se tão irreverentes com referência às galinhas. Até agora há sido inútil nossa tentativa de reencontrar, no passado, algum tema de história popular que ponha em situação duvidosa essas aves que, ainda hoje, prestam valiosa contribuição à alimentação do homem. Moderno filósofo chinês, que atende pelo nome de Lin Yutang, capaz de descobrir verdadeiras fontes de prazer, de viver, em fatos e coisas as mais triviais deste mundo, se conhecesse o serviço que nos prestam essas aves, certamente tê-las-ia incluído naquele seu delicioso roteiro que nos oferece como capaz de promover a felicidade de qualquer pessoa que se prepare a tomar chá. Realmente, não basta o se ter o coração e as mãos ociosas, estar cansado num dia festivo ou “tocando o “chim” e olhando pinturas”, e mais outras coisas que enumera com muito bom gosto, mas contemplar – dizemos nós – as aves do quintal, as adoráveis galinhas que constituindo criação e arte, embora exijam muito trabalho, são substancial prova de nosso amor pelos bichos.

As histórias para crianças – e que hoje relembramos com prazer – sempre nos apresentaram os animais domésticos em sua posição de amigos e colaboradores do homem, permanecendo, ainda, na lembrança de todos, com certeza, a

venturosa narrativa da galinha dos ovos de ouro, que repetir aqui talvez nos tornasse enfadonhos. Bem tratada nos contos e nas lendas, não obstante na vida prática ser uma das melhores atrações da arte culinária, permitindo o preparo de excelente refeição, a galinha, injustamente, tem contra si o falatório do populacho. Naturalmente, é pouco o seu quinhão de sacrifício pelas exigências do estômago. Não basta ser nos leilões de caridade do *hinterland* nordestino, quando oferecida assada e enfeitada de papel de seda encarnado ou verde, acompanhada de uma dúzia de garrafas de cerveja, a prenda mais apetecida. Não basta, por outro lado, ser prato ideal para as parturientes nos primeiros quinze dias “post-parto” – embora, agora, nas capitais já não a aconselhem os médicos – nem tampouco a salvadora refeição a recuperar o estado de tranqüilidade que as surpresas de determinados hóspedes nos preparam.

O cantador é todo cheio de alegria, de satisfação, quando dá de mão na viola e faz gemer as suas doze cordas, declinando no verso fácil e distinto a sua reconhecida hospitalidade. E no improviso não deixará de incluir por certo uma referência ao almoço de galinha:

*Quando meu patrão pender
Pras bandas do meu sertão
Tem almoço de galinha
E, na falta, tem capão
Tem mulher pra lbe servir
Numa coisa, noutras não*

O almoço de galinha é reconhecido por todos: é prato por excelência do sertanejo. Se o patrão chegar, de repente, à casa do seu morador, não sofre embaraço nenhum. Pode ficar certo que terá uma galinha ensopada ou preparada à

cabidela para a refeição. Quem pensaria oferecer ao dono da terra, ao homem que o emprega, refeição menos substancial? Não ter galinha para ocasiões de importância equivalente a esta é o mesmo que não ter café para oferecer à visita de cerimônia.

Por conta disso deve ter surgido penetrante adágio que bem expressa essa situação: “Rico em casa de pobre é desgraça de galinha”. Mas, mesmo se reconhecendo essa infelicidade, estaremos prestando uma homenagem à ave que caracteriza os nossos quintais e o terreiro da roça. Se a galinha é sacrificada porque o rico visita a casa do pobre, é sinal de que possui os seus méritos, ensopada ou simplesmente assada e servida com farofa. Porém o que não se admite é que se deixe circular todo um irreverente processo de difamação contra ela. E tudo isso, criando desagradável situação, possivelmente gerado pela desfaçatez do povo a fazer comentários, ora da mulher para a galinha, ora da galinha para a mulher.

É esse, aliás, um velho processo pelo qual se incompatibilizam as criaturas com os animais e vice-versa. E na maioria dos casos tudo que se diz é mal fundamentado e parte de certos erros de precipitada observação. Diz-se de um homem desmazelado, ao extremo, que é igual a um porco, como se os porcos fossem criados para viver na lama. Com referência à mulher e à galinha, os adágios, os versas, as histórias, os ditos populares são inúmeros. Até parece que é uma tola vingança do sexo forte em defesa do paspalhão daquela história que indo dormir, ao acordar, encontrou debaixo da rede um ovo. Espantado, chamou a esposa e contou-lhe o que havia acontecido. Ocorrera, enquanto dormia, qualquer coisa desagradável. A prova estava ali: pusera um ovo.

Sua companheira, longe de guardar segredo, confiou-o à vizinha que, por sua vez, passou a notícia adiante, infor-

mando que o marido da amiga não pusera um ovo e, sim, dois. Logo mais toda a cidade era informada que sob a rede do pobre homem havia mais de uma dúzia de ovos.

Teria nascido daí a maledicência popular a respeito da galinha? A verdade é que em quase todos os provérbios relacionados com o assunto, sente-se a presença de uma velha questão: o domínio do lar. Daí o se dizer com muita propriedade: “Terreiro onde canta a galinha, o galo tem bico fechado”, ou, então, “Em casa de Gonçalo quem canta é a galinha”. Há várias outras expressões, ainda, alternativamente, ditas por homens e mulheres:

Quem canta nesta casa sou eu.
Cantiga de galinha é só para chocar.
A galinha que queria cantar aqui a raposa já comeu.
A gente mata galo é na primeira noite de casamento.
Galinha foi feita pra panela e galo pra terreiro.
Marido manhoso é como galo cego, só come na mão.
Galinha que canta muito está preparando para morrer,
etc, etc.

Dessa desinteligência entre cônjuges, ou talvez da simples preocupação de procurarem os maridos mais humildes vingarem-se das suas esposas dominadoras, haja se formado o conceito desprimoroso da mulher que se ouve com mais frequência entre nós:

– Você quer ser muito boa, mas não passa de uma galinha!

Não há, é evidente, para a mulher da classe média, insulto mais ferino e exasperante. A reação é imediata, porque a ofensa assim pronunciada tem a mesma força depreciativa de termos injuriosos, equivalendo a imputação de prática desonesta, a mesmo que se dizer que a mulher prevarica.

Quando o sertanejo está feliz, sentado no terreiro de sua casa, considera a galinha por um ângulo mais afetivo e humano. É a “minha galinha carijó de estimação”, “minha vermelha que põe tantos ovos”, “a dona de uma ninhada tirada, agora, que é uma beleza”, e outros elogios ajustados à ocasião. Mas, de repente, se se desgosta de alguém, principalmente de uma mulher, muitas vezes da sua esposa, esquece que a sua ave é bonita, que põe ovos pesados e grandes, que cria os pintos mais bonitos da lugar, para transformá-la no mais comum insulto que se utiliza para macular a honra alheia:

– Aquela mulher dele? Uma galinha! Onde se senta, põe um ovo.

Estão, assim, ligadas para sempre na voz do povo as galinhas e as mulheres levianas por um conceito desprimorosa e injusto, acreditamos nós. E longe de se modificar a situação, dia a dia, existirão mais versas, mais ditos populares, mais provérbios ou simples pensamentos intencionais, porque continuará subsistindo uma verdade consagrada pelo povo:

*A mulher e a galinha
Não se deixa passear:
A galinha a bicho come
a mulher dá que falar*

Intraducción al Estudio de la Gallina en el Folklore de Venezuela, é bem fundamentado estudo de Miguel Acosta Saignes que, após termos escrito as considerações iniciais deste trabalho, tivemos oportunidade de ler. Miguel Acosta Saignes veio apenas atestar a excelência do assunto, deixando-nos convencidas de que a folclore aqui nascido ao simplesmente aclimatado serve-nos deliciosos motivos para pesquisas dessa natureza.

Nunca é demais insistir na participação da galinha na terapêutica popular. Já por ocasião da publicação de nossa *Medicina Popular*, recenseamos dezenas de receitas dessa terapia nas quais se evidenciava a presença de órgãos e secreções das aves domésticas. Desde as simpatias de lavagem dos nossos pés em mesma água em que foram lavadas os pés de três galinhas, para extinguir a febre, até às adivinhações de qual sexo será a criança que vai nascer e para isso terá a futura mãe de cozinhar o coração da ave – ou ao empregar da sua banha, untada ao pescoço, contra os acessos de tosse, inflamação de garganta, etc., fornece a galinha um sem-número de remédios, não nos esquecendo, por certo, de citar as vantagens de seu esterco ou a poder recuperador de sua tenra carne em canjinhas especiais próprias para convalescentes ou parturientes.

Quis o destino que os homens, na preocupação de disputarem o amor a qualquer preço, fizessem ciumentas algumas mulheres. E como o ciúme provoca o ódio, e o ódio, por sua vez, leva as criaturas ao desespero e, por conseguinte, à prática de atos desabonadores, surgiram os despachos, as inevitáveis feitiçarias onde a galinha, imerecidamente, tem a sua participação delituosa.

Porventura já se encontraram, altas horas da noite, com uma galinha recheada de cinza, areia de cemitério, na intercessão de dois ou mais caminhas, rodeada de velas acesas, posta sobre velha toalha ou simples exemplar de jornal já lido? A inocente ave que conquistou um lugar de honra na mesa do nordestino gastrônomo, que põe o ovo que entra obrigatoriamente na preparo de quase todos os pratos da deliciosa cozinha cabocla, em dias de festa, transforma-se, nessa ocasião, em veículo do mal. Vá se ver, e é o ódio de alguma mulher contra a despudorada que lhe deseja roubar a esposa.

Não importa que em determinadas circunstâncias tenha a sua reputação abalada. Quer seja pinto, frango, gala ou galinha, toda a família representativa das galináceos está intimamente ligada à vida humana. O gala, representando além do símbolo da fecundidade, o senhor e rei do terreiro, é a relógio do pobre. Principia prestando-lhe um dos serviços mais úteis, o de orientá-lo na amanhecer do dia. Canta geralmente à aproximação da meia-noite e às horas mais baixas da madrugada. Quem dorme na campo sente um prazer indefinida em ouvir o canta das galos senda respondida, ora mais perto, ora mais distante, par outros companheiros que acordam e se afinam pelo canta de alvorada.

Fernández de Oviedo, em sua *General Historia*, citada por Miguel Acosta Saignes, escrevia: “Las gallas en Espana y atras partes muchas de las cristianos (y aún asi pienso ya que en Europa toda y en la mayar parte dé lo que se sabe) cantan a medianache y cuanda quiere amanecer, y aún algunos y las mejares cantan tres veces o en tres partes de la noche”...

Os cantadores da sertão sempre nas lembram a presença, ora do gala, ora da galinha, em comparações às vezes depreciativas e, em outras, elogiosas, sendo possivelmente os melhores versas que já lemas sobre o assunto as recolhidas pelo saudoso Leonardo Mota, na feira do Cedro, na voz de um cantador (João Pedra de Andrade, vulgo Bentevi) desiludida com a auditório que não queria pagar para ouvir os seus repentes:

*Rancho de cavalo é milha
De cantador é dinheiro!
Quem canta de graça é galo
Pra divertir o terreiro
De home que faz gosto a macho
Eu só conheça barbeiro
Que alisam freguês na casa
Passa a pente e bata cheiro*

Se por um lado é delicioso prata a franguinha tenra servida numa canja, cama dissemos linhas atrás, não pode haver comida mais irritante da que um gala velha. A ave não cozinha direito, par mais fogo que se lhe chegue, o que deu motivo a que nascesse o dito popular: “ô gala dura!” Diz-se também na conversa: “Comi um gala pra fazer a serviço!” “O negócio foi um gala dura”, etc. Odilon de Brita, cantador dos sertões cearenses, em desafio com Maria Bela, violeira de São Paulo, não teve vergonha de declarar:

*Quando eu cheguei em Manha
No estado de São Paulo
Encontrei uma cantoura
Que me deu um grande abalo
Nas unhas desta mulber
Eu quase comi um galo*

O anedotário a respeito do assunto é bem difundido em toda o sertão, valendo a pena repetir-se a história do padre que, ao se servir de uma galinha, numa pensão do interior, notando-a mal cozida, e, sobretudo, com os “canhões” das penas, num gesto de achincalhe, pediu ao vizinho:

- Depressa, me dê seu chapéu!
- O chapéu? Pra quê? – perguntou-lhe a outro, admirada.
- Pra cobrir esta galinha senão ela voa!

Tanto na anedotário, cama na terapêutica, tanto nas repentes das violeiras mais famosos, estará sempre comentada a galinha e toda a sua família. As crianças, principalmente, pela proximidade que dispensam a essas aves, a quem devotam uma ternura bem pronunciada, mais da que ninguém se interessam pelas canções ou simples exercícios escolares que tratam delas. Na Venezuela, segunda o autor da estudo por nós comentada, existe uma cantiga desta brincadeira de saltar, mais ou menos assim:

*El gallo, el gallo,
la gallina y el caballo,
se pusieran, se pusieron
se pusieron a comer
!Que si! !Que na!
!Que en mi casa manda yo!
Lo que dicen las gallinas
!Tanto poner!
!Tanto poner!
!Y sin zapatos!*

Alexina de Magalhães Pinto recolheu uma variedade de danças populares de nosso folclore, apresentando-se em seu famosa *Cantigas das Creanças e do Povo*, da qual divulgamos a cantiga de socar: “Sinhazinha”.

*Mulata bonita
Não bambaleia;
Na fundo do mar
Tem baleia.*

*Sinhazinha está doente
Muito mal para morrer;
Não há galinha nem frango
Pra sinhazinha comer*

Na ardem das adivinhações o folclorista Veríssimo de Mela recenseou pela menos duas, muito interessantes, que se cingem ao tema. A primeira: – “O que é, o que é? Um capão dentro do outro?” – tem coma resposta: um frango. E a segunda vale a pena ser transcrita na íntegra:

*Tico-tirico-tico,
Não tem pena, não tem perna
E não tem bico;
Depois,
Tico-tirico-tica,
Já tem pena, já tem perna
E já tem bico – (É o pinta)*

E não ficam apenas nesses exemplos o fabulosa folclore brasileiro desenvolvido em torno da galinha. Com mais carinho e tempo não será difícil alguém mais dedicado fazer estudo mais desenvolvido sobre a assunto. Bem que o merece.

VARIAÇÕES SOBRE
A CACHAÇA

PERCORRE-SE O SERTÃO E NA LUGAR EM QUE DESCANSAR UM POUCA aí existirá, por certa, uma venda, quer esteja situada em um povoada ou improvisada à margem da estrada. E nela, inevitavelmente, poderá ser encontrada uma garrafa de aguardente, senão várias, aberta, para o líquida ser vendido a retalha, em pequenas doses. A produção de cachaça no Ceará – como em todo a nordeste brasileira – é atividade das mais lucrativas, existindo centenas de fabricantes que lançam seus produtos ao mercado, amparadas pela prestígio das marcas que cuidadosamente escolhem e que são consideradas, com simpatia, pelas que se consagram ao seu usa.

Existe toda uma série de práticas para se conhecer as boas virtudes da aguardente que, na *hinterland* cearense – e acreditamos a mesma ocorrer em outras regiões dessa expressão geográfica – tem as mais variadas aplicações. A cachaça não serve apenas para alegrar as criaturas, senda, pela razão de custar menos, a bebida que está presente a todos os momentos de prazer da comunidade rural.

Não se concebe manifestação de alegria sem a consumação de pela menos um “traga” de boa cana. E tal é a seu usa, que vamos encontrá-la cama veículo até mesma de garrafadas de permanente aplicação na terapêutica popular, e numa infinidade de outras remédios, senda, pelo seu alta

teor alcóolica, o primeiro desinfetante de que se utiliza a gente humilde para pensar seus ferimentos

acidentais. É a líquida que aplaca a picada da serpente, que elimina de uma vez a frieira, que alivia a coceira. Por outro lado sua utilização vai mais longe, senda empregada na própria culinária ambiente, resultando excelentes as avoantes que se obtém assadas em sua combustão.

Não ficam aí, naturalmente, as aplicações e virtudes da bebida mais difundida que possuímos. Sua existência provoca a criação de rica folclore já aproveitado em parte por diversas estudiosas, valendo ressaltar entre os trabalhas que se conhece o interessante livra do Sr. José Calasans, “Cachaça, maçã branca”, que oferece, nesse sentida, excelente contribuição.

Entretanto, a assunto não restou esgotada. O tema é apaixonante. A cada passa encontramos um fato que nas deixa atenta ao folclore que se gera do povo em contato com a sua bebida predileta. Bebe-se cachaça porque o princípio sertanejo de que “pancada grande é que mata a cabra”, demonstra mais uma vez a sua validade. Vinha é bebida de branco, de gente que não “tem fôlego”. Diz-se até: “Fulana, você pode beber. É bebida de rica. Fraca que só vinho de missa

A aguardente, ao contrário, é bebida de pobre, de gente que tem disposição para a trabalha. Bebida de homem, enfim, senda uma característica de emancipação das pais a filha que já freqüenta a bodega a pedir que lhe sirvam uma “bicada”. Essa caracterlstica de violência nas sertões. Quem bebe cachaça não deve fazer careta ao sentir a bebida escorrer pela garganta. Bebe bem quem a ingere como se tomasse um capa de água. Diz-se:

– Queima, mas desce mansa...

A sua qualidade é de grande importância. A primeira demonstração que se faz, para saber se a aguardente é de primeira, fabricada com esmero, está na formação de bolhas

na bebida, à altura do gargalo do vasilhame, se esse é agitado várias vezes. Se as bolhas demoram por mais tempo é sinal de que a bebida foi destilada com cuidado, não importando, como pensam algumas pessoas, a sua cor que varia conforme a tonel em que esteve depositada para envelhecimento.

Os fabricantes disputam, entre si, as preferências da mercado. A importância não está realmente no teor alcoólico. Há cachaça de quarenta e nove graus que não satisfazem e outros de vinte e poucas graus que agradam ao mais exigente paladar. O segredo reside na zelo da fabricante em seu cuidada profissional não entregando ao consumidor um produto que não tenha ficado pela menos dois anos a envelhecer em tonéis especiais. Cachaça da primeira ano, isto é, a que foi fabricada na mesmo ano da safra da cana que lhe deu origem, não pode ser comparada a uma boa pinga de cinco ou mais anos. Fabricantes escrupulosas guardam para seus amigos aguardente até com dez anos de envelhecimento, o que nas faz imaginar o seu aproveitamento melhor se fosse obedecido critério mais rigorosa em sua manipulação.

É distinção de muito bom-tom alguém oferecer a outra um cálice de aguardente antiga. Geralmente em torno desse oferecimento giram falsas informações da bebida, sendo frases comuns as que se seguem:

– Esta é cana boa, é da Lameiro. Tem doze anos...

– Veja que não relaxa. É cana da Aracati. Foi destilada em alambique de barro e está guardada há doze anos.

O última fato que concorre para ser uma aguardente melhor apreciada do que outra está representada na marca do produto. Um nome jocosa faz época. Marca sugestiva consegue adeptas e se a bebida é fabricada com honestidade, seu êxito estará garantido. Dentre as várias marcas de aguardente que em Fortaleza são vendidas, através de cento e quinze bares e cento e doze botequins, em um total de duzentas e

vinte e sete casas especializadas na venda de bebidas espirituosas, podemos destacar as que se seguem: “Pé-de-tonel”, “Já começa”, “Vovó”, “Vovó extra”, “Gato Preto”, “Imparcial”, “Guanabara”, “Vale do Cariri”, “Ipioca”, “Idealista”, “Tabatinga”, “Redenção”, “Fio de ouro”, “Amarelinha”, “Rayto de sal”, “Granada”, “Douradinha”, “Cearina”, “Sedutora”, “ABC”, “Feiticeira”, “Serra branca”, “Xumbe”, “Theatonia”.

O Ceará é uma exceção na maneira curiosa de servir a aguardente. Não se concebe ser a bebida vendida sem o “acompanhamento”, chamado, com muita propriedade, tira-gosto”. Quando alguém pede uma “bicada” ou um “trago”, a bebida já lhe é servida com a fruta ou o pedaço de carne que representa a “tira-gosto”, tudo pelo preço normal da dose vendida a retalha. O “tira-gosto” pode ser de frutas da região, assim se terá conforme a época de safra, as seriguelas, os cajá-umbus, umbus, limas, abacaxis, etc. Quando de todo faltam as frutas regionais, as vendedores de cachaça prepararam, coma “tira-gosto”, tripa assada, farofa de carne, peixe frita, avoante, piaba, camarão e até lingüiça.

O anedotário popular está cheia de citações e episódios pitorescas a esse respeito. São várias as histórias que sempre um bebedor sabe para cantar aos circunstantes de um “fulana” que certa vez “matou o bicha” (ata de beber cachaça) com umas baratas que encontrou na mercearia. De outra feita, já o estranha e repugnante “tira-gosto” não foi uma barata, mas um rato morto, guardando a povo informações ainda mais incríveis de um bebedor que “tirou o gosto” da bebida com um pedaço de cabra assada.

Canta-se no Ceará a história de inveterada alcoólatra que não justificava uma “bicada” sem a devido acompanhamento. A bebida, sem “tira-gosto” não lhe sabia bem. Tenda acabada de beber um trago respeitável (a bebida no copo é servida, às vezes, obedecendo à hierarquia militar. Par exem-

plo: um cabo, quer dizer dois dedos de cachaça, em alusão às fitas que o militar conduz no braço. Sargento, três dedos. Segundo sargento, quatro dedos...), um segundo sargento, quando pediu:

– Hum, que “tira-gosto” tem vosmincê?

– Ah, esqueci – disse a vendeira. – Num lhe avisei que se acabou...

– Home, num faça isso. E agora?

– Não sei.

– Tem barbante?

– Não senhor.

O bebedor olhou para as prateleiras, demorou a vista, e, de repente, sentiu-se reanimada. Falou:

– Me dê um novelo de linha quarenta.

E ao receber das mãos da outra a que pedia, colocou na boca dois ou três palmas de linha e saiu mastigando-a, calmamente. Fora o “tira-gosto” encontrada para a sua satisfação.

Mas, sem dúvida nenhuma, a caju é a “tira-gosto” preferido. Quando os cajueiros frutificam não faltam nas botequins e vendas suas deliciosas frutas cortadas em fatias que, espetadas por palitas, são servidas em pratos aos que vão “molhar a goela”.

Botequim que não oferece aos seus fregueses um bom “tira-gosto” não pode ser considerada de boa frequência. Cachaça velha, “tira-gosto” de primeira, eis as duas principais condições para quem deseja tomar um “trago”. O resto faz parte de um folclore bastante generalizada e que principia desde as frases, palavras cabalísticas, apelidas, mandamentos sobre bebidas, até a clássica cusparada para tirar o azinhavre da boca.

Quem bebe aguardente como aperitivo não faz ponta em um botequim apenas. O boa regra manda que passe pela menos por três bares e tome uma “bicada” em cada um deles.

Os mais viciadas é que costumam demorar na mesma local. A etiqueta da bom bebedor de cachaça exige essa prática obedecida par quantas se julgam profundas conhecedores da aguardente e de suas virtudes.

Gente assim, desta classe, não bebe “pau de urubu”, que é aguardente sem recomendação, fabricada às escondidas da fiscalização; nem toma dose de um cruzeiro. Escolhe a bebida pela marca, preferindo sempre servir-se da garrafa recém-aberta. E cama há os que agem dessa maneira, existem também as que cheiram a bebida antes de ingeri-la, as que derramam parte do líquido na canto da sala, coma se a mal estivesse ali, os que dizem tomá-la para cortar a frio, se está chovendo, para afugentar o calor, se o dia está quente, para matar tristezas, para festejar a alegria, para tudo enfim.

A atitude de conhecimento da aguardente é, na entanto, comum a todas. Quem bebe cachaça diz-se profunda conhecedor de suas virtudes, embora a maioria pouco ou quase nada entenda sobre a assunto. E há naturalmente as que sabem versas ou pequenas histórias sobre ela.

Até aqui procuramos deixar bem clara a importância dessa bebida na vida social das coletividades rurais. Realmente, não é admitida pela sertanejo a sua ausência aos momentos em que se sente, juntamente com seus companheiros, invadida dessa euforia cabocla tão de nosso conhecimento. Se ocorre uma cantaria nela se fará presente a cachaça, senda servida a cantadores convidadas. Se se realiza, par ventura, uma festa, não faltará, decerto, uma garrafa da violenta bebida. E até mesma em instantes os mais extravagantes – conforme veremos a seguir – poder-se-á ter a oportunidade de verificar mais modalidades de seu uso pelo povo. Dais exemplos de situações impróprias para a ingestão de bebidas

espirituosas foram testemunhadas por nós: em velórios e por ocasião do sepultamento de pessoas pobres, principalmente em dias chuvosas.

Certa dia, que já vai longe, na Município de Pacatuba (Estado do Ceará) assistimos a um caveira tomar aguardente em um crânio recém-desenterrada, sem que mostrasse o menor receia. Dizia o extravagante homem aos circunstantes, que eram muitos, principalmente jovens:

– A cana “corta” tudo, gente. Num há mal que pegue num home, se ele bebe a “branquinha”.

A cachaça é utilizada de várias maneiras, como já demonstramos: como veículo para garrafadas, para remédios, contra a picada de insetos, mordida de cobra, etc., ao ensejo de acontecimentos felizes e de tantas outros tristes ou trágicas, não faltando, portanto, admiradores para as suas qualidades. Admiradores, dizemos agora, e detratares. Sim, porque se existem os que a elogiam e a aceitam sem restrições, por outra lado, no seio do povo, não é menor o número dos que se insurgem contra seu uso.

Reunimos neste trabalho alguns versas de cantadores e mais alguns esclarecimentos que buscamos nas fontes populares, com o objetivo de oferecer aos estudiosos uma contribuição desinteressada que, se não consegue ser brilhante, pela menos tem a marca e o prazer que nas confere uma pesquisa honesta.

Sobre a “branquinha”, dizia um cantador em Águas Belas:

*Nasci para beber na mundo
Quantidade essa não pouca
Quanto levo o copo à boca
Meu desejo é ver a fundo*

Seus versas não são menos interessantes da que estes que ouvimos, de certa feita, em um balcão de mercearia:

*Sou canista sem segundo
Bebo mais que toda a gente
Se o veneno da serpente
Fosse cachaça com sobra
Eu desejava ser cobra
Tanto gosto de aguardente*

Em bodegas de subúrbio ou em vendas da sertão sempre é possível ouvir-se uma ou outra história interessante a respeito do vício, da bebida e de suas conseqüências. As cantarias – ou mais precisamente os versas – são mais usadas nas terreiras por ocasião de desafios, quando o assunto é oferecido no mate. Mas, de histórias assim, contadas em mesa de bar, algumas explicando porque os homens perdem o juízo, figura naturalmente a que se segue que reputamos possuir verdadeira originalidade. Reproduzimo-la coma a escutamos:

– Moço – dizia o “canista” – a gente tem treze macaquinhos na barriga e doze cadeiras desocupadas no juízo. Cada “relada” (golada, bicada, trago, etc.) que se toma da cachaça, sobe um macaquinho e se senta numa cadeira. A gente vai bebendo e vai subindo outra macaquinho. O negócio é num facilitá, porque nem sempre a gente guarda na cabeça a canta das cadeiras e num sabe se tem alguma ainda vaga. E quando sobem os doze macaquinhas e a frenguês molha a garganta outra vez, pode contar com o estrupício. O décimo terceiro macaquinha, num encontrando lugar pra se sentar, vai querer tomar a cadeira dos outras... e haja briga! Aí é que a gente perde o juízo, sem querer, e toca a fazer asneira... Vem a zoada, vem a polícia e peia no cabra...

Depois, explicava ao ouvir as nassas palavras achando estranha o número limitada de cadeiras.

– O negócio é o seguinte: quando o bebedor de cachaça é fraco, só tem seis cadeiras no juízo. Quando é farte tem oito, tem nove, tem até vinte cadeiras... Mas sempre há de ter um macaquinho pra atrapaçar...

Motivos cama este e tantos outros são aproveitadas pelas cantadores como tema para os seus desafios. Às vezes surgem versas bem urdidados, de profunda moral, embora a maioria sirva, apenas, para louvar a bebida e os que dela se utilizam. Siqueira de Amorim e Francisco Evaristo, dois cantadores de versa fluente, ao toque da viola, cantaram para nós algumas sextilhas das mais interessantes das que temos sobre o assunto:

Siqueira de Amorim:

*Aguardente geribita
feita da cana caiana
Eu beba desde o começo
Até o fim da semana
O Cantador só é forte
Quando canta e bebe cana!*

*Um pouquinho de aguardente
A muita gente conforta:
Faz esquecer a tristeza,
Revive a esperança morta
Até as mulheres bebem
Também par detrás da parta!*

*Quando eu pego na viola
Disposto a cantar repente
Diga ao dono do “pagode”:
– Traga um pouco de aguardente..
Bebo pra matar o frio
E beba pra ficar quente!*

*Hoje bebe todo mundo
Deputado e Senador,
Bebe o soldado, o sargento,
o Juiz, o Promotor.
Como é que pode deixar
De beber o cantador?*

Francisco Evaristo:

*O homem degenerado
Que se vicia a beber
Quando está puxando fogo
Só trata em aborrecer,
Faz coisas que o Diabo
Faz questão pra não querer*

*A cachaça, meus amigos,
Sempre só faz ação feia:
Logo que o cabra a toma
A todo mundo aperreia,
Precisa até a polícia
Levá-la logo à cadeia...*

*E termina até na peia
Devido ser imprudente
Depois se solta, mas fica
Tristonho e muito doente
Tudo isso só porque
Meteu-se na aguardente*

*Eis a razão porque digo
Dela qual o seu defeito:
Ataca primeira o cérebro*

*Come o “figo”, acaba o peito..
E depois da mal tá crônico
Não há médico que dê jeito*

Cego Aderaldo, o extraordinária poeta popular das sertões nordestinas, de quem o saudoso Leonardo Mata recolheu sugestivos improvisos de sua lavra, é autor destas duas sextilhas sobre a cachaça:

*Cachaça é bebida boa
O povo chama “branquinha”:
Botam mel pra ficar doce
Então chamam “meladinha”,
Mas sai com as pernas trançando
Como quem cose bainha!
Os que gastam de aguardente
Não devem beber demais,
Que um velha de oitenta anos
Bebendo quer ser rapaz,
E na banho veste a calça
Com a barguilha pra traz.*

As “saúdes de mesa”, canções repetidas ou improvisadas em função de um almoço festiva, não estão de todo desaparecidas. Na Ceará, cama em todo o Nordeste, acreditamos, continuam vivas, principalmente os versas:

*Oh! que lindos companheiros
Coma viram tão ligeiras
Se és covarde
Sai da roda
Que nassa empresa requer valor!*

Primeira bateria
Vira,
Primeira bateria
Vira.

Poucos, na entanto, são as que numa reunião assim suportam beber a aguardente aos gritos dos companheiros mais animados pela “vira, vira”. Na entanto, mesmo nas casas de pessoas de mais conceito, por ocasião de uma panelada, não estará ausente a cachaça, embora oferecida com certa cerimônia pelo dono da casa.

É a bebida das fortes. É a “vinho” do povo e em torno dele, dia a dia, cresce e toma vulto rico folclore.

PROTETORES DO AMOR

HÁ UMA EXPRESSÃO POPULAR, MUITA BREJEIRA NA NORDESTE, QUE serve para identificar o ato de ajudar alguém a duas criaturas que se amam. Ouvimo-la desde a infância distante e, ao correr das dias, principalmente entre populares, jamais a deixamos de escutar. Trata-se da expressão “tocar trombone”, duas palavras que traduzem um sentimento muito humano de colaboração aos que se querem. Por isso, diz-se, às vezes:

– Fulana toca um trombone danada pra sicrano – ou então, – com um trombone daquele, terá que casar!

Procurar tomar interesse pelas que lutam pela conquista do amar há sido um tema de preocupação universal e não é motivo, certamente, para nos admirarmos que a povo nomeie com simpatia os que se ocupam a ajudar Cupido a disparar suas setas. Desde a criação do mundo que a história se repete e não há exemplo de maior proteção ao amar do que a maravilhosa sentença cristã da criação de uma mulher para ser companheira do homem.

A sabedoria hindu, através de seus livros (é a que lemos na *Importância de Viver*, de Lin Yutang) narra as peripécias por que passou Adão desde o momento em que viu ao seu lado a sedutora Eva. Uma, duas ou mais vezes pediu a Deus que o livrasse de companhia que lhe parecia tão incômoda, para logo mais procurar a Deus e pedir-lhe para fazê-la voltar

novamente ao seu lado. Mas, não se contentava de jeito algum. Logo mais estava pedindo a Deus que levasse Eva. Queria viver só. E não pôde viver como desejava. Precisou, enfim, implorar ao Senhor que lhe desse de volta, outra vez, a companheira. E Deus, com sua infinita bondade, convenceu ao venturoso homem do paraíso a ficar com Eva, que ela a queria, que ele (Adão) a desejava também...

História com um sabor muita mais romanesco e que traduz o verdadeiro espírito da protetor dos namoradas ou simplesmente de quem “toca trombone”, é a que corre mundo impregnada com a sabedoria chinesa. Cabeça Enfeitiçada, verdadeiro herói de adolescentes, toma a si a proteção de dais amantes que se amam perdidamente. Tudo faz para que o jovem par obtenha a felicidade que deseja. E sua luta só chega ao término quando consegue oferecer-lhes um lar, em certa cidade, onde as dais amantes vão desfrutar novo mundo de quimeras. Depois disso o legendário personagem desaparece. Nada pediu pelos seus favores. Nada lhe prometeram, também. Nada quis. Serviu, simplesmente, pela prazer de ajudar aos que se amavam.

A impressão que nas domina é que o Cabeça Enfeitiçada deve representar, em parte, uma grande influência do espírito cristão através o ideal de servir, ao mesmo tempo que nas lembra pontos de contato com outras histórias que tivemos oportunidade de ler no magnífico acervo que a folclore reúne, em que se sente o indiscutível propósito do homem em ajudar aos que se ligam pelo amor. E par falar em amar, cama conhecemos um pouca de mitologia e provavelmente estamos lembradas que Psiquê, de beleza tentadora, não tinha condições especiais: era simplesmente mortal cama todas nós, Cupido, que por ela se apaixonara, teve Vênus a impedir-lhe as intentos. Mas, eis que surge Júpiter disposto a ajudá-la e nos oferece mais um exemplo de que “tocar

trombone” não é privilégio das nordestinos. Mercúrio, sob as ordens de protetor tão farte, acompanha Psiquê aos céus onde segunda o P. Camelin “bebeu o néctar, comeu a ambrósia e se tornou imortal”.

Latona, grávida, foi protegida por Netuno. Ceres, filha de Saturno e Ops, aquela que legou aos homens as conhecimentos necessárias para cultivar a terra, plantar a trigo e fazer o pão, encontrou um protetor: Celeu. E são tantas as casas de uma evidente proteção que enumerá-las aqui seria provocar elogias par um conhecimento ampla da mitologia grega e romana que, em tempo, e muita sensatamente, achamos prudente declarar não a termos.

No entanto, é na romanceiro popular, nas modestas folhetos das nossos “historiadores” sertanejos que vamos encontrar a participação efetiva e afetiva desse tipo de protetor das que se amam e que, como tivemos oportunidade de ver, foi sempre indispensável ao desenrolar de lendas, de fábulas, de histórias da mundo inteiro.

No romance contada por João Martins de Athayde, *O Príncipe e a Fada*, a participação de Adrina, fada excepcional, é de grande importância para a solução de um caso amoroso. O herói da história – um tal de Bamam, par ter se apaixonado loucamente par Gercina, – está encarcerado num castelo par ardem de truculento rei que não deseja o casamento. Porém Adrina, a alma boa, a “toca-trombone”, facilita-lhes tudo:

*Andrina chamou o gênio
E disse: quero que vá
No reinado de Dão Crispo
Traga um príncipe que tem lá
E não volte aqui sem ele,
Pois só você a traz cá*

*Disse o gênio, sim, senhora,
Já volto, pode esperar,
Chegou o gênio no cárcere
Sem nada incomodar*

*Todas as telhas do castelo
Ele botou-as no mar*

.....
*O príncipe estava dormindo
O gênio botou-o no braço
Saiu voando com ele
Em procura do espaço
O príncipe ia ressonando
Num majestoso regaço*

A Fada estava em prantos – continua o historiador – quando o gênio, de repente, aparece trazendo nos braços o infeliz Bamam. E como os gênios nunca se cansam de prestar obséquios, depois de tal feito, o de que nos ocupamos nessa história ainda ofereceu seus préstimos:

*Disse Gercina: eu agora
Preciso de outro favor
Quero que leve Bamam
Ao reino do Trovador
Bote-o no templo do riso
juntinho do Deus do amor*

No romance *A História da Escrava Guiomar*, ainda de João Martins de Athayde, é o próprio pai que aconselha a filha, no momento de desespero em que ela se debate na dúvida de ir ou não ao encontro do amado.

*Eu sei que é sacrificio
Disse o velho a Guiomar
Mas já dissestes a teu noivo
Que viesse te buscar
Entregar a Deus, minha filha
Que ele sabe te livrar*

Onde, porém, a alcovitice dos amores atinge maior amplitude é no romance de Firmino Teixeira do Amaral – *Princesa Magalona e Seu Amante Pierre* – que adquirimos numa feira de Juazeiro do Norte, e que tem na capa interessante xilogravura apresentando Magalona e Pierre enternecidamente abraçados. Luiz da Câmara Cascudo (in *Vaqueiros e Cantadores*) informa-nos que o romance teve sua primeira edição portuguesa, em Lisboa, no ano de 1725. “A história viera de França, trazendo a lenda de Megalon, a noiva fiel, através de Espanha, que sempre fora a melhor divulgadora dos temas franceses”.

Essa história de seis séculos viu-a Luiz da Câmara Cascudo em dois livrinhos populares, mas nenhum da autoria de Firmino Teixeira de Amaral, que, a nosso ver, apresenta uma versão mais interessante. Nela está bem marcado o trabalho de uma empregada de confiança que faz o perfeito serviço de um “trombone”, levando recados de Pierre para a princesa. Há versos assim:

*Minha ama estimada
Antes que eu enlouqueça
Vá dizer a meu amante
Que sem falta me apareça
Dê o recado direito
Com cuidado, não esqueça*

*Foi aonde ele estava
Deu-lhe o seguinte recado:
– Deus vos salve, meu senhor
Nobre cavaleiro honrado
Minha senhora Magalona
Vos ama com muito cuidado*

*Pierre disse: obrigado
Em vires me avisar
Pois o meu maior desejo*

*É com ela me casar
Só não casarei com ela
Se a morte me matar*

*Tornou lhe dar outra jóia
Um interessante anel
Ela disse: este eu levo
Para minha senhora fiel
Pois para mim ela é
Mais dócil de que o mel*

*Enfim, senhor, ela disse
Com estas frases assim
Que o senhor a meia-noite
fosse ao portão do jardim
Se eu não estiver esperando
O senhor espere por mim*

*Despediu-se e foi embora
E quando a princesa avistou
Contou-lhe tudo passado
E outro anel lhe entregou
Magalona de alegria
Naquele dia chorou*

E para finalizar, após essa digressão sobre o assunto, vale a pena esclarecer porque o povo apelidou os que procuram ajudar os que se amam, chamando-os de “trombone”. É que, à semelhança desse instrumento de sopro os que alcovitam o amor, vão e vêm, como a ama de Magalona, levando e trazendo recados, o que sugere a haste metálica daquele instrumento que para exprimir os sons precisa de movimentos contínuos de vaivém.

SERTANEJO E AS SUAS
SUPERSTIÇÕES

A COMPREENSÃO POPULAR JAMAIS SE DISPERSA DA EXPLICAÇÃO DE que as ocorrências desagradáveis na existência do homem têm lugar, simplesmente, por decorrerem elas da influência nociva dos espíritos malsãos. Existem em choque, na concepção popular: bons e maus espíritos. Dessa idéia concebida pelo primarismo de defeituosa instrução escolar, quase sempre insuficiente ou inteiramente frustrada, vão-se gerando nos momentos em que falha o entendimento, a compreensão, todos os fatores negativos e positivos que sedimentam o folclore.

O feiticeiro das aldeias indígenas, pratica a sua medicina na certeza de estar esconjurando os maus espíritos, permitindo ou propiciando o retorno de algum espírito tolerante, benigno, que se digne influenciar, beneficentemente, o seu paciente. O antagonismo observado pelas criaturas humanas dos elementos que integram a Natureza, o registro de ocorrências que autorizam a classificação do que entendemos ser o Bem ou Mal, predispõe o homem do campo, o sertanejo inculto, a ser um supersticioso de fortes e arraigadas convicções.

Se o integrante das coletividades rurais é supersticioso e acredita que é necessário preservar-se da ação prejudicial dos maus espíritos, e o faz certamente com notória sinceridade de intenções, não invalida a definição de que todos

nós, desta ou daquela expressão geográfica, não passamos de imoderadas criaturas que aceitam um sem-número de crenças e se apegam às simpatias e aos sortilégios para desfrutar alguns momentos de tranqüilidade. O mesmo gesto da moça pobre do sertão, que vira a rede em que dorme, para que o amado que a deseja tenha por ela os mesmos sonhos e os mesmos encantos, o é da jovem inglesinha que morando em Londres, numa dessas noites em que o “fog” está ausente, ao sonhar também com o seu namorado, faz virar ou mudar de posição o travesseiro de sua cama.

Até parece que o mesmo sentido de supersticiosidade desenvolve-se por igual, em horizontalidade, por toda a humanidade. Não se pense que o marinheiro que enfrenta os rigores do Pacífico é diferente de outro que navega pelas águas do Atlântico. Apenas, a distinguir os povos, pelo menos nesse particular, existem algumas peculiaridades, modificações de um comportamento, vamos dizer, temeroso, diante dos fatos da Natureza, fatos que na maioria das vezes fogem à interpretação e à explicação de nossa inteligência, principalmente se não é bem dotada.

O resultado é que, embora se tente uma explicação mais satisfatória, acabamos sendo todos incontroláveis. supersticiosos, frutos, quase sempre, das observações que vamos fazendo a respeito das coisas e das estranhas coincidências que assinalam determinados fatos. A humanidade inteira, pelos seus princípios de fé, afugenta o demônio com o sinal-da-cruz. Lemos, certa vez, que Santo Hilário evitou a inundação de uma cidade, sobre a qual tudo indicava ir lançar-se o mar revoltado, riscando na areia três cruzeiros. Os cronistas impenitentes repetem registros equivalentes de pessoas que evitaram que se estendesse sobre si a ação de uma doença de caráter epidêmico marcando com uma cruz, feita a carvão ou a giz, a porta da rua.

Hoje em dia, tanto nas capitais como nas cidades do interior do Nordeste brasileiro – e acreditamos ser prática comum a outras cidades do Brasil – são encontradas, ainda, atrás das portas de residências fragmentos de orações e o sinal-da-cruz, uso consagrado pelo povo.

Tudo, afinal de contas, oferece uma contribuição aos supersticiosos. Os números têm efeito cabalístico. O número 3, por exemplo, possui sortilégios especiais porque são três as pessoas da Santíssima Trindade; porque o galo cantou três vezes e Judas negou Jesus em três oportunidades; o número 7 é o mais visado pelo povo, por razões que lembra a todo momento. Sim, porque o gato tem sete fôlegos, “ladrão que rouba outro tem sete anos de perdão”; todos os segredos são guardados sob sete chaves, sete é a conta do mentiroso; em sete dias Deus criou o mundo e, para não nos alongarmos, eram sete as vacas magras e sete as gordas no sonho de Faraó.

É evidente que para cada número a humanidade ajusta uma credence especial, atribui-lhe um determinado valor. O número dez, para citar outro exemplo, lembra os dez mandamentos, e como dizia João Ferreira Lima em seu *Segredos da Natureza e a Sabedoria Humana*, “na morte de Salomão 10 tribus revoltaram-se, as quais formaram o reino de Israel”, acrescentando, ainda: “São João viu 10 chifres na cabeça do monstro”, etc., etc.

Os sonhos, por sua vez, apontam soluções, advertem-nos do perigo. Se sonhamos com cobras, por exemplo, algo de trágico estará para nos acontecer. Se é com ouro, significa que vamos enriquecer. Um gesto impensado de qualquer um de nós poderá ter significado todo especial. Qualquer acontecimento, por mais banal que seja, merece ser interpretado como aviso do destino, dos bons fados ou a incrível manifestação de um mau espírito e, muitas vezes, transforma-se numa

verdade que não pode ser discutida. É lei. É tabu. Há de valer para todos como proibição.

Por conta disso é que não nos acostumamos ser treze pessoas sentadas a uma mesa para banquetes; a não entrarmos em casa com o pé esquerdo nem deixarmos cair ao chão a comida que levamos à boca. E, ainda, não dormirmos sem fazer o sinal-da-cruz, não usarmos certas roupas, não oferecermos lenços de presentes, pois não perpetuam amizades, e tanta coisa mais.

O Nordeste, pelas características de sua própria formação étnica, é um campo dos mais vastos em que se verificam as mais estranhas superstições. Leonardo Mota, Rodrigues de Carvalho, para lembrar os que já morreram – e, mais recentemente, um Gustavo Barroso, um Florival Seraine, um Josa Magalhães, contribuíram de maneira decisiva para que posamos ter uma idéia mais exata do comportamento do sertanejo diante dos imprevistos do destino.

O sertanejo cearense – e é precisamente este que conhecemos com mais abundância de detalhes e informações – é profundamente crédulo. É influenciado ainda de maneira decisiva pelo livro *Missões Abreviadas*, do qual se referia, com entusiasmo de sociólogo o saudoso Prof. Joaquim Alves, com estas palavras: “*As Missões Abreviadas*, livro piedoso que constituiu o breviário do sertanejo por muitas décadas, contavam fatos extraordinários, de castigos, em vida, de penas, de sofrimentos dos que transgrediam a lei Divina”. E não somente influenciado por essa obra, acrescentamos, mas pelo trabalho muitas vezes psicologicamente mal orientado das missões religiosas que empregam, às vezes, um sentido de catequese sustentado por canhestra idéia dos fatos e da vida, robustecendo mais ainda a compreensão que esses marginais da civilização guardam do Demonio e dos maus espíritos, e por certo de todas as suas manifestações supersticiosas.

Simultaneamente com esses fatores, outros mais estimulam as crendices populares. Livros como o *Lunário Perpétuo* e equivalentes, circulam pelo sertão, sendo reforçada a sua ação pela tradição oral, sempre fértil em criar novos fatos e a movimentá-los. Na verdade sentimos todos nós estranha e profunda vocação para a feitiçaria. Decerto não naquele sentido demoníaco da Idade Média, mas com as características normais de uma sociedade que vai evoluindo sem deixar de todo as suas abusões e os meios que julga eficiente para combatê-las. Vimos, de uma maneira geral, que as ocorrências desagradáveis no ciclo da vida humana decorrem da influência dos maus espíritos.

Sem nos apercebermos desta verdade e quase sempre ignorando que adotamos uma atitude mágica perante esse ou aquele fenómeno, vamos formando a nossa linha de reação contra os chamados espíritos malsãos. A culpa gerou-se na infância distante, em nossas amas, poderemos dizer com mais propriedade, gente que se deslocou dos sertões para as capitais trazendo consigo todo um mundo de lendas, de mistérios e de temor dos sertões incultos. As superstições mais caras são exatamente as que nos foram ensinadas na infância e que, instintivamente, devemos a elas um respeito e um temor fora do comum.

– Menino, descruza as mãos da cabeça. Você, assim, está chamando a morte pro seu pai!

A essa voz a criança, com o receio natural da morte que cresce trágica na admoestação dos mais velhos, fica, desde cedo, proibida de erguer as mãos sobre a cabeça, de cruzá-las. Ainda hoje o gesto é evitado até mesmo pelos adultos. Ninguém deseja insultar os espíritos ou entregar, em gesto tão inútil, o destino de um ente querido.

Ainda na ordem de proibições à infância, que, de maneira irrecorrível atinge os adultos, está a de não ser conveni-

ente menino assobiar de noite. A impressão generalizada é que assobiar-se nessa circunstância dá azar: é, inclusive, sinal de tristeza, de algo trágico que está para ocorrer.

Quem tem ferimentos ou arranhões não deve ir a cemitério. Sempre escutam os dizer que quem se arrisca a tanto está sujeito a morrer de um momento para outro. Principia que o menor ferimento, o arranhão mais insignificante, transformar-se logo em ferida maligna. Então, no capítulo de superstições do cemitério, o folclore enriquece-se:

Se dois amigos vão ao cemitério, acompanhando um enterro, e um deles convidar o companheiro para ir embora, é sinal de que está desejando sua morte;

Ninguém deve ficar a favor do vento que sopra por cima da cova aberta. Quem assim fizer está como que pedindo para morrer;

Areia de cemitério jogada em cima da casa de quem não se gosta, põe urucubaca;

Areia de cemitério, dentro de boca de sapo, misturada com cinza, é veículo infernal para feitiço;

Convém fazer o sinal-da-cruz quem passar, de noite, pela porta principal do cemitério;

Quando passa um enterro as pessoas devem tirar o chapéu. Se ficam com ele na cabeça podem ser castigados pela alma do morto; etc., etc.

Em quase todas as superstições sente-se quase sempre a presença do temor, do medo, em face da morte. Embora não seja esta uma característica comum, há um sem-número de abusões em que se sente a fragilidade da nossa precária condição humana. Para exemplo: se uma galinha, no terreiro ou no quintal da casa, principia a cantar como galo, está adivinhando morte para seus donos ou outra inevitável desgraça que não tardará. Se isso acontecer o dono da casa deverá, quanto antes, pegar a pobre ave que inadvertidamente

cantou como galo, para sacrificá-la da seguinte maneira: corta-lhe o “dedo grande” de um dos pés e com o sangue que dele verter fará uma cruz (sim, a cruz!) no batente da porta. Diz o homem do campo que o efeito é maravilhoso:

– Corta qualquer agouro, doutor!

Pessoas mais crédulas não acreditam que essa prática dê resultado e, por isso, vão mais adiante: matam a galinha e a atiram longe de casa. Não se pense que apenas as galinhas são vítimas do homem em seus momentos de fraqueza, de receio da morte. O cão doméstico se porventura deitar-se de barriga para o ar ou se arrastar, com a traseira, em direção ao seu dono, está igualmente vaticinando a sua morte para um dia próximo. O cachorro deve ser afugentado de casa e, se possível, apanhar uma sova de cipó. Outros mais supersticiosos rezam um Padre-Nosso e duas Ave-Marias.

E se morre alguém numa casa, manda a tradição que a residência em que se deu o desenlace seja varrida de “dentro para fora”, logo que o enterro sair. Afirmam os entendidos que esta medida evita que outra pessoa ali moradora venha a morrer. Se o defunto não enrijece logo, é mau prenúncio. Está indicando que dentro de pouco tempo outro parente também se finará. E vão assim as populações rurais se valendo de suas superstições, uma para evitar a morte, outras para desfrutar melhor vida, diversas para rever um ente querido, para não ter medo, para não ser covarde, para vencer na vida, etc., todas naturalmente muito interessantes. A seguir, numa tentativa de oferecer nova contribuição aos estudiosos do assunto, ofereceremos uma relação de outras abusões que conseguimos arrolar para este trabalho:

Quando uma pessoa da família se ausenta, isto é, vai fazer uma viagem demorada, não se deve varrer a casa imediatamente. Se ocorrer isso o rastro estará desfeito e é bem provável que a pessoa não retorne ao lar;

Sertanejo que passa entre paus de porteira, sem retirá-los, fica de “corpo aberto”. Se, sem se lembrar desta proibição, ultrapassá-la, deve, em ato contínuo, benzer-se. Algumas pessoas acham que quem se benzer antes e depois, não ficará com o “corpo aberto”, isto é, sujeito a perigos;

Criança que “pisa” em pilão vazio está azarando os padrinhos;

Matar gato, deixar chinelos emborcados ou uma cadeira de pernas pra cima, é sinal de atraso certo para o lar;

Menino que abre os braços na porta da frente de sua casa está adivinhando morte ou doença para os pais;

Desenhar um lacrau na parede de casa, afugenta-os, evitando que os meninos sejam ferroados;

Quem diz que está de “azar” ou “caipora”, está se infelicitando;

O homem ou a mulher não se deve casar no quarto minguante;

Cachorro preto que tem mancha branca no rabo, é “azarento”;

Comprar sal de noite ou “gás” (querosene) dá azar;

Escorregar na porta do cemitério é de mau presságio. Quem assim fizer estará perto de morrer;

Mulher grávida não deve passar em cima de rastro de cobra, senão a criança, quando nascer, engatinhará de barriga no chão;

Chifre de boi, no roçado, livra a safra do “mau olhado”;

Chifre de boi pendurado em cima do balcão livra o dona da venda dos invejosos;

Dormir nu é dormir sem o anjo da guarda;

Não se deve vestir roupa pelo avesso, pois quem assim fizer poderá virar lobisomem;

Para se livrar do mau olhado não há como colocar-se um pouco de carvão dentro de uma vasilha perto da rede em que se dorme;

As cobras não entram na casa de quem possui um galo vermelho;

A pessoa atacada de íngua deve procurar a estrela mais bonita do céu e apontando-a, com o dedo, dizer:

*Estrela bonita e bela
a estrela está dizendo
Morra a íngua
E fique ela.*

Mulher grávida que passa por cima de cabresto de animal tem parto difícil;

Quem dorme falando está conversando com os mortos;

Muita formiga dentro de casa significa mudança certa de proprietário;

Quem se sentar na boca de um pilão, dia de sexta-feira, ficará com o “corpo aberto”;

Quem veste a blusa pelo avesso não enche a barriga;
Pessoa que morre muda logo a vista, isto é, fica com os olhos sem brilho em retrato.

Casa que tem cupim é mau agouro: é sinal de que o dono da casa vai morrer;

As sexta-feiras não se deve guardar o objeto que se encontrou na rua;

Mosca que voeja nos lábios do morto, fazendo uma cruz, está vaticinando outra morte;

Dá azar quem dorme com os pés voltados para a porta da rua;

Cama que se arruma com os pés para o lado da rua dá azar;

Passarinho que desce no quintal, em casa de quem está enfermo, é sinal de que a morte vai levar o doente;

Quebrar vidro, copo, é sinal de desprazer;

Ninguém deve beber o sobejo de outra pessoa, porque
fica sem seus segredos;
Cera no ouvido, em excesso, é sinal de riqueza;
Barata voando dentro de casa ou está anunciando di-
nheiro ou morte de parente rico;
Beijar menino na boca cria “sapinhos”; etc, etc.

NOTÍCIA DE UM ROMANCE
RÚSTICO

AMADEU AMARAL, FOLCLORISTA PRIMOROSO, CIOSO DE SUAS obrigações, que nos legou *Tradições Populares*, contribuição das mais sérias aos estudos da demopsicologia, no capítulo que considerou representar um “ciclo de romances rústicos”, reuniu todos os poemas nordestinos do “Boi literatura popular em que aparecem o vaqueiro e quase sempre um boi misterioso, de pauta com o demonio. E em. assim fazendo teve a oportunidade de arrolar várias versões, destacando:

- O Rabicho
- O Boi Liso
- O Boi Epitácio
- A Vaca do Burel
- A. B. C. do Boi Prata
- O Boi Surubim
- O Boi Moleque
- O Boi Misterioso
- O Novilho Quixelé
- O Boi Victor
- O Boi Pintadinho
- O Boi Adão

Não faz, entretanto, nenhuma alusão ao romance, cuja versão que possuímos foi escrita por José Bernardo da Silva,

História do Boi Mandingueiro e o Cavallo Misterioso. Luiz da Câmara Cascudo, in *Vaqueiros e Cantadores*, no capítulo referente ao “Ciclo do Gado”, faz referências ao *Romance do Boi da Mão de Pau*. Gustavo Barroso vai mais além em suas informações e nos oferece o seu *Resumo do Ciclo dos Vaqueiros*, acrescido de outras contribuições:

- 1 – A Onça do Sitiá
- 2 – A Onça do Cruxatu
- 3 – A Onça Maçaroca
- 4 – O Boi Moleque
- 5 – O Boi Misterioso
- 6 – A Vaquejada
- 7 – O Novilho do Quixelo
- 8 – O Boi Barroso
- 9 – O Rabicho da Geralda
- 10 – O Boi Espaço
- 11 – A Vaca do Burel
- 12 – O Boi Vitor
- 13 – O Boi Pintadinho
- 14 – O Boi Adão
- 15 – O A-B-C do Vaqueiro
- 16 – O A-B-C do Boi Prata
- 17 – O A-B-C do Bode dos Grossos.

De uma maneira geral as histórias se eqüivalem. Quase sempre o assunto é a existência de um boi arisco que nenhum vaqueiro, por mais afamado e corajoso, teve a felicidade de deitar-lhe as mãos na cauda para derrubá-lo. Um a um desfilam os vaqueiros, vindos de toda parte, apregoando façanhas as mais arrojadas possíveis, sem que possam, na hora de provar a bravura, fazer o boi conhecer a dureza do chão. As vezes, surge um homem decidido. É o herói da história,

como no caso do Boi Espaço em que Antonio Ferreira acaba vencendo o velho e perigoso barbatão, que segundo o que lemos em Amadeu Amaral, o seu couro “deu pares de surrão, para carregar farinha da praia do Maranhão”; o fato, ainda é a inspiração popular

que conta, precisou de cem pessoas para tratá-lo e mais cem para virá-lo.

Possivelmente, a rigor, a história mais bonita do “Ciclo do Boi” talvez seja na verdade a do *O Rabicho da Geralda*. Os versos são bem urdidos e desde os primeiros momentos sente-se o valor da narração:

*Eu fui o liso Rabicho
Boi de fama conhecido
Nunca houve neste mundo
Outro boi tão destemido
Minha fama era tão grande
Que enchia todo o sertão*

Desenvolve-se a solfa desse boi dentro das mesmas características que identificam as narrativas do ciclo. Mas, o que lhe dá validade e posição sobre as demais, é o seu final. O boi que venceu todos os vaqueiros, não deixando que nenhum marcasse com a afronta de uma queda no arisco, um dia regressa, vencido, ao curral da fazenda, sendo, então, capturado. Regressa, porque a seca inclemente convertera-se no mais terrível vaqueiro, para derrotá-lo.

Aproveitando o tema, que é de inegável beleza rústica, o poeta Wilson W. Rodrigues, sob a inspiração de Joaquim Ribeiro, em seu livro *Lendas do Brasil*, dedica bonito poema ao romance do *Rabicho da Geralda*. Após descrever toda a vida do feroso animal, termina a odisséia do boi com estes versos:

*E o Rabicho,
Aproximando-se do curral,
ajoelhando-se na beira do açude,
parecia dizer: Somente o sol me venceu!
E nessa beatitude
O Rabicho da Geralda morreu.*

Se por um lado a história mais pungente é a do *Rabicho da Geralda*, por outro, não se pode esquecer a *História do Boi Mandingueiro e o Cavalo Misterioso*. Nesta é revelada a presença também do outro animal útil ao homem: o cavalo, tão intimamente ligado à vida do vaqueiro de nossas fazendas. Nos versos desse romance popular – dos mais extensos que conhecemos – o poeta sertanejo como que recupera a figura do cavalo, fazendo-o tão famoso quanto o boi mais perigoso. Desde a infância que escutamos os versos de narrativa empolgante e em mais de uma oportunidade a ela temo-nos referido em nossos estudos, lamentando, agora, que ninguém haja decidido dedicar-lhe um trabalho mais completo, reunindo todos os elementos do ciclo dos romances rústicos.

Em dois volumes vão contadas as aventuras do *Cavalo Misterioso e do Boi Mandingueiro*. Nem mesmo o nascimento do boi passa despercebido. De uma vaca imprestável à criação, nascera um “bezerro muito gordo, preto retinto, e nutrido” que seria, mais tarde, o animal mais bravio dos sertões. De bezerro – conta a história – logo se pos garrote e um dia desapareceu, passando a viver na caatinga, onde adquiriu notoriedade. Em busca desse animal, cuja fama de esperteza e valentia já se espalhara por vilas e cidades, sucedem-se os vaqueiros no desejo sempre insatisfeito de vencê-lo. Leonor, a filha do dono da fazenda, de onde partem os vaqueiros à procura do Boi Mandingueiro, é a donzela prometida em casamento ao jovem que conseguir vencer o barbatão.

A essa altura dos acontecimentos, enquanto vão os vaqueiros sendo frustrados em seus intentos, surge a figura do Cavalo Misterioso. Interessante é que nasceu nas mesmas condições do Boi Mandingueiro.

*Tinha uma besta velha
Chamada Misteriosa
Era quem ele pegava
Boi de fama espantosa
O cavalo de fiança
Que correndo nunca cansa
Em que sustentava a prosa*

*Estava quase caduca
E nunca havia parido
O velho aposentou ela
Vivia dela esquecido
Cbeio de mofo e gafeira
E a sarna roedeira
Pensava já ter morrido*

*Um dia casualmente
Encontrou a Misteriosa
Com o bucho muito grande
Gorda e muito formosa
Ele era muito engraçado
Ficando admirado
Disse com ela uma prosa.*

*– No tempo da mocidade
Nunca me deste um poldrinho
Agora depois de velha
Queres me dar um bichinho?
Só quero que seja esperto
Do que mesmo passarinho.*

*Pegou a besta e levou
E botou-a no cercado
A meia-noite pariu
Um poldro encascado
Preto da cor de carvão
Tendo um sino salomão
No peito bem encarnado*

De poldro à idade adulta, eis o Misterioso como cavalo de estimação do fazendeiro que, ao morrer, deixou-o para o seu filho Genésio. E como as coisas devem acontecer nas histórias, Genésio, ouvindo as peripécias que contavam do Boi Mandingueiro pronto se dispôs a ir pegá-lo a unha. O interessante é que o Cavalo Misterioso, com o qual Genésio se apresenta na fazenda do pai de Leonor, é um animal feio, magro, tão magro, que provoca hilaridade entre os vaqueiros:

*Vem agora aquela besta
Montado em cima dum pato
Pegar o Boi Mandingueiro
Mais ligeiro do que um gato
Bicho danado na canela
Cavalo que tem tabela
Fica cansado no mato*

*Aquilo é um louco
Diziam todos sorrindo
Genésio presenciou
Foi logo abi reagindo
– Maluco são os senhores
Vaqueiros empalhadores
Com quem estão bolindo?*

*Eu sou o rei dos vaqueiros
Sou o vaqueiro Cambonje
Não sou como os senhores
Que deixam o bicho de longe
Meu cavalo está cansado
Porém é certo o ditado
“O hábito não faz o monge”*

*Leonor pelo rapaz
Estava apaixonada
Mas via o cavalo dele
Ficava desanimada
O positivo não nega
Dizendo: aquele não pega
Nem uma gata peada*

A crença vem de priscas eras de que o homem, graças ao poder mágico de uma entidade superior, pode transformar-se em bicho. Através a História, sem dificuldade, encontraremos relatos de homens que tomaram a forma de hiena, de cão ou de lobo. Daí não ser difícil pensar por que razão o homem inculto do sertão sempre outorgou poderes sobrenaturais a feiticeiros, privilegiadas criaturas que podem transformar o homem em animal ou conferir poder sobrenatural a um cavalo, a um boi, etc., como no caso da solfa que vimos nos ocupando nesse trabalho.

Quem conhece esse romance popular pode ver que em nenhum outro a participação da feitiçaria está tão bem definida. A principiar pelo título “Mandingueiro”, (aquele que faz bruxaria, feitiço), seguido da classificação de misterioso (no sentido de coisa mal-assombrada), o livro de versos de José Bernardo da Silva, versão de uma história que corre os ser-

tões do Ceará, Rio Grande do Norte e Piauí, nota-se a influência decisiva do sertanejo que acredita que certos animais têm pautas com o Cão, isto é, compromissos mágicos com o Satanás.

A transfiguração em nossos sertões é violenta. Não se vai acreditar, apenas, que o boi ou cavalo esconde a personalidade de um príncipe, como normalmente a encontramos nos contos infantis de influência européia. Nesta sofrida expressão geográfica do Nordeste, compreendida no Polígono das Secas, o animal que não pode ser domado pelo homem, não esconde a identidade de rei ou de príncipe, mas do próprio Demonio que, sendo o agente do mal, insubmisso a Deus, somente nesta condição poderá afligir o homem valente, corajoso e bem intencionado.

Aliás, como já nos lembrara anteriormente a escritora Ruth Guimarães, a “descrição física do Diabo é variadíssima, no sul de Minas e em São Paulo. De acordo com o que ouvimos, ele pode se apresentar indiferentemente sob todos estes aspectos: é um preto feio, com um olho só, vermelho, no meio da testa; é um preto feio, metade do corpo, da cintura para baixo, feito bode. Tem chifres; é um sapo, e ainda mais um bode, um gato preto, um cachorro também preto, um cavalo soltando fogo pelas ventas”, etc. O Cavalo Misterioso dos sertões nordestinos não solta fogo pelas narinas, mas tem um sinal vermelho no peito e é concebido como manifestação física do próprio Demonio. Tanto que em diversas passagens do folheto do cordel o autor coloca na boca dos circunstantes perguntas sobre a identidade do cavalo:

*Perguntou o fazendeiro:
– O seu cavalo é o Cão?
Não, senhor, disse Genésio
Mas faz a imitação*

*Foi nascido para mim
Não monto em cavalo ruim
Tenho esta opinião.*

No decorrer da história, em outros trechos adiante:

*Enfim chegaram os vaqueiros
Em bons cavalos montados
Disse Genésio: esses ganchos
Eu deixo todos logrados
Nunca viram boi correr
Hoje todos tem de ver
Três demonios encangados*

Identifica-se mais ainda o poder sobrenatural, da feitiçaria do Cavalo Misterioso, quando o rapaz que fora mandado pelo fazendeiro olhar se o animal de Genésio morrera, volta correndo, assombrado:

*Enfim todos os vaqueiros
Fizeram reunião
Tudo em profunda comoção
Os cavalos espantados
De cabelos arrepiados
Que chamou tudo atenção*

*Disseram todos vaqueiros
Este cavalo é o cão
Deixou os nossos assombrados
Causando admiração
Disse Genésio: ele é rei
É um direito da lei
Honrarem seu pavilhão*

Vai Genésio, a partir deste momento, à procura do Boi Mandingueiro. A descrição que se segue da perseguição que o cavalo faz ao barbatão, montado por um vaqueiro que conhece a sua profissão e sabe o que deve fazer para abater o touro bravo, é das mais empolgantes. Quando o boi e o cavalo se encontram a impressão que se tem é que dois monstros alados vão porfiar:

*E gritou ao Mandingueiro:
– Eu sou o rei da floresta!
Tome cuidado na vida
Que está comigo na testa:
Prepare as suas canelas
Bote oito azas nelas
Para dançarmos na festa*

*O boi soltou um mugido
Nos quatro pés se ergueu
E logo em cima do boi
um letreiro apareceu
dizendo: tu hás de ver
nunca vistes boi correr
Vais conhecer quem sou eu*

O boi é perseguido. Procura fugir à impetuosidade do cavalo; luta tenazmente, mas cai uma vez, cai a segunda. É vencido. Humilhado, é conduzido para o curral. No cercado, colocam-no ao lado do Cavalo Misterioso. É o “historiador” quem conta:

*Dentro dum grande cercado
Botaram o Mandingueiro*

*Com ele o Misterioso
Com o ferro do Monteiro
Do cercado eles fugiram
Os donos não mais os viram
Jamais tiveramroteiro*

Nesta seqüência do folheto o leitor se apercebe de que tanto o cavalo como o boi não perderam seus poderes. Qualquer coisa acima da compreensão humana aconteceu, o que serve para atestar, mais uma vez, o sentido de feitiçaria atribuído à existência dos dois animais que, a essa altura, ninguém duvida tenham ligação muito íntima entre si. E o romance se aclara quando, um dia, o pai de Leonor indo a um cercado e lá se demorando sob uma árvore, viu pousarem nela quatro urubus “mais pretos do que carvão” e que falando contaram que vinham do “estrangeiro” onde foram assistir à chegada do Boi Mandingueiro.

*Dás notícias do cavalo?
Disse o terceiro: pois não!
Está sendo castigado
Porque pegou o irmão
Ele lá dá grande ronco
Preso em grosso tronco
Levando muito facão*

“Levando muito facão”, diz o poeta, – e isso quer dizer: sendo açoitado, castigado. Por esses versos sente-se então que ambos os animais são na verdade enfeitados. E como se isso não bastasse, o “historiador” popular põe estas palavras de temor nos lábios do fazendeiro, ao conversar com Genésio:

*Credo! disse o fazendeiro
Seu pai era um danado
Um feiticeiro de força
Pelo demonio ajudado
Disse ele (Genésio) não senhor
Meu pai era professor
Na arte de pegar gado*

*O finado meu avo
Era Chico Punaré
No dia que se danava
Que bolia na coité
Tinha o músculo de aço
Pegava lube de laço
Mãe d'água de gereré*

*O velho meu bisavo
Era Felix Embuá
Era um velho preparado
Carregava um patuá
Levava tudo de arrojo
Pegava alma de fojo
Fantasma de landuá*

*O pai do meu trisavo
Era um velho espanhol
De longe os olhos dele
Parecia um farol
Mesmo no pé da parede
Pegava Satã de rede
Mula de padre de anzol*

*Esses foram aprendizes
Do finado Andorinha
Para pegar qualquer bicho
Soprava numa gaitinha
Esse era um rapaz
Se chamava Ferrabraz
Com toda cólera vinha*

É esta a história, certamente, que se conserva mais do que outras equivalentes, na memória do povo. Não há feira popular que não possua este folheto para vender. E o que existe a distingui-la de tantas outras é a participação dos dois animais enfeitados, o que serve para aguçar a observação do sertanejo, homem crédulo e temente ao Demônio, e arrebatá-lo em sua admiração.

NÓS E OS ANIMAIS

UM ESTUDIOSO DE ASSUNTOS CIENTÍFICOS, C. O. LELANDA, segundo William J. Fielding, no *Algonquian Legends of New England*, chama-nos a atenção para antiga máxima indígena: “No começo os homens eram como os animais e os animais como os homens”. Por essa ou outra razão, ou porque vivessem os animais como simples mortais, a verdade é que os homens sempre se interessaram pela sorte dos irracionais, atribuindo-lhes qualidades superiores. Aliás, talvez não haja sido simples interesse, porque os animais mereceram atenção muito maior e toda a história da civilização parte de um determinado estágio na vida do homem em que serpentes, pássaros, bois, etc., além de formarem uma mítica especial, transformava-se em totem para adoração e respeito das coletividades.

Foi um pássaro, de acordo com a narração dos estudiosos, que mostrou ao homem a utilidade do fogo. Às vezes, não é um pássaro que surge na lenda para presidir o descobrimento do fogo. Os habitantes do Chaco afirmavam existir um jaguar de guarda ao elemento mais poderoso que o homem teve a seu serviço, descoberto, certamente, pela fricção da própria madeira. A descoberta do fogo e sua conseqüente utilização, em qualquer desses recantos antigos, envolve, permanentemente, a presença

de um animal, como a insinuar-nos o valor de sua participação na vida do homem.

Felix Molina-Téllez, em seu notável livro – *El Mito, la Leyenda y el Hombre* – em que discorre com rara proficiência sobre mitos e costumes do folclore, adverte-nos: “Juegan un papel importante en la vida del hombre los animales. En un comienzo, por ese anhelo que apunta en el deseo de poseer la astucia del animal, que estuvo bien sellada en los pielesrojas que, según ellos, habían copiado de los animales la táctica de la guerra, la técnica de las emboscadas, y se jactaban de espiar a un enemigo como un zorro, de atacarlo como un tigre y de esquivarlo como una liebre”.

Facilmente podemos figurar o homem em seus princípios, quando sem o grande sentido da cooperação de seu semelhante, procurava partilhar da vida animal, utilizando-se de suas experiências e de seus serviços, o que implica tacitamente reconhecer nos mesmos certo grau de sabedoria. A própria história da medicina lembra-nos esse momento em que o homem, quando levado pela observação foi, aos poucos, descobrindo determinadas ervas e raízes de que já se utilizavam os animais para seu tratamento. O teiú, ao ser mordido por uma cobra, com quem está lutando, corre apressadamente ao mato até encontrar uma batata que lhe serve de antídoto. Os gatos domésticos, quando estão com cólicas, valem-se da grama para se verem livres das dores que sentem. O famoso passarinho João-de-Barro como que ensina ao sertanejo a não fazer a abertura de sua casa para a chuva, protegendo-se assim dos rigores do inverno, o que vale, também, como prenúncio de grandes precipitações pluviáteis quando executa essa providência de ordem arquitetônica.

Sem uma compreensão melhor dos fenômenos do grande mundo que o envolvia, ora em trevas, ora em luz, o ho-

mem admitia aos animais poderes especiais, considerando-os, muitas vezes, capazes de influenciar sua existência e a da comunidade. Emprestava aos bichos poderes sobrenaturais, o que está hoje em dia suficientemente esclarecido, e chegava até a admitir que pudessem comunicar-se uns com os outros e que tivessem, além dessas qualidades, outras de maior importância, como por exemplo, de se transformarem em gente, na recíproca de que o homem pode transmudar-se em animal. Será exemplo decidido dessa assertiva a licantropia, a transformação do homem em lobo, para molestar seus inimigos. E o nosso próprio folclore é rico de casos em que homens, muito pálidos, em determinadas sextas-feiras, tomam forma de lobisomem, correndo pelas ruas, assustando e ofendendo os incautos.

Não há somente esses exemplos. Outros existem em distantes superfícies geográficas, em que homens se transformam em gatos e mulheres tomam a pele de ladinhas raposas para tentar os homens. “A raposa do sexo feminino, assumindo a forma humana é a mais sedutora de todas as criaturas humanas”, diz-nos o autor de *Estranhas Superstições e Práticas de Magia*, e acrescenta: “O folclore oriental contém muitas histórias de raposas em forma de mulher, levando homens apaixonados à autodestruição”.

O que nos impressionam mais, na infância, evidentemente, são as histórias em que os animais falam como nós outros e padecem as nossas mesmas aflições. Há sempre uma tia ou pessoa mais velha de nossa família para contar-nos as estranhas aventuras ocorridas no tempo em que os bichos falavam. O folclore nordestino é rico de episódios de bichos faladores, onde se percebe a sabedoria do macaco, a tagarelice do papagaio, a astúcia da raposa e a valentia da onça. Na quadra mais risonha de nossa vida, a infância, não vislumbramos a razão por que se originaram tantas narrativas em que se sente nelas

os animais como criaturas humanas. Somente na maturidade, quando nos aprofundamos nos estudos, é que vamos, surpreendidos, descobrindo que nada existe sobre a terra sem obedecer a uma lei de criação e que essas deliciosas histórias são o reflexo do nosso temor em face dos bichos, atribuindo-lhes, em nossa ignorância, qualidades sobrenaturais.

Ao correr dos dias, com a explicação de muitos fenômenos que sucedem em torno de nós, a importância desse falso juízo sobre os animais vai decrescendo, embora o totemismo funcione ainda sobre a lembrança desses dias, e fiquem as histórias agora identificadas a determinadas regiões e sofrendo outras transformações impostas pelo espírito anedótico do povo.

Basílio de Magalhães (in *O Folclore no Brasil*, com uma coletânea de 81 contos populares organizado pelo Dr. João da Silva Campos) sugere uma classificação dos contos que se enquadram no ciclo da mítica zoológica. Mais de um terço de anedotas, etc., cujos personagens são os animais, senão vejamos: “A rainha das onças”, “A onça e o bode”, “A onça e o coelho”, “A onça e a afilhada”, “A onça e o macaco”, “A onça e a raposa”, “A onça e os carapinas”, “O macaco e a negrinha de cera”, “O macaco e o confeito”, “O macaco do mato grosso”, “A raposa e o homem”, “A raposa e as aves”, “O raposo, o galo e a galinha”, “O carneiro e a baratinha” e outros mais que foram recolhidos por Silva Campos e que são comuns a todos os estados brasileiros.

Leonardo Mota em seu livro *Violeiros do Norte* oferece-nos excelente capítulo na legenda “Os Bichos Falam”, em que transcreve gostosos versos sobre as aventuras dos animais sob o signo do poder da voz. De Luiz Dantas Quesado são as décimas que recitou para o saudoso folclorista cearense e que correm o sertão juntamente com outros versos do inspirado repentista:

*Vi um teú escrevendo,
um camaleão cantando,
uma raposa bordando,
uma ticaca tecendo,
um macaco velho lendo,
Cururu batendo telha
um bando de rã vermelha
trabalhando num tissume,
vi um tatu num cortume
cortando couro de abelha*

*Vi um quati marceneiro,
Vi um furão lavrador,
Vi um porco agricultor
E um timbu velho ferreiro
Um veado sapateiro,
Caitetu tocando buzo
Punaré fazendo fuso,
Aranha tirando empate
Vi um besouro alfaiate
Cortando roupa de uso*

Severino Barbosa Torres é autor de um folheto da literatura de cordel no qual se conta as aventuras de uma rã: *História da Rã Ganbadeira*. Como nos demais versos populares comuns aos sertões, aparecem os bichos como se fossem criaturas, destacando-se a rã pelas suas qualidades de grande inteligência:

*Um Camarada contou-me
que morava na Bahia
num lugar muito esquisito
que só ele residia
e o vizinho que tinha
era uma comadre jia*

*E a jia era casada
com um cururu tei-tei
a jia era rainha
o cururu era rei
o rapaz contou-me isto
eu também não duvidei*

*Então da jia nasceu
às 6 horas da manhã
uma filha com as faces
corada como uma romã
como ela era bonita
lbe deram o nome de rã*

*O cururu disse a jia
agora temos prazer
vamos para capital
pra nossa filha aprender
três artes especiais
ler, escrever e coser*

*Porém botaram a rã
em uma escola atrasada
a rã passou cinco anos
nunca pôde aprender nada
foi quando a rainha jia
com isso ficou zangada*

*Mas depois ela aprendeu
lá com outro camarada
todo sistema de jogo
comprou logo uma cartada
disse: agora vou jogar
e não me falta nada*

*Montou a casa de jogo
de frente assim com a feira
começou a ganhar tudo
dinheiro da cabroeira
e os cabras lhe apelidaram
por dona Rã Ganhadeira*

.....

*Um rapaz foi para o jogo
com ela o dia jogou
mas a uma hora da tarde
pra casa liso voltou
e disse agora estou pobre
o que tinha a rã ganhou*

*Tinha um velho em Sergipe
morando numa ribeira
quando soube da notícia
saiu em toda carreira
dizendo vou conhecer
dona rã ganhadeira*

*Veio gente do Indostão
e também da Grã-Bretanha
veio um velho preparado
morador na Alemanha
que disse: eu tenho dinheiro
e quero ver se a rã ganha*

*Chegou o velho estrangeiro
aonde a rã residia
começou a jogar com ela*

*mas só agüentou um dia
porque a rã ganhou tudo
quanto ele possuía*

Tanto esses como os demais versos de repentistas populares ou de historiadores do sertão, são exemplos da grande simpatia do homem pelos animais, simpatia que se decalca no pressuposto de que têm eles poderes sobrenaturais ao estímulo dos quais compreendem não somente os seus símiles, mas os próprios homens.

De qualquer maneira, C. G. Lelanda parece ter razão: “No começo os homens eram como os animais e os animais como homens”.

COMPORTAMENTO MORAL DO
SERTANEJO

O SERTANEJO É UM HOMEM QUE, ACIMA DE TUDO, LOUVA E ENALTECE os chamados predicados morais. Não se pense por ter dominado os sertões uma onda de crimes embora ainda hoje ali se registrem desatinos, que o nosso rurícola é um cangaceiro em potencial, sempre disposto a matar seu desafeto, de emboscada, ou a praticar maiores indignidades. Ouve-se no *binterland*, com freqüência: “Fulano fez justiça com as próprias mãos”. Essa frase dita e repetida amiúde esclarece a situação belicosa do sertanejo, levado quase sempre à luta, ao crime, pela própria deturpação da lei que, feita para ampará-lo, é tolhida pelo dinheiro dos mais ricos e fere, frontalmente, os seus direitos.

Luiz da Câmara Cascudo – e poderíamos citar tantos outros – ao descrever o ciclo social do cangaceiro, após afirmar com muita propriedade que “o sertanejo não admira o criminoso, mas o homem valente”, reúne estas palavras que bem definem o caráter do habitante dos sertões do Nordeste: “O sertão indistigue o cangaceiro do homem valente. Para ele a função criminosa é acidental. Raramente, sentimos nos versos entusiastas, um vislumbre de crítica ou de reproche à selvageria do assassino. O essencial é a coragem pessoal, o desassombro, a afoiteza, o arrojo de medir-se imediatamente contra um ou contra vinte”. O cangaceiro é um injustiçado –

e nesse conceito não vai nenhuma nova descoberta – e ganha a simpatia no cancionero popular justamente porque não encontrando refúgio na lei, procura fazer com o punhal ou o rifle a justiça pelas suas mãos.

*Eu tinha quatorze anos
Quando mataram meu pai
Eu mandei dizer ao cabra:
Se apronte que você vai...
Se esconda até no inferno
De lá mesmo você sai*

*Foi aí que resolvi
Este viver infeliz:
Olhei para o rifle e disse:
Você será meu juiz
Disse ao punhal: com você
eu represento o país.*

Conta-se assim a história de Antônio Silvino. Guardando-lhe semelhanças, é a de Virgolino Ferreira da Silva, vulgo Lampião. Principalmente em seu romanceiro é que vamos encontrar o elogio às virtudes do homem. Em sua linguagem saborosa e muitas vezes de uma ingenuidade comovedora o poeta sertanejo sublinha as qualidades que devemos ter para conquistar as portas do céu, ora a mão de uma donzela, ora a amizade de senhores importantes ou a confiança dos amigos. Não há romance de feira, por mais modesto que seja, que não se encontre no desenrolar de seus versos trechos a exortar na rima simples o decálogo de normas que devemos obedecer para merecer principalmente as graças de Deus.

A impressão do crime praticado pelo banditismo não recebe perdão do sertanejo. E o primeiro exemplo desse com-

portamento de repulsa ao pecador declarado, vamos encontrar nos versos do *Grande Debate de Lampião com São Pedro*:

*Você não entra, atrevido
São Pedro lhe disse assim:
ingresso a quem é ruim
nesta porta é proibido
Não sabes que sois bandido
Roubador da vida humana
Alma ferina e tirana
Coração cruel perverso
Como querer um ingresso
Nesta mansão soberana?*

Entretanto, é no folheto de José Bernardo da Silva, *Aviso ao Pe. Cícero*, que ressaltam essas manifestações da moral sertaneja e que nesse trabalho se reúnem sob a inspiração do patriarca do Juazeiro do Norte. Na capa do livrinho há uma legenda: “Para despertar os descuidados e converter os pecadores” – e quase todos os versos apontam ao leitor os tipos de pecadores mais comuns. Dessa catilinária campestre aos vícios e viciados, não escapam o jogador, o alcoólatra, os “dançadores desonestos”, os casais de vida irregular, o “falador da vida alheia”, o pai de família sem responsabilidade, o assassino “carniceiro” e o ladrão “proficionista corrutor da santa paz”, etc., etc.

*Dançadores desonestos
Vejam as honras violadas
Vossas mulheres desrespeitadas
Se continuares assim
As vossas almas por mim
Todas serão condenadas*

*Amancebado cascudo
Carranca de boi de era
Tira o laço do pescoço
Que o Satanás já te espera*

*Para te passar a navalha
Trancado numa muralha
Junto com a besta fera*

*Casado luxurioso
Conserva o teu juramento
Olha que és obrigado
Respeitar o sacramento
Se não cumprires teu dever
Condenado hás de morrer
No maior constrangimento*

*Falador da vida albeia
Língua infeliz depravada
Respeita a honra do próximo
Boca ferina impestada
Deixa teu crime e maldade
Porque na eternidade
Tua alma está condenada*

*Pai de família horroroso
Monstro de tanta maldade
Vede vossas filhas nuas
Perante a humanidade
Se não deixar teu pecado
Hás de ficar condenado
Por toda a eternidade*

Os heróis desse povo são todos amigos do Bem. Não conhecemos verso que desfigure a verdade. O homem que parte para vencer o inimigo não o faz pelo desejo de ver o sangue correr, mas para demonstrar que também possui direitos e que a justiça precisa ser feita:

*Eu nasci foi para ser homem
e enfrentar todo artigo
Tempo ruim pra mim sobra
e da honra sou amigo
Vou buscar o Zé Mendonça
Pra metê-lo no castigo!*

São versos dessa natureza que lemos em Francisco Sales Arêda, contando o encontro de Antônio Cobra Choca com o sertanejo valente, a confirmar as nossas palavras. E outro herói popular, o valente José Targino, na descrição de Severino Borges Silva, historiador do povo, possui também essas qualidades que sempre estão presentes, a identificar o caráter do sertanejo:

*Targino era assim porém
Respeitava a casa alheia
Honrava toda mulher
Simpática, bonita ou feia
De compaixão para os pobres
A sua alma era cheia*

*Cego aleijado mendigo
e velho principalmente
Ele socorria a todos
Não era uma vez somente
Se amém salva uma alma
Ele á salvo certamente*

.....

*Um capitão de policia
da força pernambucana,
o governo destinou-o
pra comissário em Goiânia
esse soube que Targino
era uma alma desumana*

*Mandou chamá-lo urgente
pois precisava conhecê-lo
Targino disse: e eu vou
ninguém me arranca um cabelo,
quem nasceu para desgraça
só está bom com desmantelo*

*Chegou e o capitão
perguntou-lhe amavelmente
Targino eu tenho notícia
que o senhor é valente
ele disse: eu breve faço
gibão de couro de gente*

*E porque procede assim
perguntou-lhe o capitão:
Targino disse: é porque
malandro, bêbado e ladrão
se acabando não faz falta
antes melhora a nação*

*Eu lá no mato sou tudo
Sou juiz, sou delegado
defendo, acuso e castigo
sou inspetor, sou soldado
porém nunca dei num homem
trabalhador e honrado*

Na verdade, os heróis do sertão devem reunir tanto quanto possível essas qualidades de caráter que o sertanejo reconhece e admira nos seus semelhantes. Impossível encontrar, praticados por esses tipos criados pela imaginação do povo, atos que deponham contra a sua vida em sociedade. E não se negue que a fomentar e a estimular essa moral está, antes de mais nada, a influência decisiva de determinados livros como o *Missões Abreviadas*, famosa obra que espalhou pelo sertão todo um grande temor pelo pecado que, ainda hoje, conserva na área do Nordeste influenciada pelos movimentos de fervor religioso a recordação sempre viva do Padre Cícero, a se converter em um ciclo folclórico desse *habitat*.

O pesquisador obstinado que se sentir arrebatado pelo assunto não terá dificuldades para provar que dos dois fatores, aqui citados, e de outros que não nos ocorrem no momento, depende, o comportamento do sertanejo em face do seu código de moral.

ETIQUETA DA VIDA RURAL

AS COLETIVIDADES PROVINCIANAS, DE UMA MANEIRA GERAL, SE eqüivalem. Têm seus defeitos, suas virtudes e traços característicos que não dispersam nunca. Propriamente nesta tentativa de estudo da etiqueta da vida rural não pretendemos reeditar a faceta sociológica do Professor Pierson que, antes de nós, estudou com muita profundidade e equilíbrio de idéias as relações sociais, ritual, cerimônias, etc., de uma vila que batizou de Cruz das Almas. Seria imoderada atitude de quem, sem nenhum conhecimento autorizado, de repente desejasse mostrar-se um *expert* da sociologia rural. A verdade, no entanto, é que todas as pequenas cidades se parecem e são justamente coincidentes em seus atributos naturais, em sua hierarquia social, nos acontecimentos cívicos, etc. Há sempre a maior autoridade do lugar, chamada “da terra”, infalivelmente o delegado, nomeado, via de regra, pelos governos para satisfazer o chefe político local; o homem mais importante: o juiz, o mais santo e respeitável, o pároco.

Na ordem decrescente dos valores pode declinar-se, sem dificuldades: o prefeito, o sacristão, o regente da banda de música, o tabelião, o dono da padaria, o barbeiro e o agente da estação ferroviária. Dez ou doze autoridades, no máximo. Nas cidades maiores a relação toma outro aspecto.

Pacatuba (pequena cidade, sede de um município, que abriga pouco mais de três mil habitantes) não conhece os problemas de outras sociedades humanas. Principia por não conhecer o que propriamente consideramos tratar-se de banquete. Existem almoços, é verdade, um pouco mais solenes para um maior número de pessoas, realizados geralmente na residência do mais rico – que representa a versão mais inocente do *coronel* – que tendo triunfado na vida, sendo considerado *abastado*, haverá sempre de receber à sua mesa ilustres filhos de sua terra natal, sem nenhuma despesa para aqueles.

Não existindo, portanto, rigorosamente, os banquetes, não se tem notícia do talher especial para o peixe, porque não são servidas iguanas com a indefectível separação da odiosa burguesia dos centros mais adiantados. Come-se ali sem os requintes da nobreza e talvez por isso mesmo morresse mais de velhice do que de outros achaques tão comuns aos homens do nosso tempo.

O cemitério – para aproveitar a proximidade do assunto – fica situado em acidente topográfico mais elevado, e que nos faz lembrar o pasmo de Richard F. Furten, em 1868, ao visitar nossa terra e achar que nós, brasileiros, deixávamos os locais mais ventilados, de melhor visão, para enterrar os mortos, situando as cidades em terreno baixos, sem nenhuma beleza. Pacatuba não faz exceção. O cemitério abre uma visão panorâmica, excepcional, para quem nele se situa, e se alça sobre a paisagem como se fosse sua missão fazer-nos viver pensando na morte.

Pacatuba, está encravada ao pé da serra; situa-se numa depressão de terreno que a deixa limitada entre dois outeiros: o Alto do Bode (nome comum a determinados arrabaldes de várias cidadezinhas do Ceará) e Alto do Piripau. Tem precária iluminação elétrica que acende às dezoito horas e às vinte e duas horas está se apagando. Somente em

dias excepcionais – procissão em louvor à Nossa Senhora do Carmo, recepção ao prefeito, reunião de irmandades, etc. – é ligada durante o dia para funcionamento da irradiadora, serviço de amplificação que encarna o papel e a utilidade de uma estação de radiodifusão.

A verdade é que a marcha inexorável do tempo vai modificando hábitos e costumes do povoado pacato. Os receptores radiofônicos instalados na casa dos mais ricos trazem a cidade permanentemente informada de tudo que acontece na capital e no restante do País. Suas crianças de hoje não sabem mais o que é comprar jornal ao “bagageiro” do trem, obrigação de todo filho de “gente importante” que tinha de ir à estação ferroviária, pela manhã.

As coisas estão mesmo mudando. Por isso, os sociólogos da estirpe de Donald Pierson elegem uma pequena cidade, uma vila talvez, para estudá-la em seus detalhes, o que vale dizer, em sua vida mais íntima. As observações que fizer, amanhã, serão estudadas, comparadas com atenção, porque sem o sabermos estamos nos superando a todo instante. O que ontem nos parecia a última palavra na conquista técnica foi relegado a plano inferior por se ter tornado obsoleto. O mesmo, não nos iludamos, acontecerá com os nossos sentimentos. Já não temos pelas vilas, que por acaso nos viram nascer, os mesmos motivos para amá-las ou simplesmente lembrá-las. Quem nasce sob a preocupação das armas atômicas, sabendo que se vai de Fortaleza ao Rio de Janeiro em cinco horas, não poderá ter o encanto virgem dos nossos avós que gastavam três dias para viajar de Fortaleza a Pacatuba, insignificante percurso de trinta e dois quilômetros. O sábio Luiz Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz, sua inteligente esposa, em 1865, numa viagem até Pacatuba, tiveram que pernoitar em Parangaba Saíram de Fortaleza ao meio-dia de um 3 de abril e somente a 7, puderam fazer a escalada da serra.

Pacatuba – como Cruz das Almas – possui sua etiqueta. E não somente Pacatuba. Qualquer cidadezinha do interior tem um *modus vivendi* que a diferencia dos outros centros mais evoluídos, a principiar pela saudação que fazem duas pessoas, mesmo desconhecidas, quando se encontram na rua ou na estrada.

Donald Pierson teceu judicioso comentário referente a esse tratamento: “Quando se encontra um estranho pela segunda ou terceira vez no mesmo dia a saudação completa – “Bom dia”, “Boa tarde” é substituída por uma destas expressões: “Oi!” “Olá!”, ou “Nhor sim!”, às quais acrescentaríamos outras que já verificamos: “Outra vez, hem?” “De novo” ou “Tamo se encontrando...”

O cafezinho, tanto nas cidades nordestinas como em Cruz das Almas, adquire um lugar de destaque nas regras do bem-servir. É oferecimento que nunca se esquece de fazer à visita: “Fulana, agora você vai aceitar um cafezinho”. E, como bem observou aquele sociólogo, é de mal alvitre declinar-se desta oferta. A recusa de tomar o cafezinho poderá parecer ao dono da casa um ressentimento, que entenderá esse gesto como acintosa desfeita ao seu tratamento de anfitrião. Quer na casa do rico, quer na casa do pobre, jamais há de faltar um cafezinho para o vizinho ou amigo que chega para uma visita. Não há conversa alegre que não sofra uma pausa enquanto o dono da casa diz: “Minha velha, está na hora do cafezinho”, ou “Será que num vai sair o pretinho?”, ou, ainda: “Vá esquentar a chaleira...” A esposa, geralmente, tem outras frases para dizer, em resposta: “A chaleira está fervendo”, ou, então, “Ora, num ia esquecer do cafezinho”, etc. Em casa dos mais pobres o café, geralmente, é servido em tigelas ou copos, muito raramente em xícaras. Cumpre a quem bebe a rubiácea, enaltecer-lhe as qualidades: “Está gostoso mesmo”, ou “Fazia tempo que não tomava um cafezinho tão bom” ou

“Tem um gostinho de “venha mais”... Se por acaso é a primeira visita que está realizando, mandam as regras sociais da província que o visitante beba mais uma xícara.

Houve tempo em que o licor desfrutou lugar de destaque nas relações de amizade. As visitas mais importantes não se deveriam servir café e, sim, um cálice de licor. A bebida era obtida na infusão de cascas de tangerina ou outra fruta em álcool puro. Nas residências mais distintas do lugar, além do licor, servia-se também, numa bandeja, um pedaço de bolo. Mandavam as boas regras de comportamento social que se deixasse sempre uma pequena sobra no prato daquilo que nos ofereciam. Dai o se ter generalizado a expressão: “Está deixando cerimonia” ou “não carece deixar cerimonia”.

A prática nos influencia hoje em dia. O homem simples de Pacatuba, jamais se afasta de suas atitudes tidas e havidas como normas de educação. O nosso habitante da órbita rural, mesmo sem substancial instrução, cria para seus contatos com a coletividade uma linha de conduta que se manifesta, diariamente, desde o instante em que realiza as suas compras (geralmente, fá-las para a semana inteira) ao momento mais importante, do casamento ou do enterro, de um amigo ou parente seu.

A etiqueta de fazer compras – lembra-nos Donald Pierson – “difere acentuadamente da que caracteriza ordinariamente a cidade. Um negociante trata seus fregueses como se fossem hóspedes que viessem à sua casa para uma visita”. Comerciante que desejar progredir, terá de proceder assim. O interesse não está somente na mercadoria que vai transacionar, no lucro que poderá obter, mas no sentimento de solidariedade à vida da família do freguês. O vendedor, geralmente, sabe que precisa perguntar pelos parentes, como o cliente está de agricultura ou simplesmente “como vão as coisas?” E vai despachando-lhe as compras, sem pressa, porque o serrano, o

homem que veio do sítio encarapitado sobre a serra, faz de sua feira na cidade ou na vila um instante de satisfação, de vida em sociedade. É o seu “footing”. Conversa com os amigos, bebe sua aguardente, diverte-se ouvindo os cantadores ou vendedores de romances populares, tudo isso depois de ter ido à missa.

Quando alguém mantém por outro uma estima maior, o tratamento passa a ser: “meu compadre”, “minha comadre”. Somente depois que se estabelece o tratamento é que, muitas vezes, o mais pobre convida o amigo para ser padrinho de um filho seu, sendo afronta, indelicadeza das mais graves, não aceitar. Mesmo quando existe intimidade entre conhecidos, a pessoa que está contando uma história, um incidente familiar, etc., e tem que falar em termos mais vulgares, pede licença, expressando-se: “Com a sua licença, ela disse que ele era um vagabundo” ou “Me perdoe a palavra, mas chamou ela de sem-vergonha”.

Designar alguém de “mulher” é cometer ofensa grave. Donzela é simplesmente moça. Mulher é designação pejorativa reservada às mulheres à-toa. Quando alguém, inadvertidamente chama uma senhora de “mulher” (deveria chamá-la “dona”), quase sempre recebe a resposta: “Mulher é rapariga de soldado” ou “Eu não sou mulher, tenho marido”.

Enfim, em todas as reuniões da vida rural, há sempre o traço característico da etiqueta do sertanejo. É maneiroso, atencioso, sendo raridade mostrar-se indelicado. É sempre dócil, compreensivo, respeitando as pessoas mais importantes e, principalmente, aqueles aos quais se ligou pela amizade. Quando se reúne para divertir-se, promovendo um de seus famosos “arrasta-pés”, não deixa de cumprir as regras de sua etiqueta.

* * *

Pode-se dizer que o sertão nordestino conhece duas categorias de festa: as de cunho religioso, como as festas do santo padroeiro do lugar até as demais tradicionais do calendário católico de sua área geográfica, e as de cunho popular, entre as quais se incluem as comemorações de batizados, casamentos, nomeações políticas, triunfo dos partidos eleitorais, etc.

Antes de nós, em bem urdido livro que continua sendo um dos melhores documentos escritos sobre o Ceará, *Terra do Sol*, o escritor Gustavo Barroso fez o seguinte comentário a respeito do sertanejo e de suas festas: “O sertanejo herdou o batuque das senzalas, importou o baiano ou balão, o coco e o bagaço das províncias litro-limitrophes, dança o xerém e sapateia no miudinho. As danças são todas selvagens, rudes, sapateadas e embigadas, passos curtos, saltitantes, acompanhando o ritmo indolente da música, às vezes com contorções sexuais, mas sempre com um tom hierático e quase lúgubre de todo o povo que acumula grande herança fetichista”.

Já se nota hoje em dia pequena alteração entre aquilo que nos descreveu Gustavo Barroso, com sua intuição de observador e o que normalmente se dança no *binterland* cearense. As sapateadas estão desaparecendo, e outro não poderia ser o seu fim, porque dia a dia revela-se mais forte a influência das províncias mais adiantadas. Ao tempo em que aquele ilustre escritor realizou os seus estudos, não existia ainda o rádio, nem o cinema mantinha os sertões em dia com as mais recentes inovações. Aquele organismo rude, influenciado pelo balão, pelo xerém, ao desejo muito natural de conhecer as músicas de danças que fazem êxito no meio urbano, adotando-as, num espírito de preservação inconsciente, não as isentam de sua influência, de sua coloração ambiental.

Está visto que não nos vamos ocupar neste trabalho das danças dramáticas, populares, do “Boi”, autodramático dos

mais expressivos, nem tão pouco dos bandos precatórios, acompanhados de pequenos conjuntos musicais, recolhendo prendas... nem da alegria das quermesses sertanejas, de seus leilões, etc. Interessa-nos o “samba”, o “arrasta-pé” em sua forma primária como ainda é conhecida em todo o Sertão, desde os subúrbios da cidade até o rincão mais distante. E o que pretendemos aqui arrolar é uma série de normas que formam o que consideramos ser a etiqueta do forró.

Porque se realizam os sambas, essas festinhas populares de tanto sucesso no seio do povo? Como vimos, de início, casamentos, aniversários, batizados ou acontecimentos de cunho político, geralmente servem de motivos para os sertanejos festejarem em sambas. No entanto, há a modalidade do samba organizado e que funciona sem motivo aparente. Quatro ou mais pessoas tomam uma sala por empréstimo, contratam o acompanhamento musical, e convidam as “damas”. Enquanto esses preparativos tomam curso, espalha-se a notícia de que “o samba vai ser animado”, “vai ter mulher para dançar”, e não falta quem dele queira participar, pagando a quota exigida, que varia, atualmente, de dez a trinta cruzeiros.

Moça que vai à festa em que se cobra quota, não pode recusar o par. Entrou no salão, terá que dançar com quem a solicitar, e enquanto a orquestra repetir números musicais, sem interrupção, não poderá abandonar o companheiro, sendo indelicado oferecer desculpa para paralisar a dança. Entretanto, se a orquestra não finalizar durante certo tempo, o cavalheiro deve dizer: “Vamos descansar um pouco?” ou “A senhora não quer parar?”

O cavalheiro não tem direito a chegar ao forró, embriagado. De uma maneira geral os organizadores não permitem que alguém alcoolizado participe da reunião dançante, mesmo que deseje pagar a quota exigida. Mas, se após entrar no salão, ficar tomado pelo álcool, tornando-se incon-

veniente, receberá conselhos, não sendo da etiqueta exigir-se a sua retirada.

É de bom-tom não se dizer que “fulano está bêbado” ou “puxando fogo”, “embriagado”, etc. Diz-se, comumente: “Fulano está tão alegre”... ou “É fraco pra bebida”, etc. Se a festa é realizada no interior de uma casa, os dançarmos ficam na sala da frente, de onde foram retirados os móveis por acaso ali existentes, geralmente pequena mesa que é conservada encostada à parede, e alguns tamboretos, postos no canto da sala para visitas. A mobília, portanto, é levada para o interior da habitação e a mesa passa a ser utilizada para bufete, exibindo o tradicional aluá, bebida indispensável a essas reuniões, principalmente se a comemoração é de aniversário ou batizado. A cachaça inevitável é bebida para homens e como tal deve ser servida ostensivamente. No quintal da casa ou ao lado, em local mais afastado, improvisa-se um botequim sob o controle do dono da casa ou dos organizadores do baile.

Os músicos – o conjunto, geralmente, é integrado por dois violões, cavaquinho, harmônica, pandeiro e um ritmista que toca maracas. Embora seja esse o grupo musical ideal para um “arrasta-pés”, que é também denominado “fuzarca”, “samba”, “brincadeira”, podem funcionar, às vezes, uma harmônica, um violão, um pandeiro ou um cavaquinho. Porém, para garantir-se o êxito da reunião é preciso anunciar o comparecimento de um tocador de “fole”. A sanfona é considerada instrumento nobre em todo o sertão e não há matuto que não a louve. Para festas dessa natureza, em virtude de suas qualidades sonoras, é muito requestada.

Mas se o samba não é dos que têm entrada paga, realizando-se em função de uma comemoração toda especial, cabe à família que vai oferecer a festa a incumbência de fazer convites. Mesmo sabendo que não comparecerão,

é de boa norma o promotor da festa convidar pessoas consideradas mais importantes, gente de sua afeição, não desprezando, por certo, os seus patrões. O convite é mais ou menos assim:

– É uma festinha de pobre mas se vosmicê puder ir, a gente fica feliz. Ou então: “Vamos festejar o batizado da menina e vai haver um toque lá em casa. Vosmicê tá convidado. A casa é pobre, mas é direita...”

Quem recebe o convite, se tiver posição social diferente, situando-se em nível superior, deve agradecer, prometendo comparecer, embora fique subentendido que não irá. A educação rural manda que se agradeça e que se prometa o comparecimento. Não será ofensa o patrão auxiliar os festeiros, mandando entregar-lhes uma garrafa de bebida, de preferência vinho, ou uma galinha para “ajudar”.

Quem organiza uma festa tem por obrigação comparecer ao chefe do destacamento policial do local, ao delegado, ou a quem retenha o poder militar, para pedir permissão. Em alguns lugares é necessário o pagamento de uma taxa, mas quando se trata de festa de aniversário e que não possui objetivo deliberado de pândega, autoriza a tradição que nenhuma taxa seja cobrada. Reconhece-se, assim, o direito da família demonstrar sua satisfação por ocasião de seus momentos de alegria. O delegado ou o seu preposto comparece à festa, conservando-se alheio ao divertimento, participando, porém, dos “comes-e-bebes”. No máximo, se se tratar de um casamento, poderá aceitar o oferecimento do noivo de dançar uma “parte” com a noiva.

De uma maneira geral as festas decorrem em ordem. Quando se verificam acidentes são eles quase sempre motivados por valentões profissionais, ou, não muito em raro, por filhos de gente abastada que, confiados no prestígio político dos pais, comparecem aos sambas para “fechar o tem-

po”, isto é, acabar com as danças. Isso não quer dizer, por outro lado, que não se gerem conflitos independentes do aparecimento de perturbadores. Muitas vezes a moça recusa o dançarino e este se ofende. Não se admite numa festa sertaneja rejeitar-se o par, a não ser que esteja embriagado.

Diz-se “Quem vai à festa, fica no sereno ou tem que dançar”.

O fiscal do salão, mais propriamente o dono da festa ou o seu organizador, é responsável por todos os casos que surgem, ficando a seu critério resolvê-los. É de sua responsabilidade “agradar” os músicos, servindo-lhes bebidas, de vez em quando, para que “molhem a goela”. A festa só termina quando autorizada, dependendo, naturalmente, do número de convidados que ainda se encontram na sala. Terminado o forró, os músicos são pagos, descansam um pouco e tomam, geralmente, uma “saideira”. último gole de bebida, após o que, despreocupadamente, vão-se retirando. Já não são festejados com entusiasmo. Ninguém os considera mais. De onde surgiu com certeza a expressão popular:

– Festa acabada, músicos a pé.

O conceito, entretanto, de samba é um tanto desprimoroso. As famílias ricas do lugar geralmente comentam essas festas, julgando-as um caminho de perdição para as moças. A verdade é que sob os mais diversos aspectos são vistos os sambas e os dançadores pelos poetas populares:

*Vi outra moça num samba
dizendo ao seu namorado
dê de beber a mamãe
cachaça, vinho e quinado
que nós dois vamos dançar
um V 8 escambichado*

*Quando eu era dançador
no toque do bandolim
fui dançar simples uma noite
a moça me disse enfim
benzinho na volta escura
aperte a minha cintura
que eu só sei dançar assim*

Vale a pena a descrição que João Quintino Sobrinho, autor das duas sextilhas anteriores, faz em seu folheto *O Chafurdo dos Namorados nas Fuzarcas de Hoje em Dia*, sobre os dançadores:

*O rapaz de hoje só dança
no mundo em toda ribeira
e fazendo uma escora*

*no bucho da cavalheira
arrocha-lhe o espinhaço
ela dá um choque no braço
que só granada em trincheira*

*O dançador puxa a moça
para o canto da sala
entrança perna com perna
dando beijo e beliscão
tem delas que na fuzarca
leva tanta rabissaca
que a cueca cai no chão*

*Hoje em dia o dançador
grita dizendo: eu sou osso
pra pagar cota e bebida*

*tenho dinheiro no bolso
não me falta namorada
para dá minha pegada
dos pés até o pescoço*

Há muita coisa mais que se pode incluir na etiqueta dos pacatubanos, como contribuição a estudos dessa natureza. E ao redor do assunto, que nos parece pouco considerado pelos sociólogos e folcloristas, gravita um mundo de anedotas, de pequenas histórias em que pontificam os puxadores de fole, os dançadores, as damas, os valentões, as bebidas, as frases chistosas, etc.

Quem se dedicar, com mais carinho ao tema, na área do Polígono das Secas, oferecerá, de certo, excelente contribuição aos estudiosos do folclore brasileiro.

UMA CERTA MATRONA DE
ÉFESO

NÃO SEI AO CERTO SE A HISTÓRIA DO VIÚVO QUE PERSONIFICANDO a ingratidão, imediatamente após a morte de sua querida esposa, já se encaminhara de amores a outra beldade, é dessas que possamos dar crédito e julgar como autêntico conto de folclore. No entanto, através o tempo, apesar das inspiradoras palavras da Bíblia sobre os amor, sobre os deveres e comportamento do marido da esposa (“A mulher não tem domínio sobre o seu corpo, mas sim o marido: da mesma forma o marido não tem domínio sobre o seu corpo, mas sim a mulher”, *1, Coríntios, 7,4*) a verdade é que têm surgido as mais exacerbadas críticas contra os representantes de ambos os sexos, trabalho permanente que há de ter como objetivo, o que é evidente, denegrir a reputação de um para a consequente glorificação do outro.

O próprio Demônio, às vezes, é metamorfoseado em encantadora dama e não são poucas as histórias que nos dão notícias de princesas e damas de pé-de-cabra ou de outro bicho que, ao serem notadas ou descobertas com tão alarmante defeito físico, imediatamente desaparecem, deixando atrás de si, para espanto dos maridos ludibriados, forte cheiro de enxofre, fartum designativo da presença do Satanás.

O Dr. Joaquim Pires Lima, citado por Luís da Câmara Cascudo, lembra-nos a figura de Marialva, dama de pés caprinos

que representava o desumano papel de assassinar os seus amantes. Por outro lado – nem é preciso citar a autoridade de um grande pesquisador – todos nós estamos informados da aventura de um homem muito bem trajado que, em meio a uma festa na qual dançavam centenas de pessoas, teve o seu pé-de-pato descoberto pela sagacidade de um menino.

– Pai, o homem tem o pé-de-pato! Eu vi!

O cavalheiro, depreende-se logo, era o próprio Demônio que ali comparecera com seu disfarce característico. E a exemplo da dama do pé-de-cabra, desapareceu também sob a descarga mágica do enxofre.

A lembrança desse conto popular serve para demonstrar que os defeitos físicos, e não somente os morais, são atribuídos a ambos os sexos. E enquanto não surgir um explorador de filão tão rico para deliciar os estudiosos ou simples curiosos do assunto com um trabalho de fôlego, mostrando as sutilezas da querela internacional em que se empenham cavalheiros e damas de todas as castas e de todos os gênios, é nossa pretensão demonstrar que nem mesmo os antigos perdoavam as mulheres. E embora julguem-nos as prováveis leitoras entre aqueles que as satirizam, nada mais tentamos fazer aqui do que relembrar uma história dos sertões cearenses e na contrapartida repetir uma outra que encontramos no ano trinta da era de Cristo.

De início, vejamos a história do viúvo. Conta-se (os episódios anedóticos, muitas vezes, tomam feição de veracidade com a adoção de nomes de pessoas reais) que certo senhor, abastado, do sertão cearense, muito amava aquela com quem contraíra núpcias há muito tempo. Ao ver morta a esposa, um dia, diante da tragédia que abalara seu lar, principiou a chorar.

O episódio é narrado com todos os detalhes. O marido infeliz sentara-se na cama, contemplando a companheira morta, de quem não deseja separar-se por preço algum. É

nessa hora que dele se aproxima uma de suas cunhadas, moça bonita, bem vistosa, fazendo-lhe os conselhos que o momento comportava.

– Fulano, a vida precisa ser vivida... Você não se desespera tanto. Nem tudo se acabou... Veja que você tem a vida diante de si... Não faça isso. Seja um homem conformado.

As lágrimas vão diminuindo. Para espanto dos circunstantes, daí a pouco, o viúvo está envolvendo a cunhada com um olhar súplice, de apaixonado.

– Então, você acha que eu ainda posso ser feliz?

– E por que não? Você vive, ainda é moço.

– E terá quem queira casar-se comigo?

– Ora, nem se pergunta!

– Será que você...

– Diga...

– Será que você concordaria em casar-se comigo?

Nisto a esposa, que em verdade sofrera apenas um ataque, retorna, e tem excelente oportunidade para desancar o marido, ridicularizando-o pela suposta amizade que dizia nutrir por ela.

O conto singelo e delicioso – que foi narrado em linhas gerais – já o ouvimos repetido de diversas formas, e em todas guardando a mesma moral, o mesmo ensinamento: “A mulher não deve confiar no coração do homem”. Até certo ponto talvez seja exata a assertiva, mas, o que nos causou espécie, foi a história *Matrona de Éfeso*, de Petrônio, que em dias da semana passada tivemos oportunidade de ler através as páginas de excelente antologia de contos, dessas que nos prendem a atenção pela seleção das obras apresentadas.

Petrônio, – autor de *Satiricon*, de onde foi selecionada a narrativa, – conta-nos que “havia em Éfeso uma dama tão formosa pela sua castidade que despertava o interesse de outras damas que, de países distantes, vinham para conhecê-la. Esta

senhora perdeu o seu marido e não se conformou em acompanhar o féretro, com os cabelos soltos, segundo o costume generalizado da época ou golpear-se ao peito desnudo à vista de toda a gente, senão seguir o próprio marido até a última morada...”

Lendo-o nesta narrativa que prende pela beleza da descrição, sente-se, para surpresa final, que vamos assistir a uma das mais belas demonstrações de amor conjugal. Porém, enquanto a jovem senhora se desprende do mundo para buscar a morte ao lado do cadáver do seu estremecido esposo, três malfeitores são condenados à cruz e o governador da província autoriza vigilância aos corpos por um soldado que passa a ter um quinhão de glória nessa história.

Ouvindo as lamentações em pleno cemitério, entre medroso e curioso, vai o soldado vigilante deparar-se com a formosa viúva, em prantos, ao lado do que logo adivinhou ter sido, em vida, o seu companheiro de aventuras e amores. Diz-lhe o brioso e astuto militar:

– Surge de nuevo a la vida! Sacude tu error de mujer e mientras puedas goza de las comodidades de la existencia. El mismo cuerpo de tu marido que hace ante nosotros debe aconsejarte que vivas!”

A matrona de Éfeso não tem forças para refutar argumentos tão materialistas e convincentes. Aceita a sugestão. Passa, então, a alimentar-se, desprezando o desejo da morte. Sorve também o amor, que vem farto como a boa messe, pelas mãos do soldado. Mas, como a vida tem seus percalços, ao reencetar a vigilância noturna, outro dia, o militar surpreende-se com a falta de um dos malfeitores. A pena imposta pelo governador da província, no caso de não ser encontrado o corpo, é terrível: o soldado deverá ocupar o lugar daquele que desaparecera. Desesperado, em prantos, contou o acontecido à matrona de Éfeso. E segundo Petrônio

– como a viúva possuía um coração exageradamente bom, como a sua castidade – assim falou ao guarda:

– “Que los dioses no permitan tal cosa, que aí mismo tiempo presencie yo los funerales de los dos hombres que más he querido, prefiero colgar aí muerto que matar aí vivo.”

Após essas palavras mandou o amante levar o corpo do marido e colocá-lo na cruz em substituição ao criminoso desaparecido. E a narrativa concluí em versos em que se lembra que é melhor confiar uma barca aos ventos do que o coração a uma mulher.

“Confia la barca a los vientos,
pero nunca tu corazón a las mujeres,
Pues las olas son más seguras que
la fidelidad de una mujer,
No hay ninguna mujer buena; o, si alguna
lo fue, alguna vez,
No me explico como una cosa mala se
puede hacer buena una vez”

O problema da descrença do amor da mulher pelo homem é portanto muito mais antigo do que pensamos nós. Essa história lembra-nos em sua mensagem crítica aquela outra que ouvimos várias vezes em nosso *hinterland*, e que aqui a repetimos para oferecer aos nossos leitores um meio de comparação com o velhíssimo conto de Petrónio.

A verdade é que nas duas histórias o que esteve omissa foi o verdadeiro amor e um desejo muito maior de uma nova existência amorosa. Tanto no conto sertanejo como na obra erudita do autor de *Satiricon* a amizade é puramente material, logo permutada por um interesse maior. E o que há de interessante em ambas as histórias e a coincidência dos apelos feitos aos viúvos desesperados com a lembrança de que a vida precisa ser vivida.

MULHER – ARCA DO BEM

NAQUELA DELICIOSA *HISTÓRIA DA ESCRAVA GUIOMAR*, FOLHETO DE João Martins de Athayde, que o povo sertanejo conhece a primeira grande demonstração do afeto humano. Guiomar – é assim que se desenrola o romance – esconde sua verdadeira identidade e comparece a um baile com Fernando, seu amado. Estão os dois valsando e sorrindo, em grande contentamento, quando surge uma pessoa para interromper a felicidade do querido par. O intruso vai cumprir uma missão bastante desagradável: reconduzir Guiomar aos seus donos, que se descobre ser uma simples escrava. Os doze versos que se seguem a esse momento dramático são decisivos.

*Fernando! disse Guiomar
Perdoa essa desgraçada,
do teu amor não sou digna
pois nasci escravizada
ao julgo dos meus senhores,
morrerei arremessada.*

*– Não digas isso, Guiomar
tens a minha proteção,
o meu amor é sincero
vives no meu coração
de qualquer modo te arranco
dessa negra escravidão*

A influência que recebemos dos portugueses, continua a se pronunciar através de uma literatura popular romântica em que se sucedem as histórias de donzelas infelizes, arrebatadas de amor, ao lado de tantas e tantas outras em que o sentido de bravura, de retidão e cumprimento do dever ressaltam, terminando sempre, de maneira inevitável, com a conquista do objeto amado, como nas aventuras da *Princesa Magalona e seu Amante Pierre*, *Prisão de Oliveiros*, *O Príncipe e a Fada*, *História de João de Calais*, e outras mais que enumerá-las aqui seria correr o risco de tornar o assunto por demais prolixo.

A mulher amada é sempre aquela figura de santa, incapaz de deslizar, de cair no erro, por quem se batem os heróis. Daí a entranhada admiração do sertanejo pela mulher, embora a maioria não seja capaz de externar-lhe afeto, com certa beleza, omissão esta merecidamente recuperada pelos seus poetas, pelos seus violeiros e cantadores. Teve uma condição de artista e inevitavelmente estará fazendo suas quadrinhas, como os citadinos o fazem os seus sonetos, exaltando a mulher, fazendo comparações de sua beleza com os elementos que mais admira em sua geobotânica.

Mas isso não exclui, é bem verdade, a declarada má vontade de alguns pelo sexo frágil. Em muitos de seus versos lá está a mordacidade, o conceito desprimoroso, a ofensa injusta. Porém não se pense que a mulher somente agora recebe este tratamento. O *Suka Spatati*, ou as setenta histórias contadas por um papagaio encantado, que a sabedoria hindu nos confere, já se mostrava extremamente belicoso com as mulheres. E é Lin Yutang, numa tradução do escritor Marques Rebelo que nos presta uma informação precisa desse trabalho: “O que coloca o Papagaio Encantado acima dos outros, é que aqui os comentários não são mais largos gene-

realizações de provérbios impessoais, mas têm o perceptível encanto individual de um inimigo das mulheres e de um cínico moderno.

Se a mulher na poesia popular aparece como santa ou heroína, de repente não será difícil encontrar alguns versos que a julguem impiedosamente. Ora, é a mulher faladeira, a que não tendo algo em que se ocupar, sai de porta em porta no arruado a tecer intrigas; ora, a mulher interesseira, que olha os outros com inveja ou a que se converte em bruxa disposta a perseguir os que se amam.

O cantador Leandro Gomes, num desafio com a Velha de Sergipe, saiu-se com este repente:

*A senhora fique certa
o que eu digo é com razão
a mulher geme sem dor
e gasta sem precisão
casamento para homem
é escabrosa prisão*

*Disse a velha: meu senhor
não há marido que sirva
por melhor que a mulher seja
trabalhadora e ativa
ele traz a vista nela
é capaz de comer viva*

*Eu disse: minha senhora
marido nenhum faz isto
sacrificar-se por ela
isto é claro, está bem visto
ela diz com seus botões:
– carrego o madeiro, Cristo.*

Odilon de Brito, cantador cearense, em famoso desafio com a paulista Maria Bela, saiu-se com estes versos que bem justificam o que falamos linhas atrás:

*Porém isso eu não desejo
E não é suficiente
quem peleja com mulher
perde até sua patente
a melhor mulher do mundo
quanto mais jura mais mente*

Os exemplos poderão ser repetidos. Existem versos de todos os sentidos. Se o amor, representado pela mulher de conduta digna, inspira o poeta, o mesmo se pode dizer que as suas fraquezas humanas são repasto para novos versos. Sendo a mulher um tema permanente no sertão, não é raro ouvir-se desafio em que dois cantadores afamados se encontram um a fazer a defesa das representantes de Eva, outro a atacá-las furiosamente.

Zumba Cordeiro e José Bentivi são autores de uma das mais discutidas porfias dos sertões. O primeiro defendeu a mulher, considerando-a “arca do bem”. O outro rebaixou a sua reputação, na tese de que “mulher só tem falsidade”. Os versos são bem interessantes e de uma maneira geral nos prestam decisivo subsídios para o estudo do tema que é de-veras apaixonante.

B – *Eu não confio em mulher
nem mesmo morta prostrada
a mulher amortalhada
ainda faz o que quer
o homem que bem souber
não lhe consagra amizade*

*a vaidade não convém
mulher não ama a ninguém
Mulher só tem falsidade*

Z – *Protesto sua opinião
Você não sabe o que diz
se a mulher é infeliz
já procedeu de Adão
dele veio a geração;
amar a mulher convém
o prodígio que ela tem
nos serve até no porvir
enquanto o homem existir
Mulher é a arca do bem*

B – *Uma mulher pode ser
formosa como um arcanjo
e mais bela que um anjo
é o diabo no proceder
estou cansado de ver
mulher de capacidade
depois de média idade
ser falsa ao seu marido
por isso estou convencido
Mulher só tem falsidade*

Z – *Zé Bentivi diga assim
com outro ideal fecundo
vem do começo do mundo
a mulher boa e ruim
eu tenbo cá para mim
que toda mulher convém*

*não posso julgar ninguém
pode ser a meretriz
o seu amante é quem diz:
Mulher é a arca do bem*

B – *A mulher de mais firmeza
e de puro coração
com a menor sedução
relaxa sua nobreza
ainda sendo princesa
tomba na fatalidade
perante a atualidade
quantas não tem na miséria
Pra mim não há mulher séria
Mulher só tem falsidade*

Z – *Mulher é o jardim de fada
onde a brisa bafeja
é ninfa que murmureja
é delícia da madrugada
é a estrela adorada
que toda ciência tem
uma mulher quando vem
sorrindo com seus fulgores
parece pétalas de flores
Mulher é arca do bem*

B – *Urias foi um general
e da mulher foi traído
mandou matar o marido
um distinto oficial
como procedia mal
por espontânea vontade*

*Rei David por amizade
foi seu maior sedutor
mas a mulber não tem amor
Mulher só tem falsidade*

*Z – Mulher sujeita ao varão
por ser uma parte fraca
leia a tradução hebraica
veja o que Deus disse a Adão
na primeira tentação
Eva caiu no desdém
a serpente veio do além
tentar a imagem adotada:
porém não sendo tentada
Mulher é a arca do bem*

No desafio com Zumba Cordeiro, José Bentivi realmente tomara parte mais antipática da questão, o que não conseguia agradar os circunstantes. Tanto que João Ferreira de Lima, que anotou o encontro, passando os versos para um folheto editado em Juazeiro, em dezembro de 1947, informa-nos que ele desistiu de cantar.

*José Antônio Bentivi
deu por vencida a questão
a última glosa que fez
o copo caiu da mão
as moças todas vaiaram
o Bentivi no salão*

*O velho Zumba Cordeiro
ficou glosando sozinho
ainda fez uma glosa*

*abatendo o passarinho
já pelei o Bentivi
toquei-lhe fogo no ninho*

Embora a mulher tenha as suas fraquezas, como nós temos as nossas, subsistirá sempre como verdade o pensamento do cantador:

*Sem mulher não há festim
nem missa nem procissão
sem mulher não há diversão
todo brinquedo é querubim
que todo valor no chem-em-em
a dança não tem valor
juro por Deus criador
Mulher é a arca do bem!*

OS PODERES DA SALIVA

HÁ INÚMERAS PROIBIÇÕES COM REFERÊNCIA AO DESEJO QUE, MUITAS vezes, temos de deitar fora as secreções normais de nossa própria boca. A higiene proíbe que se cuspa e todos nós, de maneira irrecorrível, andamos de sobreaviso contra os que desejam infringir tão elementar regra de higiene e, vamos dizer, de educação.

No entanto, a saliva está ligada de tal maneira às práticas populares, principalmente na medicina de caráter empírico, que mal contemos o nosso desejo de, em algumas circunstâncias, dela fazer uso. Não sei se já repararam: não somente as crianças mas os próprios adultos quando sofrem pequena queimadura em um dos dedos levam logo aos lábios a mão buscando pronto alívio na saliva.

Mal sabem os que assim procedem que neste gesto nada mais fazem do que procurar a assistência de uma terapêutica de ordem familiar. Não pensem os recalcitrantes que o ato de levar-se a mão ou o dedo à boca esteja baseado na crença do poder da saliva de refrescar pela umidade a queimadura, aliviando as dores. A saliva é procurada aí como remédio, meio capaz de proteger a área afetada, oferecendo ao acidentado a certeza de que ultimou a medicação aconselhada.

Sabemos – e aqui ficam as nossas desculpas – que o cuspo não deveria ser assunto para um trabalho dessa natu-

reza. Temos, com referência a ele um verdadeiro tabu, proibição imposta pelas conveniências sociais em contrapartida com aquelas inspiradas em nossa formação psicológica. A saliva não tem culpa de ter sido apontada à execração pública na lista das coisas que não devemos fazer diante da comunidade, principalmente se desejamos aliviar-nos num piso ou num assoalho novo e encerado. Má interpretada pelas convenções sociais, há sido, no entanto, aproveitada através dos tempos, baseada no princípio de que sendo o homem criado por Deus, tudo que dele sair será puro. Não concebe o homem do povo possa criar Deus, deliberadamente, o mal.

Brewton Berry, autor de delicioso livro sobre superstições, assim se reporta ao assunto: “Saliva é uma palavra horrível. Assim anuncia o arauto dos charutos e meticuloso em etiqueta. Mas o velho sábio sabe melhor. Saliva é uma substância muito importante. Não usou dela Jesus para abrir os olhos de um cego de nascença? E isso não foi o seu principal mérito. Três séculos antes de Cristo, Théocritus disse: “Três vezes eu cuspo sobre meu peito para livrar-me de feitiços”.

O famoso Ferreirinha (Hilário Ferreira Filho), raizeiro dos mais conhecidos de Fortaleza, a respeito de quem tivemos oportunidade de escrever in *Medicina Popular*, declarou-nos certa vez que não cuspiu. Longe dele a idéia de desperdiçar o cuspo. E juntava, quando a isso se referia: “Não cuspo, porque o cuspo faz parte da química orgânica do organismo e ajuda a digestão”.

Antes do nosso vendedor de raízes e plantas medicinais indispensáveis a nossa fitoterapia, já havia médicos, em 1958, ainda segundo o Sr. Brewton Berry, que doutrinavam. “Diversas experiências provam o poder e o valor da saliva do homem em jejum, quando não come nem bebe antes da aplicação do cuspo, pode ele curar todas as impigens, coccidas, crostas, pústulas, e úlceras; se bichos venenosos, como esca-

ravelhos, aranhas, vespas, etc., ferroaram qualquer parte do seu corpo, seus venenos causam inchação, dor e inflamação: basta esfregar o local com saliva, estando em jejum e todos esses maus efeitos desaparecerão”.

Nos processos de magia é que a saliva consegue uma participação de grande valia. A. Colbachini e C. Albisetti, descrevendo-nos como festejam os bororós o sucesso das caçadas em honra dos mortos, oferecendo-lhes os animais sacrificados, dão-nos a impressão de que todo o cerimoniais é realizado à base do cuspo. Senão vejamos: “Depois, grita, cospe ainda, com a saliva esfrega várias partes do corpo. Oferece aos “macreboe” o líquido que bebe em grande quantidade, solta muitos “aó, ao”, e passa o recipiente à mulher. Esta bebe, igualmente. Novamente cospe, novamente se esfrega...”

O cuspo age assim, como purificador, tanto para os índios como, ainda hoje, para nós que nos consideramos civilizados. Vezes sem conta, temos observado, o costume generalizado dos que bebem aguardente, cuspir, logo que tomam o último trago. Por que será que agem assim? Por acaso, numa terapia preventiva não estará aí evidenciado uma defesa contra o mal que por ventura possa causar a bebida ingerida? Todo bom bebedor é apreciável cuspidor, e não só concebe nas classes populares quem acabe de sorver sua cachacinha e não dê a clássica cusparada. No próprio decálogo dos “amigos do copo”, – lemos no livro de José Calazans, *Cachaça, Moça Branca* – não se omite o cuspo:

- 1 – Entrar;
- 2 – Mandar botar;
- 3 – Beber;
- 4 – Pagar;
- 5 – Cuspir, etc., etc.

Recentemente, o Professor Natanael Cortez relatou-nos, admirado, um episódio que testemunhou em sua propriedade agrícola. Seus empregados, discutindo, sobre a dor de dente, concordaram, com aprovação geral, que para evitar sofrimento dessa natureza, nada melhor do que o enfermo cuspir na boca de uma aranha caranguejeira.

Essa prática de magia está generalizada em todo o sertão e não apenas na área do Nordeste, sendo, segundo acreditamos, adotada por toda a humanidade. Aí está explícito o princípio da transferência do mal, poder que julgam possuir as criaturas de fazer a enfermidade que as acometem transmutar-se para um animal ou outra pessoa. Já havíamos recenseado antes: quem sofre de asma basta cuspir na boca de um cará, soltando-o na água em seguida, para ficar curado. Os americanos – e é o que nos relata William F. Fielding – também livram-se da asma cuspidando na boca de um sapo. As práticas são idênticas e em todas, mais uma vez, ganha importância a saliva.

Cospe-se em um objeto de nosso uso, quando utilizado pela primeira vez, para que seja servido com sorte. Cospe-se, ainda, na cova que se abriu para receber a semente, na hora de plantar, para que o grão germine e a messe seja abundante. E costumam as crianças e os adolescentes, para que ninguém coma de suas guloseimas, cuspir nelas, valendo aí a prática de autêntico tabu. A saliva tem, portanto, conforme viram o meio de que dispomos para os nossos impulsos de reação a tudo o que porventura nos causa repulsa.

Plínio, o antigo, que morreu asfixiado pelas emanções do Vesúvio, no ano de 79, nos arredores de Pompéia, era um grande entusiasta dos efeitos miraculosos da saliva, pois aconselhava o seu emprego: “A saliva de um homem em jejum é o primeiro dos antídotos contra o veneno das serpentes”; “Curam-se as lepras friccionando-as todos os dias com sali-

va”; “Cura-se a oftalmia fazendo essa mesma aplicação pela manhã”; “Par a tratamento do torcicolo do lado direito, cospe-se a mão esquerda e fricciona-se o pescoço”; “Para impedir o efeito da feitiçaria, é recomendado cuspir na urina imediatamente depois de ter urinado, cuspir no sapato do pé direito antes de calcá-lo e fazer o mesmo ao passar por um lugar em que se tenha ocorrido algum perigo”, etc., etc.

Não se pode negar: a etiqueta com toda a sua força não conseguiu ainda destruir o poder da saliva. Mal contemos o desejo de considerar, neste final, que quando o cristão passa o polegar pelos lábios, ao fazer o sinal da cruz, persignando-se, sem se aperceber está levando, simplesmente, o dedo à presença mágica da saliva...

TERAPÊUTICA POPULAR

O IMPULSO DA SOLIDARIEDADE HUMANA É BEM MARCADO ENTRE OS habitantes dos sertões nordestinos, principalmente quando um deles adoce. Mal corre a notícia de que alguém está sem poder trabalhar, “sem se levantar” – primeiro estágio, para essa gente, de enfermidade perigosa, pois um homem forte não se abate com qualquer doença – já aparece um amigo com a indicação de salvar remédio para o seu achaque. Não há nisso, vamos dizer, nenhuma preocupação de demonstrarem conhecimentos terapêuticos. Na série de casos que temos observado e na reincidência dessa atitude nada mais descobrimos senão um grande, humano e profundo interesse pela saúde do próximo.

Efetivamente – e para isso até se pode levantar uma estatística – poucos são os que não arriscam, e entre esses incluímos os cidadãos da região do Nordeste – o seu prognóstico para o inverno, o seu plano político e que não tenham pelo menos de cor dois ou três remédios infalíveis para determinadas doenças. A preocupação do inverno é ainda marca de uma conduta dessa solidariedade humana. Não se pode fruir felicidade, obter-se fartura, boa recompensa pelo trabalho realizado, se não chove, se os rios não recebem o precioso líquido e se os campos não se tornam verdes e floridos. O mesmo poder-se-á dizer em relação à política. A

própria crítica que se faz é geralmente de pesar contra os que não sabem aproveitar o poder e atiram fora o dinheiro do povo, sem empregá-lo convenientemente em obras de assistência social, estradas, etc. Mas, o prazer de receitar gera-se desde a infância.

É, antes de tudo, um hábito. Aprende-se com os mais velhos, desde cedo, ao primeiro tombo que quase nos faz partir uma perna ou quebrar a cabeça. A reprimenda da avó ou de um familiar mais entrado em anos, mesmo na explosão de raiva do primeiro instante provocado pela travessura, jamais deixa de ser acompanhada pelo bom conselho medicinal:

– Diabo, este menino não enxerga as coisas! Vá botar água de sal neste pé. Se inflamar tem de “levar” compressa de mastruço...

E assim vai o menino se fazendo homem, ouvindo reprimendas e recebendo as receitas em que os adultos firmaram fé. Nem mesmo o filho de famílias mais abastadas e de melhor educação escapam ao método. As moças sertanejas ou as mulheres mais vividas que se deslocam para as cidades e capitais, empregando-se em serviços domésticos, umas acompanhando a filha do dono da fazenda, outras uma família que se deslocou para a capital ou, às vezes, para ganhar a sua subsistência, são responsáveis pela difusão das mesmas idéias que integram a parte residual do nosso folclore campestre. Difícil alguém crescer entre nós sem receber o tratamento da tradicional medicina popular.

Até bem pouco tempo havia quem escrevesse as prescrições médicas como faziam os nossos avós antigamente com as receitas de bolos, guardando-as, anotadas, em um caderno sempre invocado como a última palavra para curar os achaques. Afinal de contas, foram surgindo, com o evoluir dos tempos, os manuais de medicina, difundindo-se, ora o *Chernoviz*, ora o *Lunário Perpétuo* – e restaram inú-

teis, superados, os cadernos de anotações da terapia usada nos sertões. O tempo, no entanto, não conseguiu apagá-las da memória do povo. E por isso não é estranho que encontremos, por acaso, mezinhas em cidades como Fortaleza coincidentes com outras aplicadas no Islão, na França, em Portugal, etc.

As receitas que se seguem fazem parte desta medicina feita com simplicidade e bem intencionada pelo povo do Nordeste e que não significam senão a manifestação mais profunda de amor ao próximo, de interesse pela recuperação de sua saúde. São retiradas, algumas, de um livro de receitas médicas, muito antigo, espécie de guia médico familiar sertanejo, e de informações de amigos, como as que nos prestaram o poeta Manuel Lopes, e outras de observações diretas.

1 – Contra dor da picada de maribondo não há nada melhor do que a aplicação, no lugar atingido, de uma folha de pimenteira.

2 – Doze pimentas, das chamadas “malaguetas”, engolidas de uma só vez, é santo remédio para sezão. No interior do Maranhão usa-se também o remédio, sendo prática comum a essa região.

3 – Se alguém ferir-se num prego ou numa faca, o remédio aconselhado é levar o prego ou a faca que motivou o acidente, ao fogo. Quem assim fizer nada sentirá e a parte ferida não inflamará.

4 – Se alguém sentir que os cabelos da cabeça estão caindo e se para evitar nada consegue, o melhor que faz é ir queimando os cabelos que caírem. Basta repetir a receita, por alguns dias, para sentir o efeito.

5 – Os que caminham pelos matos e desejam livrar-se da picada de cobras, devem rezar:

*São Bento, água benta
Jesus Cristo no altar
Benzei estes caminhos
Que neles eu quero passar
(Ave Maria)*

6 – Menino que tem mau olhado, se for passado duas vezes entre os punhos de uma rede, ficará isento do feitiço.

7 – Sumo de arruda, dado a beber a quem sofre de convulsões, é santo remédio.

8 – Gestante que se senta em batente de porta tem a placenta “acrescida”.

9 – Sumo de courama, bebido em jejum, serve para curar afecções do estômago e dos intestinos.

10 – Cura-se a erisipela com a seguinte oração:

*Isipra, isipela, sipelão
Do tutano vai pro osso,
Do osso pra carne,
Da carne pra pele
Da pele pras bandas do mar sagrado
(Rezar apôs um Padre-Nosso e uma
Salve-Rainha)*

11 – O sumo da malva do reino, misturado com o mel de abelha e dado a beber ao paciente que sofre de tosse é remédio infalível.

12 – Tomar uma colher de banha de cobra cascavel, uma pela manhã, outra à noite, é remédio indicado contra a asma.

13 – Para dor de ouvido aconselha-se o sumo da folha do manjeriçã e óleo de pequi.

14 – Quem cheirar algodão queimado, estando deitando sangue pelo nariz, verá como ficará curado imediatamente.

15 – Chá da folha do velame é usado para aliviar o peito do catarro.

16 – Água de arroz, adoçada, é remédio dos mais indicados para hemorragias.

17 – Urina de vaca, ainda quente, com um pouco de leite mungido pode ser uma mistura anti-higiênica mas é usado nos sertões do Ceará e do Maranhão contra a chamada “tosse-braba”.

Aliás os excretos – e a esses respeito o saudoso folclorista Mário de Andrade escreveu excelente trabalho – *Namoros com a Medicina* – foram sempre escolhidos pelo homem para a sua terapêutica. Os melhores exemplos vêm dos tempos antigos e não são raras as receitas nas quais vamos encontrar não somente as excretícias mas todas as substâncias que, desta ou daquela forma, são expelidas pelos seres humanos e pelos animais. O Nordeste brasileiro é rico desta medicina escatológica que vai encontrar pontos de coincidência com a medicina popular de seus irmãos mais pobres do sul.

1 – Para aliviar as dores do antraz nada melhor do que enrolar-se a parte afetada com algodão no qual se colocou um pouco de fezes.

2 – Rede suja, isto é, bem servida, quando passada no rosto elimina os cravos e as espinhas.

3 – Esterco de cabra diluído em leite de mulher, dado a beber à criança que sofre de dor de barriga, é prática aconselhada pela experiência.

4 – Combate-se a dor de dente com um piolho vivo, envolvido em algodão e posto na cavidade.

5 – Se uma pessoa tem dor de urina (isto é, retenção de urinas) deve esmagar uma barata no azeite doce, levá-la ao fogo até aquecer e depois untar o pênis.

6 – Esterco de galinha livra a pessoa de panos brancos.

Contra tosse rebelde, principalmente se atacam de madrugada e deixam o paciente sem fôlego, nada mais aconselhado do que chá de enxerto-de-passarinho. O Professor Dias da Rocha, autor do *Formulário Therapeutico de Planta Medicinai Cearenses, Nativas e Cultivadas*, dá notícias de pelo menos oito espécies dessa planta que surge nas árvores quase sempre proveniente dos dejetos das aves que nelas pousam.

É esta, de uma maneira geral, em sua simplicidade a medicina popular dos nossos sertões. Medicina, conforme frisamos, exercida ao impulso de um princípio de solidariedade humana, e se não totalmente por isso, pelo menos por um desejo de sobrevivência muito natural a todos nós.

Na ausência de médicos, de uma assistência social mais diligente, de instrução, etc., vão os nossos sertanejos escapando à custa de seus conhecimentos terapêuticos passados de pai a filho, o que vale dizer, de geração a geração. E auxiliando na prática dessa terapia, como seus principais executores, existem os curandeiros, gente situada à margem da lei, é bem verdade, mas que reunindo uma dose maior de conhecimentos procura, bem intencionada, receitar as pessoas que integram a coletividade à qual pertencem.

Em lugares distantes onde não chegou, ainda, a palavra da Ciência, o conforto de um serviço médico, não é de se admirar que se pratique uma medicina ainda em bases tão empíricas, utilizando-se remédios os mais escabrosos. Os assírios – e é o que se depreende da leitura dos ladrilhos que compõem a biblioteca desse povo, descoberto em Nínive, em 1841, pelo inglês Henry Layarde, – praticavam em sua medicina inclusive o que denominou, com muita propriedade, o escritor Gumersindo Sánchez Guisande in *Historia de la Medicina*: “botica repugnante”. Não diríamos somente repugnante, mas também estranha. As vísceras, a banha de animais, o sangue, excrementos e demais secreções nesses 2550 anos antes de

Jesus Cristo, tiveram abundante e usual aplicação, para “producir disgusto a los demonios alojados en el cuerpo”.

Realmente a frase do escritor é feliz e explica, pelo menos em parte, a aplicação dos repugnantes remédios. Os demônios precisavam abandonar o corpo enfermo. E para isso iriam influenciar com o fartum ou a força de ácidos em decomposição certas secreções animais. Dai a razão, talvez, dessa utilização mágica do todo um estranho e quase injustificável material na terapêutica popular que forma a escatologia.

Herdamos nós nos sertões nordestinos essa terapêutica repugnante. Não se pode justificar a sua aplicação senão com a explicação da falta de instrução, de esclarecimento, suplantada por um pensamento mais forte de que o remédio deve ser bastante violento para provocar a expulsão do espírito mau que se alojou no corpo do doente, a provocar-lhe a morte. É evidente que a doença nos cerca, na interpretação popular, é resultante da ação maléfica de um espírito que não pode sucumbir diante do poder do espírito do bem. Para subtrair-se a esse perigo é que carregam as crianças uma figurinha no pescoço, como colar, ou no braço uma pulseira. Mal disfarçando esse princípio mágico, conduzem os adultos um saquitel ou um escapulário.

Há dezenas de variantes dessa medicina preventiva. Não muito em raro encontramos os que levam no bolso da roupa sementes de determinadas plantas, raminhos, dentes de jacaré, castanhas, etc. E em certas circunstâncias mal se anuncia a enfermidade já está o sertanejo, como na chamada “dor de veado” (dor esplênica), colocando sobre a região dolorida uma folha de salsa, que diz ter efeito de santo remédio. Em São Luiz, Maranhão, é comum o uso de uma “gravata” feita com a palha do babaçu, para eliminar a azia persistente. E, ainda, ao impulso de fitoterapia mágica há a indicação do chá de folha de pitombeira (que não produz) para sustar hemorragia.

O certo é que à imitação desse ou daquele remédio vão surgindo outros. Se alguém utiliza a folha de um espécime de sua geobotânica para essa ou aquela dor, não será difícil o povo, por analogia, receitá-la para enfermidades diferentes, contribuindo, assim, para surgir essa fabulosa e estranha terapêutica popular dos sertões.

Vimos, repetidas vezes, que o barro (argila comum) tem variada aplicação na terapia do marginal. A falta de uma boa argila, até mesmo o que se obtém de um alguidar, por trituração, é de eficiente aplicação. O barro de formigueiro, principalmente das saúvas, dissolvido em vinagre serve para aplacar a erupção do chamado “fogo selvagem”. E, se por um lado, quando se pensa ser apenas a terra obtida de um formigueiro condutor de uma substância especial, de efeitos terapêuticos, é a própria formiga, a saúva, que o caboclo nordestino utiliza para fazer sua meizinha regional:

– Torre saúva, assim, um bocado que dê dentro da mão, e depois misture esse torrado com café e veja se o doente que tem “puxado” (asma) não alivia logo...

E por conta da eterna procura de remédios para a salvação do corpo e pela aceitação dessa medicina excrementícia, que conhece seus exageros na aplicação dos excretos, vai o homem do campo arrolando os remédios mais disparatados, que somente ao vigor da fé de que se suprem ou da própria resistência do corpo às enfermidades, poderão salvá-lo.

Eis alguns dos remédios, além dos outros já citados, comumente encontrados em uso nos sertões do Nordeste, que se diferenciam pela sua estranha condição:

1 – Lamber forquilha de cumieira da casa é prática indicada para os que sofrem de azia.

2 – Passar sobre as tetas os quartos da criança que arrotou no peito da mãe, na hora da amamentação, é um preventivo dos mais felizes contra males que daí poderão surgir.

3 – Contra dor de cabeça nada existe como um emplastro de alho na unha do dedo mínimo. “Quando principia a queimar, disse-nos o informante, a dor começa a deixar o homem”.

4 – Escuma de pau (o chamado “choro”) é receitado para as afecções da boca, principalmente para “boqueira”.

5 – Casa de besouro (argila, naturalmente) de mistura com vinagre até formar uma papa, é remédio infalível para papeira.

6 – Contra doenças dos nervos, não há como dar de comer ao enfermo três cabeças de macaco, cozidas sem sal. Se beber o caldo a cura será mais rápida.

7 – Para sarampo, chá de excremento de cachorro, de preferência quando já está esbranquecido pelo sol.

8 – Para coceira, fricção com estrume ainda úmido.

Assim vai crescendo, dia a dia, com novos remédios a medicina popular, sem fugir à adoção de certas receitas que a qualificaram dentro do principio da medicina repugnante, de que nos fala Gumersindo Sanchez Guisando. Há, naturalmente, uma quantidade enorme de mezinhas muito mais violentas do que essas que reunimos neste trabalho. O sertanejo, para se salvar, é capaz de usar as fórmulas mais estranhas de medicina e de receitá-las aos seus familiares. E, às vezes, chegamos a acreditar que, na antevisão da morte ao aceno da salvação por um remédio repugnante seriam poucos os que não aceitariam a sua ingestão.

DESAFIOS E CANTADORES

O DESAFIO – A BATIDA MONÓTONA DAS VIOLAS, O CANTO anasalado, a facilidade no improviso que faz nascer bonitos repentes, com os demais valores que o integram – continua sendo o interesse maior da cantoria, apesar da influência moderna do rádio, da curiosidade do homem do campo pelos artistas de microfone, que sabem, igualmente, entoar sentidas melodias de nossa música popular. Cantoria sem desafio, sem luta entre cantadores, está perdendo a importância. Longe vai o tempo em que o cantor agradava o seu auditório, somente pelo poder do improviso, pela expressão de seus versos, pelo maravilhoso dom de rememorar que, em certas reuniões, convertia-se em principal atração. Sofre concorrência, hoje, do tocador de sanfona, versado nas músicas brejeiras, nos “arrasta-pés”, ao lado do cantor de voz romântica que entenece o coração das moças dessa geração rústica que principia a ser conquistada para novos hábitos e costumes ditados pela radiodifusão e o cinema.

O desafio, entretanto, consegue permanecer como atração. Se a peleja é travada entre dois cantadores de inspiração, está garantida a noite e os circunstantes muito terão o que aplaudir. Embora alguns folcloristas considerem os cantadores antigos mais nobres, de atributos mais artísticos, encontramos esses bardos de novas gerações com o mesmo

esplendor dos de antigamente, firmes no repente e sábios na maneira de dizer as coisas. Se noutros tempos contavam com o *Lunário Perpétuo*, *Missões Abreviadas* e alguns de história para seu aprendizado, agora, terão de ler outra espécie de literatura, de buscar ensinamentos em novos setores, em revistas, no cinema, no rádio, exercício de perquirição que há de exigir muito mais esforço por parte do menestrel.

Pode dizer-se que o cantador desta era é mais desenvolvido, possui mais talento e uma compreensão mais ampla, talvez, mais generalizada, das coisas. E não se queira, por simples admiração e respeito ao passado julgar menos valioso o trabalho desses “quixotes da viola e do ganzá”, como bem os considerou o saudoso folclorista Leonardo Mota. Siqueira de Amorim, Domingos Fonseca, Vicente Grangeiro, Zefinha, para citar apenas quatro nomes daqueles que atuam no Nordeste, são poetas para qualquer platéia, e o estudioso que os ouvir muito terá que aprender.

A literatura de cordel sempre prestou louvável consideração aos desafios, recolhendo e guardando, para a posteridade, em letra de forma os encontros que fizeram época ou se destacaram por suas passagens interessantes. As porfias do Cego Aderaldo com Frankalino, Joaquim Jaqueira com João Melquiades, Bernardo Nogueira com o Preto Limão, Manuel Riachão Sobrinho com José Maneiro, Odilon de Brito com Maria Bela, ao lado de outras não menos célebres, como as do Cego Aderaldo com José Pretino de Tucum, continuam ainda na ordem do dia, sendo vendidos nas feiras e recitados sob aplausos com indiscutível interesse. No entanto, a peleja mais original foi a de Manoel Riachão com o Diabo, contada por José Bernardo da Silva. Narra o historiador que Riachão encontrava-se em cantoria na Cidade de Assu, quando lhe surgiu diante de si um negro – “espécie de urubu” – com uma camisa de sola e as calças de couro cru. O cantador

famoso, ao deparar-se com aquele homem de aparência estranha, adotou natural atitude de defesa:

*Riachão disse: eu não canto,
com negro desconhecido
porque pode ser escravo
e andar por aqui fugido,
isso é dar conta a nambu
e entrada a negro enxerido*

Negro – *Eu sou livre como o vento
e minha linhagem é nobre
sou um dos mais ilustrados
que o sol neste mundo cobre
nasci dentro da grandeza
não saí de raça pobre*

Riachão – *Você nega, porque quer
está conhecido demais,
você anda aqui fugido
me diga que tempo faz
se você não cativo
obras desmentem sinais*

Negro – *Seja livre ou seja escravo
eu quero cantar martelo
afine a sua viola
vamos entrar em duelo
só com a minha presença
o senhor está amarelo*

Riachão – *Vejo um vulto tão pequeno
que nem posso enxergar
julgo que nem é preciso
nem a viola afinar
pela ramagem da árvore
ver-se o fruto que ela dar*

Negro – *Riachão isto é frase
de homem muito atrasado,
porque são visto fenômenos
que na terra tem se dado
uma cobra tão pequena
matar um boi agigantado*

Verso vai, verso vem, Riachão acabou, sem se aperceber disso, a cantar desafio com o negro desconhecido, o demônio, já se adivinha. E como acontece em toda cantoria – esta não faz exceção – há sempre uma demonstração de erudição, de sabedoria, de ambas as partes, em que cada cantador procura mostrar-se inteligente e preparado.

Negro – *Sou professor de matérias
que sábio não as conhece
a lei que dito no mundo
o próprio rei obedece
meus feitos são conhecidos
a fama se estende e cresce*

Riachão – *Você diz que tem ciência
dê-me uma explicação
se a terra faz movimento
de que é a rotação
porque é que em 12 horas
há uma transformação*

Negro – *O sol é quem se move
este é fixo em seu lugar
a terra está sobre eixos
os eixos a fazem rodar
que por essa rotação
faz a luz do sol faltar*

Riachão – *Descreva o grande mistério
que entre nós a terra tem,
de que é formado a chuva
em que estado ela vem
é criada aqui por perto
ou em lugar além?*

Negro – *A água em estado líquido
por meio de abaixamento
que na temperatura
e pelo esfriamento
essa água é condensada
ajudada pelo vento.*

*A corrente atmosférica
de uma montanha elevada,
que ajuda a temperatura
forma nuvem condensada
do vento movendo as nuvens
é disso a chuva formada*

*Que essa chuva depois
que toda a terra ensopar,
por meio da evaporação
torna ao espaço voltar
reproduzindo o processo
que acabei de lhe tratar*

No aceso da luta o Demônio não pôde fazer frente a quem se valia das graças de Deus. A invocação do nome de Jesus e da Virgem Maria, é a confirmação do espírito religioso do nosso rurícola sempre mais apegado à sua crença do que nós outros civilizados:

*O negro olhou Riachão
com os olhos de cão danado,*

*Riachão gritou: Jesus!
homem Deus sacramentado
valha-me a Virgem Maria
a mãe do Verbo Encarnado*

*O magro soltou um grito
ali desapareceu,
uma catinga de enxofre
a casa toda se encheu
os cães uivaram na rua
o chão da casa tremeu*

*Riachão ficou cismado
com o cantor desconhecido
que quando encontrava um
tomava logo sentido
o seu primeiro repente
era a Deus oferecido*

Geralmente os encontros de cantadores desenrolam-se com uma troca exagerada de desaforos e culminam, conforme já dissemos, numa demonstração de sapiência. Cantador que não conhece os mistérios da Natureza, que não demons-

tra ter letras, ter conhecimentos embora rudimentares de Geografia e História, é considerado analfabeto. Pode ter talento, ser rápido no improviso, mas, ao medir-se em conhecimentos gerais, acabará perdendo.

Às vezes, o desafio toma rumo diferente. Um cantador defende uma profissão, uma ocupação honesta, enquanto o outro enaltece as virtudes de um vício ou de uma atitude menos digna perante a sociedade. É o caso, por exemplo, do desafio de Odilon de Brito, cearense, com Maria Bela, paulista. Ela, exaltando a agricultura, e ele louvando a malandragem:

O – *Você sabe que o malandro
gosta de andar intelado
com gravata no pescoço
com uniforme gomado
procura logo esquina
namora uma menina
é coisa de mais vantagem
Repare que tem futuro
o passeio no escuro
Eu gosto da malandragem!*

M – *O homem trabalhador
com ferramenta afiada
dá um dia serviço
convida seu camarada
com a munheca ligeira
prosegue na capoeira
dando um grito de bravura
depois de três meses então
tem batata e tem feijão
Eu gosto é da agricultura!*

O – *O malandro sai de casa
um tanto assim desfaçado
chega no canto da praça
encontra um bar alinhado
sai por ali farreando
as garotas conquistando
dizendo: vem minha imagem
com a mulata faceira
ele farreia a tarde inteira
Eu gosto é da malandragem*

Maria Bela prossegue no seu elogio ao trabalho, contando como vive o sertanejo, como trata de suas criações, etc. Odilon inflexível, de repente se sai com estes versos:

*Sempre vivi na pobreza
Afirmo, garanto e juro
Se trabalho fosse futuro
Jumento tinha riqueza*

As cantorias, principalmente quando se acaloram em um desafio terrível, terminam de todas as maneiras, mas é comum cada cantador declinar seu nome, louvando suas próprias virtudes, numa demonstração de que não se deu por vencido naquela porfia. Outros há que finalizam a cantoria aos impropérios, não respeitando nem mesmo os circunstantes. No entanto, a ética profissional exige que o cantador, mesmo perdendo, seja nobre e decente com o seu antagonista.

Quase sempre é astucioso e perverso. Leva seu rival a aceitar um tema difícil, no qual está bem treinado. Foi o que aconteceu na célebre peleja de Manoel Riachão com José Maneiro. Mas isso é falar em trava-línguas, o que nos obriga a uma digressão, embora rápida, sobre o assunto.

As parlendas cercam a infância de um encanto todo especial. E se os trava-línguas – certos versos ou frases com o manifesto objetivo de oferecer obstáculos a quem os recite – não são mais do que perversas parlendas, representam, em última análise, um derivativo de quantos como nós não sufocam, ao passar dos anos, o muito ou pouco de infância que ainda conservamos em nosso espírito.

O trava-línguas mais generalizado, conhecido talvez em qualquer parte da região do Nordeste e talvez de todo o país, é este que escutamos recitado até mesmo pelos adultos e que, salvo uma ou outra modificação de somenos importância, ainda se conserva na tradição oral do povo:

*O bispo de Constantinopla
É muito bom constantinopolizador.
Quem o puder desconstantinopolizar,
Bom desconstantinopolizador será*

Veríssimo de Melo, vocação irresistível de pesquisador das nossas lembranças mais íntimas, com grandes serviços prestados aos estudos de demopsicologia, reuniu em bem elaborado livro, intitulado *Parlendas* (Biblioteca da Sociedade de Folklore, Natal, 1949) todas as deliciosas canções que a infância sabe guardar e repetir para seu devaneio e que, por amor ao passado, por uma querença da qual jamais nos dispersamos, sabemos conservá-las na memória e recitá-las ao prazer sempre renovado de filhos e netos.

Além de uma explicação fundamentada e erudita sobre os trava-línguas (modalidade de parlenda) o conhecido pesquisador potiguar serve-nos maravilhoso repasto no qual encontramos desde a versão mais saborosa do “bispo de Constantinopla” até o mais extravagante “tira-teima”, de obstáculos os mais difíceis como é o caso deste “velho Félix” que ouvimos, também, na cidade de Fortaleza:

*Lá vem o velho Félix
com um fole velho nas costas;
tanto fede o velho Félix
como o fole do velho Félix fede*

Os cantadores de viola, mestres em desafio não aceitam o trava-línguas. Consideram-no uma violação dos princípios da cantoria, e em parte tem razão, porque só os recitará, corretamente, – o que em última instância é um exercício de califasia – quem neles estiver preparado. Apresente-se um trava-línguas a um homem inteligente, fluente, e ele sem um treino antecipado não repetirá a parlenda maldosa com o equilíbrio necessário, sem tropeços. Daí porque os cantadores geralmente se sentem logrados quando seus adversários, ao desejo de levarem a melhor, lançam mão de tão ingrato expediente.

Lembro-me de um repentista que me dizia ser a cantoria arte de muita sabedoria, e, como tal, ser dever do cantador conhecer todas as ciências, saber de cor alguns romances dos mais famosos que correm o sertão para deliciar o sertanejo nos dias de feira, e ter a sua filosofia calcada no comportamento da gente de seu próprio *habitat*, comparado pelo catecismo de sua paróquia onde aprendeu os princípios da moral e da fé.

O público, no entanto, não procura fazer distinções. Cantador que não sabe dizer trava-línguas, e não possui repente dinâmico, para fazer frente ao seu contendor, perde os títulos. Melhor será emborcar a viola ou enfiá-la no saco, sem dizer os impropérios que sabe. Mas, porque sendo assim, não obstante saber da armadilha da parlenda com obstáculos na pronúncia, não rebate a traição do seu companheiro de desafio?

A resposta, certamente, estará na coragem de que se forra, na disposição que o sertanejo tem de enfrentar as situ-

ações mais difíceis, mesmo sabendo que vai pelear com desvantagem. Reforçam atitudes como esta a sua reconhecida posição perante o infortúnio, quando se evidencia sua crença nos poderes que não dependem do controle humano. “Desgraça pouca é bobagem” ou “Fé em Deus e pé na tá-bua”, são legendas que identificam um espírito resoluto comum ao nosso homem do campo. Os cantadores, frutos do meio onde vivem não poderiam sair diferentes de seus irmãos e jamais dariam uma demonstração pública de covardia, de falta de disposição para a luta.

Na coleção de folhetos e romances populares, material excelente que aguarda estudos e interpretações mais felizes, ressaltam exemplares em que se assinalam encontros nos quais se registraram alguns trava-línguas. Tanto Veríssimo de Melo como Luiz da Câmara Cascudo abordaram o assunto, não se demorando, entretanto, em um exame do tema que merecia maior profundidade de espíritos tão argutos.

Mas, continuando. Na peleja de Manuel Riachão Sobrinho e José Maneiro, há o sabor de magnífica demonstração de erudição, quando os dois cantadores aceitam cantar um tema de palavras que principiam pela letra C. Não sendo um trava-línguas propriamente dito, a modalidade requer, além de grande conhecimento, de vocabulário, facilidade muito maior na fatura do verso. Entretanto, mesmo assim, o obstáculo apresentado exige mais conhecimento do que agilidade e não precisa de um exercício de pronúncia para ser recitado com facilidade, senão vejamos:

M – *Catástrofe, cataclismo*
curioso constelação
candidatura canção
cardeal catolicismo
capelão cristianismo

*cristandade concorrente
crucifixo combatente
criminalidade carasse
cachimbo café cachaça
cadarço cordão corrente*

R – *Confins cascata cabana
corretor costaneira
comarca cais cachoeira
constantinopolitana
colina carmelitana
concordável confluyente
competidor contendente
confusão carta comparsa
cachimbo café cachaça
cadarço cordão corrente*

O cantador Manuel Riachão Sobrinho certamente não estava com a idéia de propor ao seu contendor um trava-línguas, embora sentisse o peso do outro, seus repentes, suas palavras bem armadas. Porém, quando cantou o quarto verso – “Constantinopolitana” – deve ter saltado à memória o famoso trava-línguas do “bispo de Constantinopla”. E demonstrando ainda mais astúcia não quis levar o rival ao tema que lhe pareceu mais difundido, saindo-se com esta:

R – *Galinha que cisca muito
borra tudo e quebra caco
pois agora você diga
certo sem fazer buraco
“aranha arranhando a jarra
e o sapo socando um saco”*

José Maneiro apanhou o tema – isca buliçosa que o seu orgulho e coragem não puderam evitar – e na volta da resposta, foi um fracasso:

M – *Eu já peguei o seu tema
botei ele no “bizaco”
agora note pra fora
Digo sem fazer buraco
“Um sapo socando a Jarra
aranha comendo o saco”*

*No dismantelo do verso
todo povo no salão
sorriam demasiados
em ponto de maganção
Maneiro perdeu a calma
quem ganhou foi Riachão*

O saudoso Leonardo Mota recolheu também famoso desafio do Cego Aderaldo e Zé Pretinho, no qual o arguto cego venceu o célebre adversário com o trava-línguas: “Cara a Paca pagará quem a Paca cara compra”.

Temas iguais a este existem aos milhares. Falta somente quem com mais disposição e sobretudo tempo, queira prestar um serviço altamente merecedor ao folclore nacional.

O LIVRO DE CHERNOVIZ

DOIS LIVROS DIVULGADOS PELOS SERTÕES DO NORDESTE E SOBRE os quais já nos referimos várias vezes, tiveram decisivo papel na formação espiritual do nosso povo. A propósito de um deles – *Missões Abreviadas* – o inesquecível estudioso da sociologia das secas, o Professor Joaquim Alves, disse: “Livro piedoso que constituiu o breviário do sertanejo por muitas décadas, contava fatos extraordinários, de castigos em vida, de penas, de sofrimentos dos que transgrediam a lei Divina”. Este livro – podemos dizer sem exagero – sublinhou os bons sentimentos dos marginais, emoldurou o povo dentro de rígidos princípios de amor a Deus e de respeito aos dogmas cristãos, não obstante contribuir, por outro lado, para a generalização de muitas superstições e crendices que correm os sertões ainda hoje.

O outro livro é o famoso *Formulário*, de Chernoviz. A míngua de médicos, os que habitavam o *binterland* tomaram alívio quando apareceram os primeiros exemplares dessa obra. Passou a ser obrigatória a sua presença no lar do fazendeiro próspero, ao lado deste *Missões Abreviadas*, espécie de guia para humildes pecadores, formando assim as duas mais importantes fontes de consulta do homem do campo, ávido de novos conhecimentos.

Se a pouco e pouco foram desaparecendo os exemplares de *Missões Abreviadas*, ainda hoje é possível encontrar-se

no interior dos estados que integram o chamado Polígono das Secas o famoso guia médico assinado por Pedro Luiz Chernoviz. Qualquer achaque que porventura acontecesse os nossos antepassados, se não era resolvido pelas mezinhas, pelos chás de perna de grilo, de barata, ou pela erva cidreira ou cabacinha, haveria de encontrar a esperada solução nas páginas inspiradas do extraordinário livro.

– Olha o Chernoviz! Repara nele, menina. Ali é sabedoria mesmo.

Amplamente ilustrado, o precioso livro das famílias sertanejas (retemos uma edição de 1888) oferece-nos à leitura as seguintes informações em seu frontispício: “Formulário e Guia Médico, contendo a descrição dos medicamentos, as doses, as moléstias em que são empregadas as plantas medicinais indígenas do Brasil, o Compendio alfabético das águas mineiras, a escolha das melhores formulas, um memorial terapêutico e muitas informações úteis por Pedro Luiz Napoleão Chernoviz, doutor em medicina, cavaleiro da Ordem de Cristo, e oficial da Ordem da Rosa. Decima terceira edição, consideravelmente aumentada e posta a par da ciência, acompanhada de 431 figuras intercaladas no texto, 6 mapas balneários, de um Suplemento sobre o Carbúnculo e raiva, segundo os recentes trabalhos do Sr. Pasteur e sobre muitos medicamentos novos e de um Apêndice sobre o exame clinico das urinas. Paris. Livraria A. Roger & Chernoviz, 7, Rua des Grands – Augustins, 1888, Direitos Reservados”.

Pelo que anunciava, vê-se logo que o trabalho de Chernoviz só poderia alcançar o êxito e o prestígio que efetivamente granjeou nessa região do país. Sem melhores meios para o tratamento das doenças, das diversas epidemias que com periculosidade grassavam o Nordeste, haveria de servir o “Chernoviz” – como ficou denominado simplesmente o livro – como o mais importante guia para a saúde do povo.

Sem ele teriam caído as populações pobres na incipiente medicina empírica, sem obter cura para os seus sofrimentos. O formulário médico de Chernoviz passou a ser o “resolva tudo” do sertão, “pau para toda obra”. Suas mil e duzentas e cinquenta gramas de conhecimentos, em mil e oitocentas páginas, encaminharam e disciplinaram o sertanejo na luta contra os poderes do mal, contribuindo para descobrir os princípios terapêuticos de muitas de nossas plantas e oferecendo sugestões sobre outros métodos de tratamento.

Neste modesto trabalho, não temos a veleidade de querer traçar um estudo da influência sociológica de Chernoviz na preservação da saúde das populações rurais do Nordeste e nem se poderia pensar, por outro lado, que dispomos de material suficiente para um estudo, que se diga de passagem, além de exigir conhecimentos médicos quem dele queira se utilizar, há de ser feito por quem esteja a par de sua influência em nosso meio campestre e conheça, igualmente, a medicina popular em todos os seus usos e costumes tradicionais.

Entretanto, para descobrir alguns de seus pontos de incidência, a área de sua penetração e feitos, não é preciso ir longe. Em cada página há como que a indicação certa de um conselho médico, de uma receita que se descobre a sua aplicação na prática ou que nos lembra a tradição de princípios terapêuticos antigos que somente de certo tempo a esta parte, a medicina vai, aos poucos, desertando deles. Citemos alguns exemplos: a fuligem, de largo emprego na terapêutica popular. Em *Medicina Popular*, tivemos oportunidade de anotar vários remédios baseados no sedimento formado pela fumaça, nas chaminés. Na página 424 de *Formulário* encontramos a indicação que se segue: “Estimulante: empregada externamente com vantagem contra a tinha, as afeções cutâneas e as oftalmias. Internamente é aconselhada nas afeções nervosas e verminosas”.

Alguns remédios aconselhados por Chernoviz continuam de tal modo entranhados nas práticas da coletividade cabocla, que correrão vários anos até que se modifique a opinião que se estabeleceu com relação a eles. Alguns desses remédios servem para tudo, e este será por certo o caso da “Maravilha”, planta que tem oferecido aos nordestinos tradicionais meizinhas.

– Ah, basta tomar maravia”, que resolve...

Atualmente é comum ouvir-se receitar “Maravilha”, quer como chá, quer como purgante. Chernoviz, após descrever a planta, que é comum à nossa geobotânica, adverte-nos que nas farmácias “acha-se esta raiz em rodela muito finas”. Mas, é na página 610, que se nos apresenta com inconfundível caracteristicidade “doutor” de outras eras. Lá está – para quem desejar saciar a curiosidade – todo o guia medicinal do chifre de veado, deliciosamente aí denominado de “Ponta de veado”.

As raspas das pontas do “come de cerv”, que são brancas ou cinzentas, servem, em cozimentos, contra a diarreia. E, após descrever como se obtém o remédio da extremidade do chifre do cervos, dá-nos algumas receitas interessantíssimas, senão vejamos:

“Cozimento branco gomado

Raspas de pontas de veados 15 gram.

Miolo de pão 15 gram.

Água 720 gram.

Goma Arábica 4 gram.

Açúcar 30 gram.

Ferva a ponta do veado e a goma em 720 gramas de água até ficar em 360 gramas: coe e ajunte açúcar à coadora. Dose: uma xícara de 3 em 3 horas, na disenteria.”

As extremidades, assim como os excretos e as secreções – como vimos em trabalhos anteriores – desde priscas

eras têm recebido um aproveitamento de certo modo um tanto exagerado. Documentos mais antigos sobre a prática da medicina legam-nos algumas notícias sobre raspa de unhas de gente e de animais, chás de excretos, de cabelos, de gordura, até mesmo de enforcados, sob a alegativa talvez de que o homem, sendo obra de Deus, e como Deus deliberadamente não cria o mal, tudo que dele sair e não só dele, mas dos animais, contém princípios úteis a sua existência.

Falar sobre receituário médico popular, implica fazer, pelo menos, algumas considerações a respeito do “Chernoviz” formulário farmacêutico e guia médico ainda utilizado, conforme vimos, largamente, principalmente pelos que se ajustam ao dito comum ao povo: “De louco e médico todos nós temos um pouco. Não satisfeitos em procurar os remédios para os nossos próprios achaques – e para isso guardamos no lar, geralmente, um guia de receitas – desfrutamos ainda o prazer de receitar os amigos. Basta o comentar-se uma enfermidade numa roda de familiares para, em ato contínuo, alguém oferecer um remédio que aplicado à pessoa de sua amizade, operou autêntico milagre:

– Olhe, é remédio e tanto! Fulano estava morrendo e ficou bom do dia para a noite.

Diante de uma receita tão miraculosa, não faltará quem não possua mais um exemplo a citar, mas um caso a narrar, confirmando mais irrefreável tendência do povo para a prática da medicina. Nestes anos de pesquisa, cujos resultados da primeira jornada foram convertidos em nosso *Medicina Popular*, tivemos ensejo de reconhecer interessantíssimos casos. Pena que até hoje, exceção feita ao Dr. Fernando São Paulo, inteligente e brilhante médico baiano, não possamos arrolar nomes de verdadeiros valores médicos empenhados na solução de tantos problemas que aí existem pelos sertões, inaugurando, por assim dizer, novo capítulo de estudos da

medicina brasileira, que existe como elemento decisivo a influenciar a própria sociologia rural.

Por isso é que quase todas as receitas populares, utilizadas pelos sertanejos e até mesmo pelos habitantes das capitais, permanecem empregadas sem um estudo mais profundo que esclareça até que ponto são elas satisfatórias. Taxando-as de superstições, de simpatias, etc., normas comuns a um povo atrasado, inculto, esquecem os médicos que em muitos casos já se nota curada inteligência do povo, despertando-nos para determinados remédios.

Exemplifiquemos: o mofo da casca da banana sempre foi no sertão remédio para frieiras, para as afeções da epiderme (dermatoses, etc.). Não teria sido descoberto, assim, a penicilina? A verdade é que no estranho receituário popular há um sentido científico, pronunciado não somente nesta receita, mas em muitas outras que não somente nós, mas diversos estudiosos da matéria, anotamos devidamente.

Agora, imaginemos um médico recém-formado, saído de uma faculdade, longe de uma região como o Nordeste brasileiro, e que em seus domínios seja chamado a intervir, tratando da saúde do povo. Como poderá fazer-se entendido o sertanejo que usa de preferência um vocabulário especial para declinar as moléstias de que sofre? Não vamos ao exagero de pensar que tudo passe despercebido e que não chegue, afinal, a uma compreensão melhor. A verdade é que dominando o *hinterland* dessa vasta região grandes extensões de gleba não possuem médicos, enquanto a medicina popular, anônima, possui feição caracterizadora, palavras suas e um rico receituário que se conhece, sob cujas graças se abrigam os pobres, geralmente gente sofrida e esquecida das providências governamentais.

Curandeiro não é charlatão quando na ausência de um médico oferece os seus serviços com boa intenção, insistimos. Em última análise nada mais faz do que reparar com

seus conhecimentos a falta de ação de um homem de preparo que, perante a lei, é o único autorizado a cuidar da saúde de seus semelhantes.

Os remédios populares, ditados por esses homens, continuam servindo ao sertão. Em muitos casos nada mais acontece do que a repetição de conhecimentos colhidos em livros, como é o caso do Chernoviz e de tantos outros que substituíram, por falta de elementos, durante muitos anos, os médicos que eram poucos no país.

Abrimos, por curiosidade, uma vez mais o *Formulário* de Chernoviz, à página 675, e lá encontramos a receita de urna pomada contra a queda de cabelo, na qual se deve incluir 24 gramas de “tutano de boi”. Por conta de receitas dessa natureza é que muitas pessoas ainda hoje lavam a cabeça com a salmoura da carne, na esperança de que os cabelos conservar-se-ão viçosos. O famoso Dr. Francisco Henriques, o Mirandela, informa-nos o escritor Luiz Edmundo, receitava para calvície: manteiga de urso, chegando ao cúmulo de aconselhar o se “untar o couro cabeludo com unto de homem que acaba a vida com morte violenta”.

O poeta Manuel Lopes, por exemplo, informa-nos que no Maranhão, contra dores de cabeça, usa-se o “emplastro de alho na unha do dedo mínimo”. Não encontramos, realmente, uma explicação para o absurdo da receita, assim como também não é possível oferecer alguém uma explicação para o uso do unto ou da salmoura na própria cabeça do paciente. Nosso trabalho, é evidente, não objetiva explicar as razões por acaso científicas dos remédios populares. Manejamos uma ciência que recolhe todas as informações úteis que práticas do comportamento do homem em função da sua vida e de seu destino. Impossível, portanto, pretendermos explicar porque razão a ponta do chifre de veado serve como remédio ou quais os possíveis efeitos dos excretos.

A verdade, entretanto, é que se homens mais importantes, de conhecimento, médicos alguns, chegavam ao disparate de aconselhar tutano de boi, unto de gente, etc., para determinados achaques, etc., o que podemos esperar dos menos dotados, dessa gente simples do sertão que vive, via de regra, sem assistência médica?

Escudados pela autoridade dos mais estudiosos, foram surgindo os “doutores” improvisados, e por analogia multiplicando-se as receitas, os conselhos terapêuticos que ainda hoje correm os sertões com extraordinária validade e que influenciam até mesmo os que moram em cidades como Fortaleza.

A botica doméstica, por volta de 1888, conforme a opinião de Pedro Luiz Napoleão Chernoviz, deveria apresentar, entre outros, os seguintes remédios:

Arroz
Ceroto simples
Encerado inglês
Folhas de laranjeira
Erva Cidreira
Malva
Flores de Sabugueiro
Pedra infernal,
Sementes de linho, etc.

A influência, pelo que se pode depreender do sortimento da botica, não poderia ser de pouca importância. E até que se vença o sertanejo na sua maneira quase obstinada de medicarse, substituindo suas mezinhas pelos remédios produzidos em laboratórios, aplicados de acordo com a ciência médica, muitos anos terão de passar... Muita gente, concluímos, há de morrer e outra grande parte da coletividade continuará servindo aos seus entes queridos os remédios ditados pela tradição.

MALES DOS OLHOS E
PEDIATRIA SERTANEJA

JÁ OS NOSSOS IRMÃOS ABORÍGENES, MUITO ANTES DE NÓS, procurando recuperar a saúde dos olhos, praticavam insipiente medicina popular que, através os anos, acrescida de novos processos, – o que vale dizer, de novas experiências – chegou até os nossos dias. Carlos Friedr. Phil. von Martiuns, autor de um tratado, em 1844, intitulado *Natureza, Doenças, Medicina e Remédios dos Índios Brasileiros*, na parte referente às enfermidades dos órgãos dos sentidos, tece considerações sobre a irritação provocada pelo excesso de luz e pela fumaça das ocas, verificadas nos indígenas, enaltecendo, entretanto, que “nos campos verdes da mata, sobre os campos iluminados das montanhas, afastado das irritações prejudiciais da erudição e da civilização européia, jamais fatigados com a letra miúda dos livros escolares, com a tecitura das meias ou importunado com a leitura de romances, o órgão nobre do rosto, goza de uma liberdade feliz, que só pode trazer benefício ao seu vigor e saúde”. E nos oferece a primeira receita tomada de empréstimo à natureza: sumo fresco que obtinham os indígenas dos rebentos foliáceos da imbaúba, “Cecropia”.

Em seu conhecido *Formulário Therapeutico de Plantas Medicinaias Cearenses, Nativas e Cultivadas*, o Professor Dias da Rocha, anota o jeriquiti (*abrus precatorius*, Lin, Fam.)

como antioftálmico e emoliente, indicando a seguinte posologia: “Externamente – Maceração, sementes descascadas e contusas, 2 gramas para 200 de água fria. Merece por 10 a 24 horas. Banhe os olhos duas vezes por dia, na conjuntivite, aguda, crônica e granulosa. *Pouco usado pelo vulgo* (o grifo é nosso).

Na verdade são pouquíssimas as plantas medicinais de nossa geobotânica (pelo menos pensamos nós) utilizadas no tratamento das oftalmias. Por um lapso qualquer ou por não ter registrado nenhum caso de seu emprego, o Professor Dias da Rocha não anotou em seu livro, acima citado, o lacra como indicado para o tratamento das doenças dos olhos. O nosso matuto aconselha para sapiranga o leite do Lacra Amarelo. Esta planta é indígena, da família das Hipericíneas, e o Sr. Meira Penha, em seu excelente *Dicionário Brasileiro de Plantas Medicinais* redime o esquecimento do Professor Dias da Rocha: “Todas as partes desta planta – escreve aquele estudioso – vertem um suco resinoso, vermelho ou amarelo avermelhado. Uso med: é medicamento contra escroufulas e oftalmias”.

Nada mais existe no reino vegetal, que tenhamos notícias, que seja utilizado pelo sertanejo para a proteção de seus olhos. Dai porque, na ausência de oculistas, foi reunindo as experiências de cada um de seus companheiros até fazer esta estranha oftalmologia que conhecemos nos sertões do Nordeste e da qual, em linhas gerais, tratamos em nosso livro sobre o assunto.

Como é do conhecimento geral as secreções tanto humanas como as que decorrem de animais, desde a saliva às outras indispensáveis ao funcionamento fisiológico, sempre tiveram amplo e generalizado emprego nos tempos antigos, não sendo algumas dessas estapafúrdias receitas destituídas de razões científicas. A própria urina tão utilizada pelos rurícolas para a lavagem dos olhos enfermos, principalmen-

te atacados de sapiranga, segundo a opinião do Dr. Viellard, que Mário de Andrade leu numa citação do Professor Malhado Filho, – e são estas suas palavras – “constata que mesmo na farmacopéia científica” ela se justifica por causa das “virtudes do sal amoníaco produzido pela decomposição da uréia”.

O que está provado é que essa estranha medicina praticada através da urina não é coisa somente nossa. Em todas as regiões da terra repetem-se os remédios assim obtidos, encontrando-se, conforme registro nosso, uma infusão do cordão umbilical utilizado no Ceará para lavar os olhos purulentos de um recém-nascido é usada também no Islão, fato esse que nos deixou surpresos. Mas na ordem desses remédios o mais extravagante é o que recolhemos agora. Trata-se de uma meizinha infalível para combater a belida. A receita cabalística e absurda é obtida desta maneira: desmancha-se, por esmagamento, a cabeça de dez moscas numa porção de água, e o resultado dessa estranha infusão espreme-se num pano limpo, pingando-se algumas gotas, a seguir, no olho doente. O número de cabeças de moscas diminui de conformidade com os dias de aplicação da receita, pois o remédio deve ser obtido diariamente, até que a oftalmia desapareça. Daí aconselharem, no segundo dia de aplicação do repugnante colírio, esmagar nove moscas, no terceiro dia, oito moscas, no quarto dia, sete moscas, etc.

Lodo que se cria nas jarras, – recipientes de argila utilizados no Nordeste para guardar a água de serventia doméstica, – pele de moela de jati, pernas de grilo, clara de ovo, urina de menino novo, excremento de veado, etc., são remédios de uma maneira geral usados no sertão. O interessante é que o sertanejo, desconhecendo os efeitos nocivos de contágio, geralmente atribui a origem das enfermidades dos olhos aos golpes de ar, a uma “barra do vento”, etc.

– Arre! peguei uma barra de vento chega fiquei com o olho doente...

O medo da humanidade pelo ar, e, conseqüentemente, pelas suas manifestações, vem de longe. No Brasil, já ao tempo das Bandeiras e Entradas, era difundida uma oração contra o ar. Os fanáticos do Contestamento, segundo Lucas A. Biteux, em seu trabalho *Achegas à Poranduba Catarinense*, rezavam assim: “Ar vivo, ar morto, ar do dia, ar da noite, ar de ferro, ar de aço, ar do Sol, ar da Lua, ar das estrelas, ar do vento, ar da Terra, ar da água, ar da sota, ar de estupor, ar de sangue, ar de vidro, ar de paralisia, ar de todos os ares, eu sou que te benzo em nome das três pessoas da Santíssima Trindade e do Divino Espírito Santo, – saía deste corpo para fora, assim como as lágrimas, etc., etc.

Este ar de tanta coisa, poderoso e intrometido, é responsável, segundo o homem do *hinterland*, pelos olhos vermelhos, pelos hordéolos, etc. E quando falha a medicina que se improvisa, como vimos, com os remédios mais estranhos que se possa imaginar, entram em cena os ensalmos, as orações que visam afastar as influências nocivas do mal. Se cai um argueiro no olho, nada mais indicado do que repetir duas ou mais vezes:

*Corre, corre, cavaleiro
Pela porta de São Pedro.
Vai dizer a Santa Luzia
Que me mande o lenço branco
Para tirar esse argueiro*

O mestre do folclore espanhol, Antônio Castilho de Lucas, informa-nos que nas Astúrias e na Galícia são ouvidas muitas orações para curar as enfermidades da vista, tal como aqui entre nós, havendo uma delas com a invocação de Santa Luzia:

*Santa Lucia
trés libros tenia
en uno leia,
en otro escribia,
e en otro belidas desbacia
Co-a gracia de Dios e da Virgem Maria
con un padrenuestro e un avemaria,
A santina e santo deste dia*

Sem uma contribuição maior em sua geobotânica para o tratamento das enfermidades que molesta a vista, vai, assim, o sertanejo lançando mão de sua medicina à base de secreções e de substâncias animais, variando, quando sente falhar a sua terapêutica para os ensalmos de uso comum ao mundo inteiro.

As conseqüências do rifão – “pancada grande é que mata a cobra” – generalizado em todo o Nordeste, não responsáveis pelo tratamento terapêutico violento que essa gente oferece às crianças. A rigor, se atentarmos bem, encontraremos no folclore dessa região, a exemplo do que ocorre, por certo, em outras regiões de características semelhantes, deliberada má vontade contra as crianças. É o menino, – para citar o primeiro exemplo – configurando o astucioso inveterado, que descobre o Demônio em meio a uma festa onde se reuniam centenas de pessoas, descobrindo-lhe o pé-de-pato...

– Mãe, aquele homem ali é o Cão.

– Deixa, de besteira, menino. O homem haveria de ser o Cão?

– Mas é, mãe. Vigie o pé dele. É um pé-de-pato.

Era realmente o Satanás, conclui a história. A astúcia ou a indiscrição infantil recebia, desde aí, o seu diploma. Mas se

por um lado a criança mostra-se artilosa e inteligente a ponto de descobrir intrusos, como o Demônio, por outro, infelizmente, não passa de simples vítima nas mãos de quantos já se esqueceram de que foram também crianças. Caso flagrante é a história do Negrinho do Pastoreio, com a vingança do estancieiro maldito, levando o pretinho a um grande formigueiro, para ser devorado pelas formigas. Acrescente-se, para reforçar a contribuição dessas informações, que não foi somente Moisés que teve de ser posto dentro de uma cesta e lançado às águas de um rio. No Piauí há uma lagoa – e quem nos conta é João Alfredo de Freitas – que guarda uma lenda que principia com um erro de uma donzela e prossegue em seu gesto irrefletido, de vingança, colocando o filho dentro de um tacho, atirando-o à água de uma cacimba. Por outro lado, Mãe d'Água infeliz é a da lenda recolhida por Nina Rodrigues, na Bahia, que ofereceu a uma menina três cabacas. Da primeira, ao ser quebrada, saíram três cobras picando a todos. Da segunda, animais ferozes que a perseguiram até em casa. E a terceira guardava nada mais nada menos do que uma onça que, ao ser solta, comeu todo mundo.

Quando se fizer um levantamento da vida rural, estudando-se em que condições são tratadas as crianças, poder-se-á verificar, numa infinidade de exemplos, que a infância constitui um mundo à parte. A não ser para servir de anjo nas coroações das festas religiosas ou para integrar as procissões, pouco intervêm as crianças na vida social. Homem conversa com homem, mulher tagarela com mulher. Meninos ficam de lado, não entram em conversa dos maiores, que é falta de respeito.

– Sai daqui menino, que a conversa é de homem!

Se a criança chegar para perto das mulheres, recebe a mesma repulsa, em frases como esta ou semelhante: “Vai-te embora, menino. O que foi que tu perdeu no meio das mu-

lheres?” Ou: “La vem o “bendito sois entre as mulheres!” Ou ainda “Vai brincar com os outros, menino metido!”

Até que ponto esse comportamento influencia a comunidade, não sabemos. A verdade é que os que visitam capitais, como Fortaleza, ainda hoje se surpreendem com a estranha separação de grupos, dividindo-se para um lado os homens, para outro, as mulheres. E se esse tratamento é exato, o que nos parece contra-senso, não menos verdadeiro em sua violência ou grosseira é o processo de cura a que o sertanejo submete os seus filhos. Os remédios mais estapafúrdios e repugnantes são ministrados às crianças. E talvez o mais usado – pois o sabemos recenseado em todo o país – é o de se servir ao menino enfermo de sarampo chá de excreto de cachorro, aconselhando-se a utilização somente do que chamam “jasmim”, por estar branco em virtude da força do sol que, porventura, terá sua contribuição nessa estranha terapia.

Das proximidades do parto até que a criança atinja os doze ou catorze anos, mãe e filho experimentam as mais incoerentes recomendações da medicina popular. Pelo menos a situação da mãe, no período da maternidade, é transitória. Alguns meses e já estará livre de seguir esse ou aquele conselho. Não necessitará, após algum tempo, andar de quatro pés pela camarinha para melhor “desocupar” na hora do parto, nem vestir camisa do marido, suja, pelo avesso, para ser feliz, nem tão pouco soprar na boca de uma garrafa ou de uma cabaça para a criança nascer depressa. Porém, o menino nasce fadado a seguir o mesmo roteiro de experiências de práticas medicinais, de conselhos, simpatias, superstições e magias por que passam os outros. Mal vai nascendo já existe alguém com uma figuinha para prender-lhe ao pescoço, na intenção de proteger-lhe a infância contra o mau-olhado.

– Ah, o mau-olhado. É bom cortar a força do mal com esta figuinha...

E tudo o mais que dali por diante aparecer será sempre sob a rubrica da “proteção ao menino”. Mas essa proteção é, na maioria das vezes, um vexame para as crianças. Some-se tudo, desde os ensinamentos de um catecismo mal compreendido até as deduções exemplares de histórias e casos que são relatados. O Satanás surge como o maior corretivo aos erros, porém aceitando o Demônio como espírito do mal, nem por isso deixa o sertanejo de comparar o filho a ele:

Este menino é o Diabo. Você é mesmo um Cão!

Impossível tecer considerações mais demoradas sobre esse tratamento doméstico, já que nos falta um estudo mais profundo que somente a experiência dos anos nos autorizará fazer, para que não corramos o risco de adotar um raciocínio ilógico a respeito. Entretanto, de uma maneira geral, é assim que vive a criança sertaneja. Não se pense, por outro lado, que é maltratada, que não consegue ter os seus momentos de alegria na comunidade. O erro aqui ainda provém do provérbio que, a exemplo dos demais que correm os sertões, formam a verdadeira filosofia popular: “Pancada grande é que mata a cobra”. Essa frase como que autoriza o sertanejo a não ter meias medidas na sua maneira de educar nem tão pouco de pôr em uso a terapêutica de ordem familiar.

Vejamos, a seguir, em que consiste essa terapêutica:

Menino que come vício (isto é, que come terra, pedrinhas, etc.) deve apanhar na boca com um terço bento. Informaram-me que o padrinho ou madrinha da criança terá de recitar o credo para a simpatia operar o efeito desejado. Na terapia dos excretos, da qual vimos um exemplo linhas atrás, surge outra receita não menos repugnante: para dor de barriga nada melhor do que se dar a beber a criança três excretos de cabra (três baldezinhos) de mistura com leite da própria mãe, se essa estiver ainda amamentando, ou de outra mulher.

Tanto as prescrições dessa pediatria são violentas como são extravagantes as indicações. A cabeça de um pinto, mal saído da casca, quando metida na boca de um recém-nascido, é prática das mais felizes para fazer o menino falar o mais breve possível.

Se a criança demonstrar dificuldades para andar – e já recenseamos anteriormente toda uma série de simpatias para esse fim (vide *Medicina Popular*, edição da Livraria – Editora da Casa do Estudante do Brasil) não há como pegar-se um fato de boi, ainda quente, e fazer o menino colocar as pernas dentro dele. O pior de tudo isso, é se a criança sofre de lombrigas. E tendo-as, é descoberta pelos maiores de sua casa. Se escapar de algum purgante feito à base de sementes de mamão, por exemplo, terá que passar por uma receita mais extravagante que já vimos aconselhada para menores. Um dos helmintos é apanhado e torrado, obtendo-se dele, depois, um chá que é servido ao paciente.

Se o menino não articular bem as palavras, nascendo com tendência a ser gago, a receita é receber na cabeça, de surpresa, uma pancada proferida com uma colher de pau, das grandes. Se aparece com impingem terá de se tratar com sumo de lima e cinza, tratamento realizado com aplicações locais. Se, na puberdade, aparecem-lhe espinhas no rosto, receitam esterco de galinha, que tem para os sertanejos, de um modo geral, um poder quase miraculoso.

Se sofre de parotidite (papeira) e a doença “desce”, como se diz em linguagem comum, o menino terá que se abaixar, como quem vai sentar-se, sobre o fogo. Se o menino está atacado de quebranto deve passar por entre as pernas do pai, pelo menos três vezes. E por aí se desenvolve essa terapia que, de maneira violenta, forma a soma de conhecimentos práticos da pediatria no *binterland* nordestino. Assim como nas histórias, nas lendas, há sempre crianças que sofrem, o destino não lhes é ameno quando trata de restituir-lhes a saúde.

A DANÇA DA "TRANÇA"

DOS BLOCOS CARNAVALESCOS, RANCHOS E ESCOLAS-DE-SAMBAS QUE saem à rua, todos os anos, por ocasião dos três dias consagrados ao reinado de Momo, em Fortaleza, sempre despertaram a nossa atenção dois conjuntos de foliões, por nos darem, desde o dia em que os observamos pela primeira vez, a idéia de estarem deslocados da pagodeira. São eles: “Aldeia de Iracema” e “Filhos de Iracema”. Os dois bandos apresentam-se – como sugerem os nomes -fantasiados de índios; penas na cabeça e ao redor do corpo, vestindo os seus componentes calções compridos e justos, ora verdes, ora quase vermelhos, empunhando armas e flechas. Conduzem, igualmente, um mastro, de pouco mais de três metros, ao qual se ajustam mais de duas dezenas de cordões de aproximadamente quatro metros cada.

Tanto para um como para outro existe pequeno acompanhamento musical, no qual predominam instrumentos de percussão e mais um ou dois violões. Maracás e simples pedaços de pau, cruzados com ruído rítmico, reforçam a cadência das músicas que, pelo que conseguimos escutar, no meio da multidão, pouco tem de substancial em sua parte vocal.

Depois de percorrerem algumas centenas de metros escolhem uma autoridade que ali se encontre e passam a homenageá-la com uma exibição completa da dança que

executam, consistindo em linha geral, na movimentação de todos os integrantes do bando, tendo parte ativa o mastro e os cordões. Referida exibição coreográfica é muito interessante e só posteriormente vimos a saber que é conhecida por “trança”, não obstante, no Rio Grande do Sul, onde ocorre também, chamar-se dança do “Pau de fita”.

Os responsáveis pelo acompanhamento musical ficam à parte enquanto os figurantes (contamos vinte e quatro de uma vez e de outra somente vinte e dois) vão dançando ao redor do mastro firmado em plena rua. A princípio fazem volteios, segurando na extremidade dos cordões que, por sua vez, estão presos ao topo do aludido mastro. Depois, ao comando de um chefe – que fica postado ao lado conduzindo os músicos, cada um dos figurantes passa a fazer uma série de evoluções, realizando, em seguida, a parte do trançado que lhe compete. Resulta desse movimento com os cordões uma espécie de tecido, de metro e meio, que se forma na parte superior do mastro.

A essa altura do divertimento, retornam os foliões, passando uns pelos outros em sentido contrário, desfazendo a trança, até se encontrarem como no início da função, isto é, cada qual segurando o seu cordão. Recebendo aplausos da assistência, soltam os cordões do mastro e se organizam em filas, outra vez, de três em três ou de dois em dois, prosseguindo o desfile com um deles conduzindo o mastro e acompanhado da “orquestra”, que, nessa circunstância, faz apenas a marcação de um ritmo terrivelmente monótono, inexpressivo.

Em seu alentado *Dicionário de Folclore Brasileiro*, Luiz da Câmara Cascudo, no verbete – “Trança” – informa-nos o seguinte: “Jogo ou folguedo de trança é um divertimento ligado aos reisados do Natal e Ano Novo. Cantavam em Laranjeiras, Sergipe, segundo Silvio Romero: “Folguedo de trança – é um apêndice dos reisados do Natal e Ano Bom. A casa

onde vão cantar mandam moças com uma vara, enfeitada, numa das extremidades da qual há um suporte que a faz conservar-se em pé e na outra estão presas dez longas fitas de cores diversas...

O folguedo – pelo menos nos livros cearenses em que andamos procurando registro ou simples notícias – não é conhecido aqui como apêndice dos reisados. Se o fosse Gustavo Barroso – que nos deu um excelente livro, *Terra de Sol*, sobre costumes, hábitos e práticas folclóricas da gente do Ceará, tê-lo-ia registrado. Se não o fez é porque não o conhecia a sua existência. Na página 47 do *Boletim Trimestral da Comissão Catarinense de Folclore*, números 9 e 10, encontramos uma fotografia do “Pau de fita” dançado pela guapa rapaziada do “35” de Porto Alegre, interessante clube que reúne em seu quadro social pessoas que revertem sua atenção aos costumes ou mais propriamente às sobrevivências dos hábitos de tão rica região brasileira.

A essa altura o assunto torna-se uma atração para nós, que sentimos tê-lo descoberto para os cearenses. Fizemos algumas consultas a pessoas que talvez nos pudessem informar, com mais precisão, sem nada conseguirmos. Finalmente, após algum tempo de exaustivas pesquisas, recebemos o *Anuario de la Sociedad Folklórica de México*, e lá encontramos completo trabalho de “La danza de las cintas e de la tranza”, assinado por Vicente T. Mendoza.

São vinte e cinco páginas em que se sente o poder de pesquisa do autor, procurando oferecer aos estudiosos da matéria uma soma apreciável de informações. Não há que negar: o folguedo é uma reminiscência das danças de reconhecimento à fertilidade, pois todos nós sabemos que as sociedades primitivas praticavam danças dessa natureza ao se iniciarem as safras ou quando eram abundantes os frutos. Mas, com esse caráter, explicamos melhor, de fitas ou fios,

não existia antigamente. Vicente T. Mendoza estuda o folguedo no México e nos adverte, baseado em Curt Sachs, que “los conquistadores españoles la encontraron así venir a América y que no es de ningún modo de importación europea”. É de origem, portanto, pré-hispânica – como deseja o autor onde vamos buscar essas informações – passando depois a Itália, Alemanha, etc.

A verdade é que aqueles dois grupos de foliões do carnaval cearense executam uma dança que não foi ainda registrada pelos que estudam tais fenômenos em nossa expressão geográfica. E a dança por eles interpretada é a mesma que se observa atualmente no México, em Mérida, Yucatán, Totocán, na Serra de Puebla e Cholula, no Vaile, em São João Totaléc, Atepatépec, Hídalgo e Tíaquepague, em Jalisco. Vale a pena transcrever uma informação de Abate Cravijero: “Había entre otros, un baile muy curioso, que aún usan los yucatecos. Plantaban en el suelo un árbol de quince a veinte de alto en cuya punta se extendían 20 o más cordones (según el número de bailarines) largos y de colores diversos. Cada cual toma la extremidad inferior de un cordón y empieza a bailar así son de los instrumentos, cruzan doce con mucha destreza hasta formar en torno del árbol un tejido con los cordones, observando en la distribución de vueltas se habían acertado tanto los cordones que apenas podían sujetarlos, aún alzando mucho los brazos, deshacían lo hecho con otras figuras e pasos”.

Em quase todas as outras partes do mundo – pelo menos foi o que deduzimos do trabalho do ilustre pesquisador – quer na Alsácia ou Lyon, na França, na Baviera, em Salzburgo, Tirol, na Alemanha, em Piemonte, na Itália, no Indostão ou na Malásia, a “trança” ou dança do “Pau de fita” (algumas vezes, como vimos) é praticada em determinados dias, ora numa festa religiosa – aliás, com mais frequência – ora para comemorar os dias de maior júbilo por uma messe farta e

feliz, exceção feita à povoação de Mérida de San Juan Totolac, onde o folguedo tem caráter carnavalesco, segundo o testemunho de Don José Ignacio Davilia Garibaldi e Don Hígino Vásquez Santana:

“La comparsa lleva un palo largo, en uno de cuyos extremos penden listones de diversos cobres. Los actores, todos con indumentaria indígena de los primitivos tiempos, cuando han ilegado ai lugar en donde debe verificarse la fiesta, forma círculo alrededor dei palo, quedando en ei centro ei individuo disfrazado de anciano que hace como director”.

O povo de San Juan Totolac, segundo comunicação de Evangelino González (in *Anuario de la Sociedad Foiklórica de México*, 1950) dentre as diversas danças que executa a mais vistosa é sem dúvida a “ia vara”, que “se baila en dias de carnaval y es como si gue: A una garrocha como de seis metros de alto, se le cuei-gan desde la punta cintas o listones de distintos colores, de más de seis metros de largo. Cada una de estas cintas pertenece a un danzante. La garrocha se coloca en ei sitio más visible, sostenida por dos hombres, y cada uno d elos danzantes toma su cinta formando un círculo, Cuando empieza la música, cada uno de los danzantes gira sobre si mismo a derecha e izquierda. Después danzan todos para un mismo lado y vuelven a regresar hasta ilegar aí lugar donde partieron.”

No próprio México, a dança é apresentada de preferência no dia 29 de agosto, no dia 2 de fevereiro (festa da Virgem de Candelária), ou a 13 de junho, dia de Santo Patrono, etc. Mérida e San Juan Totolac, como Fortaleza, são exceções. Escolhem o carnaval para mostrar a sua dança da “trança”. Tocada de profundo espírito de religiosidade é ela apresentada em Toledo e lá se denomina igualmente a “Dança do cordão”. O grupo de participantes é de dezesseis pessoas e fazem volteios diante de um poste que conduz uma imagem da Virgem

*A los hombres enaitecen
ei trabalo y la oración
Pues que los dos se encaminan
a la celeste Sión*

E, depois, desfazendo a trança:

*En ei nombre de Jesús
Las cintas están tejidas;
volvamos a desteler
con ei nombre de Maria.*

Don Juan Alfonso Carrizo, citado por Vicente T. Mendoza, em seu *Cancionero Popular de Juiuy*, reúne os seguintes versos da “Dança dos cordões”:

*Pisa, pisa, pastorcilio,
pisa, pisa con valor;
tomaremos vino dulce
de la viña dei Señor!*

*!Ah, Ah! Viva Maria!
!Eh, eh! Viva José!
!Oh, Oh! Viva ei que nació!
Pisa, pisa con valor.*

*Destrencen ias trenzas,
vueivan a trenzar,
que ei Rey de los cielos
se va a coronar.*

Resta-nos saber como chegou a Fortaleza esse divertimento e aportando aí, cidade tão religiosa, foi desvirtuada em seus objetivos, passando a ser dança profana, incorporada aos festejos mominos. É mais uma oportunidade para os que desejem prestar sua colaboração ao folclore do Ceará e do Brasil, esclarecendo-o em seus pequenos mas profundos mistérios.

FOLCLORE
E AÇÃO DAS ELITES

É PONTO PACÍFICO A NÃO ADMITIR DISCUSSÃO: EM TODAS AS sociedades, cedo ou mais tarde, forçosamente, elementos mais dotados e desenvolvidos engastam-se em nova célula geratriz e formam as chamadas “elites”. Embora seus direitos e deveres sejam os mesmos, em igual nível, conforme lembrou J. Ibelioni em seu extraordinário livro *Concepto y Praxis dei Folklore como Ciencia*, a sua atividade consiste “en elaborar constantemente un padrón de vida que cumple ante ia masa ei papel de “modelo”, porque ésta lo considera la forma “cultura” de la existencia”. E acrescenta, ainda, o profundo estudioso: “El centro de acción de esa élite está formado por las grandes ciudades, y particularmente la capital política, y a veces la capital financiera; más raramente la capital moral o religiosa”.

Esta classe, favorecida pelos meios de divulgação, pelo poder de veto às manifestações que considera de mau gosto ou de condição de inferioridade, se não manejada com critério pode constituir sério entrave ao desenvolvimento do estranho, complicado mas excepcional mecanismo que nascendo no povo, e por ele elaborado, forma o que entendemos ser o folclore.

As elites premidas, muitas vezes, pelas contingências da vida hodierna, entregando-se a diversões ociosas, sem se perceberem formam perigoso quisto integrado por aqueles que,

satisfeitos e em contato com os novos e falsos padrões artísticos, principiam a banir de sua existência uma ou outra manifestação de cunho folclórico que até ali se pronunciava. É o que se entende por aprimoramento da burguesia em dissonância com esta ciência popular que na sua misteriosa transmissão, de geração a geração, vai-se renovando, diariamente.

O Prof. Roger Bastide, autor de numerosos estudos sobre temas pertinentes ao Brasil e ao seu povo, ao escrever a respeito do assunto, – *O Folclore da Burguesia*, – ressalta com justiça que a “burguesia, talvez, mais do que qualquer outro corpo urbano constituído é tradicionalista e conservador por definição, guardando vínculos, embora remotos, com os temas rurais, acrescentando, linhas adiante, com o mesmo espírito de clarividência, ser uma das qualidades fundamentais da burguesia o seu espírito de família.

Se as manifestações populares têm lugar no meio urbano e rural, com características mais definidas, é compreensível que pelo menos em nossa expressão geográfica, o que vale dizer, no nordeste brasileiro, os elementos residuais de formação ou transformação dessa ciência sejam muito mais ricos ou abundantes na esfera rural.

Na jornada de pesquisas que vimos cumprindo há mais de dez anos, à procura das fontes e dos valores do folclore de nossa terra, não desprezamos a idéia de que o sertão, representado por considerável núcleo rural ou rústico, é o repositório por excelência de nossas tradições. Não se pode deixar de registrar: as nossas fontes mais puras lá se encontram. O verzejador anônimo, o cantador que se acompanha no ritmo dolente da viola, não é somente o menestrel que relembra fragmentos de velhas histórias, de romances antigos, mas o astucioso e inteligente improvisador do *binterland* que nos oferece talento e inspiração dentro dos cânones tradicionais de sua arte. Nesta existência rural, com os temas

permanentes de colaboração, com os mutirões, com atitudes de indolência ou de decisão; diante das enfermidades, com a utilização mágica de sua medicina misteriosa, onde se cruzam e se encontram receitas e práticas de exorcismo comuns a povos mais antigos, de origem remota; na morte, diante de um ato irreparável, é ainda o sertanejo o homem que demonstra sobejas qualidades humanas, ao envolver o morto com uma aura de condescendente simpatia, perdoando-lhe as incompreensões, os pecados, etc. Na organização primária de sua família, na luta pela vida, em seus momentos de prazer, é o homem do meio rural um ser freqüentemente ligado ao sistema desconhecido que faz gerar e crescer no tempo e no espaço decidida participação nesta contínua formação de remanescentes, sem que se possa, ao menos, explicar.

No Nordeste, não é temeridade afirmar, o meio rural é decisivo. E, facilmente, poder-se-á explicar sua participação positiva, pela ausência das elites que, por outro lado, influenciando o meio urbano, poderão ameaçar ou modificar todas essas contribuições que surgidas da inspiração popular já se transformaram em prática generalizada.

O meio urbano, orientado perigosamente pelas elites que aí se manifestam nas classes pretensamente burguesas, não se mostra capaz de continuar receptível às manifestações da arte e do engenho popular que a ele chegam dos sertões. Das várias tentativas que fizemos ao estudo das comunidades rurais, resultou-nos sempre a idéia de que o deslocamento de pessoas para os centros mais desenvolvidos e a sua procura pelos elementos das elites, respondem pela persistência das nossas sobrevivências folclóricas. Efetivamente, a influência dos representantes das coletividades rurais que na capital entregam-se a ocupações domésticas é avultado. Por outro lado, não somente os que alugam seus serviços, para trabalhos domésticos, mas igualmente os que nascidos em

ambiente rústico por conveniência própria tiveram que emigrar para as grandes cidades, evidenciam a maneira pela qual os centros mais populosos, tidos e havidos por citadinos, recebem a contribuição de seu comportamento diante da vida.

Entretanto, salta-nos em um raciocínio mais lógico esta verdade: os sistemas políticos do mundo moderno, de um modo geral, quando não preparam “elites” de condições burguesas, formam grupos de administradores ou de orientadores que embora tenham diferentes formações, pouco desassemelham em suas realizações de ordem social.

Chega um instante, como o que agora principiamos a viver, que é tal o progresso das Ciências, tal a soma de inventos e melhoramentos introduzidos na vida moderna, para conveniência e prazer do homem, que os próprios divertimentos tomam características especiais. Vimos, nessa ordem de fatos, o Cinema mudo ser superado pelo Cinema falado; o Cinema falado colocar o Teatro em posição secundária, como fator de entretenimento das massas; o rádio oferecer um meio mais rápido e encantador de comunicações e divertimentos musicais, e, agora, a Televisão, fechando as casas exibidoras de filmes, e fazendo a Arte Cinematográfica, para reagir e não sucumbir, partir para novos inventos, para os Cinemascope, os Vistavisions, etc.

A classe mais dotada e melhor instalada na vida – e a essa consideramos ser a burguesia, não nos interessando particularidades e características políticas – embora formada entre nós, alheia ao princípio tradicional, com seus componentes recrutados da própria sociedade urbana, entrosada ou ramificada com a sociedade rural, aos poucos vai tornando-se desinteressada pela arte popular: já não se deixa atrair pelas encenações de pastoris, já não reclama, como o fazia há trinta anos, a ausência de espetáculos populares: não se interessa pela exibição dos auto-dramáticos, não sendo pro-

blema para sua consideração saber que a falta de estímulo o “Bumba-meu-boi”, essa magnífica encenação popular, está fadado a desaparecer nos grandes centros urbanos.

Se por um lado a ação da burguesia é de omissão, de esquecimento, por outro, é perigosamente nociva pela influência que exerce nas áreas de seu domínio. O Cinema, instala-se em quase todas as cidades do *hinterland*; o Rádio torna-se um instrumento de divertimento do povo. E é através deles que se faz sentir essa influência, tornando a enorme massa humana de todo o sertão um organismo em expectativa, pronto a imitar e a receber os ditames da nova ordem imposta pelo Tempo.

É esta grande mas silenciosa luta a que estamos assistindo e que a ela ainda não procuramos dedicar nossa atenção. O trabalho de propagação do folclore rural, feito diligentemente pelas nossas serviçais domésticas, através de informações, da tradicional fórmula da “mãe preta”, dos remédios receitados com simplicidade e que, muitas vezes, surtiam o almejado resultado terapêutico; as histórias simples, os versos, os provérbios, tudo isso já se comprime sob o trato da influência ditatorial do espírito das “elites”, de uma gente que não tem tempo para deixar-se enganar pela fantasia e que não deseja acreditar na magia de um remédio da medicina plebéia se todo o poder revitalizante está contido em poderosos antibióticos que aniquilam qualquer enfermidade.

Cabe-nos, nesta hora, uma responsabilidade fora do comum. Não se está a exigir interpretações sociológicas a respeito desse fato que nos parece novo e duplamente ruinoso para o folclore do Nordeste. É chegado o momento de um órgão com o Instituto do Ceará – para firmarmos um exemplo – manipular todos os seus recursos e oferecer à sociedade burguesa, que se destaca, como frisou o Prof. Roger Bastide, pelo seu espírito de família, os meios e a orientação de que

carece para resguardar de condenável olvido as nossas manifestações populares.

O Instituto do Ceará tem a seu favor o trabalho notável de seu fundador, o Barão de Studart. Se não bastasse o seu empenho de estudar o Ceará, pelos seus aspectos históricos e geográficos, estaria a sustentar-lhe uma aura de prestígio e simpatia o seu *Usos e Superstições Cearenses*, que veio a lume em 1910 na Revista da Academia Cearense, obra de querença àquele estado do Nordeste brasileiro e ao seu povo, onde se encontram, ainda, em sua fórmula original, livre de qualquer influência, centenas de preciosas informações dos hábitos e costumes, das crendices e superstições de uma gente rústica.

É evidente que já não bastam os estudos de pesquisas, o trabalho isolado em procura de novas fontes e de expressões, quer sejam do hinário popular, quer sejam das lendas ou parlendas infantis que fazem a delícia dos grupos sociais do Nordeste, principalmente os do Ceará. É preciso provocar na sociedade urbana, já evoluindo para a pequena burguesia, onde se inquistam as “elites”, um gosto menos falso pelo popular do que aquele dos “bailes de chitão”, tão comuns em Fortaleza, que não passam de grosseira caricatura ao homem do campo. O baile caipira, que se salva pela sua boa intenção, serve também, acrescentando-se, pelo pronunciamento afetivo das “elites” aos temas mais humanos das sociedades rurais. Se melhor orientados valerão essas festas como uma demonstração de vivo interesse pelos assuntos inerentes ao povo. Convém melhor aproveitados e que não se destaque nessas ocasiões o sentimento de humildade ou de atraso do sertanejo inculto, mas que se ofereça aos que integram as “elites” a impressão verdadeira das qualidades de nossa gente dos sertões. Impõe-se a inclusão nestas reuniões de caráter familiar de recitativos inspirados na poesia campestre, de interpretações de números musicais de origem popular e

notícias de episódios que formam o romanceiro das feiras, e, sempre que possível, a presença do próprio artista rude a encantar-nos com a sua voz e o seu talento.

Tratando desse assunto, sob outro aspecto, o mestre Arnold Van Gennep, em seu livro *O Folklore*, esclarecia: “O folklore – ciência que torna compreensíveis os laços que unem às coletividades dos nossos campos os indivíduos superiores que deles saíram. É, assim, acima de um conjunto de análises parciais, uma ciência de um amplo espírito de síntese”. Quase todos nós, pelos efeitos de intercâmbio que existe entre os grupos humanos, temos pontos de contato com o *hinterland*, alguns de ordem familiar, outros, simplesmente afetivos ou sentimentais, mas que nos asseguram de maneira permanente uma condição de querença pela sua gente humilde.

Daí ajustar-se aqui o conceito de Van Gennep – outro valioso testemunho que nos mostra a necessidade de zelarmos pelas nossas tradições e não somente por elas, mas pelo que existe de mais vivo e mais profundo na expressão popular. Se nos inteirarmos desta verdade, nada mais necessitaremos do que um plano de proteção e estímulo aos artistas anônimos. O setor cultural da administração pública, ao lado dos sodalícios, das entidades que zelam pelo nosso folclore, têm, assim, uma grande responsabilidade no momento que passa: vigiar e defender as sobrevivências populares.

Um povo que esquece a sua poesia, que não sabe contar as histórias nem dançar ao som de suas músicas, é, infelizmente, um povo sem destino.